



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

MARIA FÉLIX DE CARVALHO

**A (DES) CONSTRUÇÃO DA(S) IDENTIDADE(S) DO NEGRO BRASILEIRO EM OS
TAMBORES DE SÃO LUÍS DE JOSUE MONTELLO**

Campo Grande/MS
2017

MARIA FÉLIX DE CARVALHO

**A (DES) CONSTRUÇÃO DA(S) IDENTIDADE(S) DO NEGRO BRASILEIRO EM OS
TAMBORES DE SÃO LUÍS DE JOSUE MONTELLO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Orientadora: Prof^ª. Dra. Zélia R. Nolasco dos S. Freire

Campo Grande/MS
2017

C325d Carvalho, Maria Félix de

A (des)construção da(s) identidade(s) do negro brasileiro em Os Tambores de São Luís de Josué Montello/Maria Félix de Carvalho – Campo Grande, MS: UEMS, 2017

112 f.; 30cm.

Orientadora: Profa. Dra. Zélia Nolasco Freire.

Dissertação (Mestrado) – Letras- Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2017.

1. Desconstrução da identidade 2. O negro brasileiro 3. Josué Montello I. Os Tambores de São Luís. CDD 23. ed. 305.8960981

MARIA FÉLIX DE CARVALHO

**A (DES) CONSTRUÇÃO DA(S) IDENTIDADE(S) DO NEGRO BRASILEIRO EM OS
TAMBORES DE SÃO LUÍS DE JOSUE MONTELLO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Orientadora: Prof.^a Dra. Zélia R. Nolasco dos S. Freire.

Aprovada em...../...../.....

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dra. Zélia R. Nolasco dos S. Freire (presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS.

Prof. Dra. Susylene Dias Araújo (titular)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS.

Prof. Dra. Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi (titular)
Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD

Prof. Dra. Eliane Maria Oliveira (suplente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dra. Alexandra Santos Pinheiro (suplente)
Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD

Campo Grande/MS, 07 de julho de 2017.

A Ana Ester, Rita de Cassia e Pedro Antônio,
filhos da minha alma, do ventre e do coração.

Ao meu companheiro Hélio Alves
pela compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradecer significa:

Tomar o que me é dado,
Segurá-lo com respeito nas mãos,
Acolhê-lo dentro de mim,
Em meu coração,

Até que percebo internamente:

Agora é uma parte de mim.

Agradecer é também:

Aplicar o que me foi dado
E se tornou uma parte de mim
Numa ação que permita a outros
Alcançar também
O que me enriqueceu
Só então o que me foi dado
Alcança sua plenitude.

Bert Hellinger

A intensa travessia que nos leva à conclusão da escrita de uma dissertação, embora, por vezes solitária, necessita de tantas presenças, sejam elas por meio de nossas lembranças, ou pela ajuda que vai desde um desabafo, uma troca de ideias, uma sugestão de bibliografia, a companhia para um evento, o dividir trabalho doméstico, o cuidado com o filho, a compreensão pela ausência e o acreditar além de nós.

Portanto, como canta o poeta.

Agradeço a todos que de perto ou de longe, direta ou indiretamente, participaram comigo na construção deste trabalho.

Neste sentido, agradeço a Deus, que mesmo recebendo tantas e diferentes denominações é a força inesgotável de sabedoria que por sua misericórdia nos levanta a cada dia para enfrentarmos batalhas que sozinhos não conseguiríamos.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pois o conhecimento científico que nela encontrei, foi para mim, como um divisor de águas, mudou a minha vida significativamente.

Aos meus professores do Programa do Mestrado em Letras da UEMS – Campo Grande em especial aos que estão comigo desde a Graduação, Marlon Leal Rodrigues, Eliane Oliveira, Daniel Abrão, João Fabio e Susylene Araújo.

Ao programa Brasil Afroatitude, em especial, a Maria de Lourdes Silva e a todos os amigos negros e negras que caminharam comigo em busca de descobertas e da autoafirmação da identidade negra, que em alguns momentos tentaram silenciar.

A minha orientadora Zélia Nolasco pela paciência, ensinamentos e por toda a orientação atrelada à liberdade que me deu para a realização da escrita deste trabalho.

Às Professoras, Eliane Maria Oliveira e Susylene Araújo pelas importantes contribuições na banca de qualificação.

Aos amigos que fiz durante este processo, representados aqui por Janaina, Maura, Rosana, Melquizedeque, Luciene e em especial Erivania (*in memorian*).

Aos meus pais Eunice e Pedro, (*in memorian*) pelo amor e ensinamentos que carrego e emano, e também pelos irmãos e irmãs que me deram e sucessivamente assim, aos meus sobrinhos e sobrinhas.

Aos meus filhos, a quem dedico este trabalho, que era um sonho despertado durante pesquisas da Graduação, e ao meu neto Lorenzo que nasceu nesse período de escrita.

Ao meu Companheiro Hélio, por fortalecer-me e permanecer presente em todos os momentos de minha ausência, incentivando-me a conseguir vencer mais essa etapa.

A minha amiga Nádia Nelziza que por sua fé e coragem me encorajou a iniciar e terminar este processo de mestranda.

Aos colegas e amigos de trabalho da E.E. Aracy Eudociak, que depois da minha família são os que mais de perto me acompanham e torcem por mim.

À Naiara, pela troca de ideias.

A todos os amigos que emanam vibrações positivas.

E está de pé a negrada
a negrada arriada
inesperadamente de pé
de pé no porão
de pé nas cabines
de pé na ponte
de pé ao vento
de pé sob o sol
de pé no sangue
.....de pé
.....e
.....livre

(O “Diário de um retorno ao país natal” de Aimé Césaire)

[...]

E daí?
E daí?

Negra!
Sim
Negra!
Sou
Negra!
Negra!
Negra!
Sou negra!

De hoje em diante não quero
alisar meu cabelo
Não quero
E vou rir daqueles
que para evitar - segundo eles -
que para evitarmos algum dissabor
Chamam os negros de gente de cor
E de que cor?!
NEGRO
E como soa lindo!
NEGRO
E olha esse ritmo!
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO
Por fim
Por fim compreendi
POR FIM
Ja não retrocedo
POR FIM
Avanço segura
POR FIM
E bendigo os céus porque quis Deus
que negro retinto fosse minha cor
E agora compreendi
POR FIM
Tenho a chave!

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO
Negra sou!

(Me gritaron negra! Victoria Santa Cruz. Tradução de Ricardo Domeneck)

CARVALHO, Maria Félix. A (des) construção da(s) identidade(s) do negro brasileiro em *Os Tambores de São Luís de Josué Montello*. 2017. Trabalho de Defesa ao Mestrado em Letras (Pós-Graduação em Língua e Literatura: Historiografia Literária) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande.

RESUMO

Este estudo discute a maneira como foi (des) construída a(s) identidade(s) do negro brasileiro, a partir do romance *Os Tambores de São Luís* (1975) do escritor maranhense Josué Montello. Embora a obra possa ser analisada por variadas temáticas relacionadas ao problema da escravidão. Nosso olhar se voltou particularmente para a análise da identidade do protagonista Damião em virtude de sua trajetória que se constrói dentro do enredo repleta de crises existenciais. Refletindo a identidade como um processo complexo e que não se estabelece isoladamente, mas na interação do sujeito com seu meio social, passando sempre pela alteridade, como relata a pesquisadora Zilá Bernd (2011). Para tanto foram analisados os acontecimentos sociais e históricos em que se insere a personagem, na perspectiva de entender o que Stuart Hall (1992), Ricardo Franklin Ferreira (2000), Kabengele Munanga (2008), em seus estudos caracterizam de crise de identidade. Na tentativa de contribuir para maior compreensão dos fatores histórico-sociais que possam ter influenciado ou não para a construção e desconstrução da, ou das identidades do negro. Para tanto a pesquisa perpassou, além dos aspectos intrínsecos ao romance, a fortuna crítica do autor, pois a obra estudada possui características autobiográficas, e, também se levou em consideração os pressupostos teóricos e a análise estrutural, passando pelas questões estéticas do romance, a uma reflexão dialética, literária e sociocultural.

Palavras-chave: Identidade, Afro-brasileiro, Josué Montello, Os Tambores de São Luís

CARVALHO, Maria Félix. The (un) construction of the identity(s) of the Brazilian negro in *Os Tambores de São Luís* de Josué Montello. 2017. Trabalho de defesa ao Mestrado em Letras (Pós-Graduação em Língua e Literatura: Historiografia Literária) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande.

ABSTRACT

This study discusses how the Brazilian Negro identity (s) has been (are) constructed from the novel *Os Tambores de São Luís* (1975) by the Maranhão writer Josué Montello. Although the work can be analyzed by various themes related to the problem of slavery. Our gaze turned particularly to the analysis of the identity of the protagonist Damião by virtue of his trajectory that is constructed within the plot full of existential crises. Reflecting that the identity is something complex and that is not established in isolation, but in the interaction of the subject with his social environment, always passing through the otherness, as the researcher Zilá Bernd (2011) reports. For that, we analyzed the social and historical events in which the character is inserted, in the perspective of understanding what Stuart Hall (1992), Ricardo Franklin Ferreira (2000), and Kabengele Munanga (2008), in his studies characterize identity crisis. In an attempt to contribute to a better understanding of historical and social factors that may or may not have influenced the construction and deconstruction of black identities. In order to do so, the author's critical fortune, as well as the intrinsic aspects of the novel, has had autobiographical characteristics. The theoretical assumptions and the structural analysis have also been taken into consideration, through the aesthetic questions of the novel, the A dialectical, literary and sociocultural reflection.

Key words: Identity, Afro - Brazilian, Josué Montello, *Os Tambores de São Luís*

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
CAPÍTULO I.....	19
1.JOSUÉ MONTELLO: ENTRE FICÇÃO E REALIDADE.....	19
1.1 Ressoam “Os Tambores de São Luís”.....	26
1.2 A Narrativa de Josué Montello.....	34
1.3 Damião: entre Tempo e Lugar.....	39
CAPÍTULO II.....	44
2.OS TAMBORES DE SÃO LUÍS: ROMANCE HISTÓRICO?.....	44
2.1 Da História para o Romance.....	49
2.2 Do Negro ao Afrodescendente.....	62
2.3 Damião: conflitos da Personagem.....	70
CAPÍTULO III.....	75
3. DAMIÃO: (DES) CONSTRUÇÕES DE UMA IDENTIDADE EM CONFLITOS.....	75
3.1 Damião no Mundo dos Brancos.....	79
3.2 Damião no Quilombo.....	87
3.3 A Identidade do "Entre-Lugar".....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	101
ANEXOS.....	107

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Dize - me o que lêes na plenitude de tuas horas, e eu te direi quem és.
Josué Montello

Ao nos debruçarmos sobre a obra de Josué Montello, aqui especificamente *Os Tambores de São Luís* (1975), somos guiados ao mundo fictício de diferentes e contraditórios personagens, porém, ao nos propormos discutir a construção e desconstrução da identidade do afrobrasileiro, objetivo primordial nesse trabalho, escolheu-se o protagonista Damião. Reconhecidamente a construção mais expressiva do escritor maranhense Josué Montello. A análise perpassará as relações de Damião com outros personagens, pois a identidade é um processo subjetivo, construída a partir dos seus sentimentos e das relações que se estabelecem ao longo da sua trajetória dentro do romance.

Em *Os Tambores de São Luís*, Josué Montello nos conta sobre a vida de Damião, mas por meio dela também nos revela a história de um tempo, de uma sociedade, de um povo. Em meio aos percalços da trajetória do protagonista, ressoa a voz do negro que tem sua caminhada delineada em apenas uma noite do mês de agosto no ano 1915.

Damião deixa sua casa para conhecer o filho da bisneta que está prestes a nascer, todavia, ao adentrar um bar em busca de comprar fósforo para acender o cigarro, se depara com duas mortes, e a partir desse fato, tem a memória reavivada, e, por meio de suas reminiscências, recorda à história da escravidão do negro, desde sua chegada ao Brasil, perpassando às lutas abolicionistas até a liberdade.

Como descreve o autor no posfácio da obra, o romance foi escrito entre 1972 a 1974. Sua primeira publicação ocorreu em 1975 e neste trabalho foi utilizada a sexta edição, impressa em 1985.

A pesquisa perpassada pela leitura de críticos canonicamente reconhecidos e arquivos de domínio público da Biblioteca Nacional e da Academia Brasileira de Letras - (ABL), nos revelou um romance com recepção maior do que a esperada por Josué Montello. A edição inicial foi esgotada já no primeiro mês, permanecendo entre os mais vendidos do mundo no mesmo ano em que foi publicado, recebeu muitos prêmios e foi traduzido para várias outras línguas, lançado na bienal do livro em Paris em 1987 com o título: *Les Tambours noirs*, traduzido por Jacques Thiériot - Marie-Pierre Mazeas - Monique Le Moing, passando a ser nome de ruas e praças na cidade do Rio de Janeiro, entre outros requisitos que a caracterizaram como obra prima do autor e o grande romance sobre a escravidão.

A escolha de Damião como o protagonista que representa a trajetória do afrobrasileiro se fortalece na forma como o autor construiu a trajetória da personagem dentro do enredo, entrelaçando vidas de pessoas participantes de sua história com personagens fictícios.

Assim, pensando na identidade como construção não estática e nos orientando pelas afirmações de Antonio Candido (2006) observamos que embora não seja nossa intenção principal tratar das correspondências existentes entre os aspectos da vida real e os que aparecem no romance montelliano, ao analisar o texto literário tomando como base o assunto abordado, ou seja, a escravidão, Antonio Candido (2006) nos alerta ao tema que nos é apresentado, baseia-se em realidades históricas e sociais sobre as quais devemos nos debruçar para compreendermos como foram constituídas dentro do romance.

O tempo cronológico do romance transcorre das 22 horas de uma noite no ano de 1915 e termina às 9 horas da manhã do dia seguinte, no entanto por meio das memórias de Damião, tempo psicológico, a história perpassa anacronicamente todo o um percurso de mais de trezentos anos de escravidão.

Consequentemente, em *Os tambores de São Luís* (1975), o contexto principal, ou seja, a escravidão é o fio condutor para outras problemáticas sociais como é o caso do preconceito e do racismo, que suplantaram estigmas, cristalizando-se historicamente e que serão discutidos no capítulo II deste trabalho.

Diante dessas considerações, tendo a concepção de que a obra literária nos oferece meios para refletirmos sobre a vida (em especial o gênero romanesco), aludindo a Antonio Candido a afirmação em que o romance brasileiro anseia apalpar todo país, algumas vezes não se dando por meio do texto histórico. Percebemos que ao discutir tais questões, contribuimos para o processo de compreensão não só da escravidão, mas especificamente e principalmente do que houve com a população negra no Brasil após a abolição.

No primeiro capítulo deste trabalho discorreremos sobre a fortuna crítica do escritor Josué Montello. Nas investigações a respeito do autor, encontrou-se material muito rico na obra, *Melhores Crônicas-Josué Montello* (2009), escrita por Flávia Vieira da Silva do Amparo¹, também por meio do site da Fundação de Cultura Josué Montello, e ainda pela obra

¹ A escritora, professora e Dra. Flávia Vieira da Silva do Amparo é formada em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ e fez seus estudos de pós-graduação (mestrado e doutorado) na UFRJ. Desenvolveu pesquisa sobre a poesia e o poético na obra de Machado de Assis. Tem alguns trabalhos publicados e entre esses organizou o livro, *Melhores crônicas de Josué Montello*. São Paulo: Global, 2009.

reunida pela biblioteca da ABL (Academia brasileira de Letras), escrita por Claudio Murilo Leal² (2011).

As leituras destes pesquisadores evidenciaram que Josué Montello está entre os grandes nomes da nossa Literatura, e o número de trabalhos acadêmicos e críticos consagrados que já analisaram seus textos já se tornou muito vasto, levando o autor a ser comparado a outros nomes do cânone literário universal, como fica claro na obra reunida por Flavia Amparo, *Melhores Crônicas* (2009). A escritora traz na orelha do livro o depoimento do escritor Wilson Martins³, onde ele diz que, como em Mallarmé, para Montello tudo existia para se transformar em livros. Amparo também resgata na contracapa as afirmações de Manuel Bandeira, comparando a maneira de escrever de Josué Montello com a do escritor Machado de Assis, parece passada a limpo.

Essa é certamente uma das razões que fizeram com que a análise da obra montelliana nunca se esgotasse, enquanto tema de dissertações e teses, e não especificamente no campo dos estudos literários, mas, também, dos estudos sociológicos, entre outros.

Ainda no primeiro capítulo, ao analisarmos o cenário escolhido por Josué Montello para ser retratado em seu romance, período escravocrata, não poderíamos deixar de considerar os termos linguísticos encontrados na obra, referenciando espaços, lugares, idealizações, personagens, entre outros assuntos ligados ao momento que transcorreu a escravidão no Brasil e o que veio se delineando logo após.

E, como o próprio título, *Os Tambores de São Luís* já sugere, discutiremos sobre a importância das religiões de matriz africana enquanto símbolos de resistência para o negro, que não nasceu escravo, mas fora escravizado, bem como a formação de quilombos, que tem um sentido de fuga da realidade dos maus tratos sofridos pelas personagens, mais acentuadamente pela família de Damião.

Salientamos, no entanto, que esta pesquisa não é um estudo profundo para abarcar a escravidão em seu sentido mais pleno, até porque não se trata de um trabalho voltado à História ou à Sociologia, mas estamos tratando de um texto fictício, que embora compreenda

² Doutor em Letras e Mestre em Literatura Brasileira pela UFRJ. Escreve para a imprensa oficial da Academia Brasileira de Letras.

³ Wilson Martins foi crítico literário, tradutor e professor. Formou - se em direito em 1943, pela Universidade do Paraná. Estreou como crítico literário com a publicação, em 1946, da coletânea *Interpretações*. Após receber bolsa de estudos do governo francês, passa uma temporada em Paris entre 1947 e 1948. Em 1952 inicia a carreira de professor na Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná e, a partir de 1954, colabora na grande imprensa escrevendo para o jornal O Estado de S. Paulo. Em 1978 passa a escrever no Jornal do Brasil.

infinitas riquezas de fatos e personagens, podendo ser lido e discutido por vários viéses, não haveria tempo hábil em uma dissertação, pois o campo para tal estudo é muito vasto.

No segundo capítulo, levando em consideração as afirmativas do autor, Josué Montello, ao afirmar desejar escrever o grande romance histórico sobre a escravidão, analisamos que, ao cumprir com seu anseio de escritor, nos ofereceu também um grande romance de memórias com características autobiográficas sem deixar de ser romance histórico. A esse respeito, Winfried Kreutzer⁴ em seus estudos, classificou *Os Tambores de São Luís* como uma obra complexa e multifacetada.

As afirmações do pesquisador alemão são esclarecidas por meio da análise do romance montelliano, pois mesmo trazendo em seu contexto a temática da escravidão o que lhe proporciona característica do romance histórico, não é possível classificá-lo com muito rigor, pois ao analisá-lo compreendemos os motivos para ser denominado como romance multifacetado, enquadrando - o em outras tipologias, mesmo cientes da peculiaridade de cada uma, mas pela semelhança que há no gênero romanesco que nasce da interação do homem com seu mundo.

Entretanto, nesta perspectiva, neste mesmo capítulo, discutiremos sobre as características que situam o romance enquanto histórico. Para tal análise buscou-se sustentação por meio das teorias de Gyorgy Lukacs (2011) e Fredric Jameson (2007) e também na tese do escritor alemão Winfried Kreutzer, no instituto de Filologia Românica da Universidade de Würzburg da Alemanha, intitulada, *Estruturação e significação de Os Tambores de São Luís*, publicada em 1992. Para a realização da sua tese, Kreutzer, traduziu *Os Tambores de São Luís* para a língua alemã, e mesmo não sendo o primeiro a fazer uma interpretação da mesma (como ele mesmo afirma em seu prefácio), “se compromete a buscar uma significação para o romance ao qual ele caracteriza como complexo e multifacetado” (KREUTZER, 1992, p.6).

Embora Kreutzer analise os elementos estruturais da narrativa, ao fazê-lo não deixa também de debruçar-se sobre outros aspectos da obra como as inspirações que levaram Josué Montello a escrita do romance podendo ser individuais e coletivas.

Nesse sentido, pensando em *Os Tambores de São Luís* como o grande romance da escravidão abarcando muitos fatos relacionados ao período, um dos aspectos que julgamos bastante relevante dentro da obra é o fato do autor descrever as várias nuances da resistência dos escravizados à vida desumana a que eram submetidos; para discutir tal aspecto se faz necessário, assim como fez Montello antes de escrever o romance, nos remetermos aos

⁴ Prof. Doutor Winfried Kreutzer, da Universidade de Würzburg, Alemanha. Escreveu em 1992 a tese sobre a obra *Os Tambores de São Luís*, intitulada: *Estruturação Significação de Os Tambores de São Luís*. .

estudos históricos fazendo menção não só aos tipos de castigos que os negros enfrentavam, mas também às formas de resistência ao cativo legitimando a fuga, a religiosidade e até mesmo o suicídio.

Para tanto, encontramos um estudo realizado por Saulo Veiga Oliveira e Ana Maria Galdini Raimundo Oda, intitulado *O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão*, publicado em 2008, que traz informações relevantes podendo ser relacionadas à história contada por Josué Montello, mesmo esta se passando em São Luís do Maranhão. Outro trabalho que também colaborou muito nesse aspecto foi à obra de Wlamyra Ribeiro de Albuquerque, *Uma história do negro no Brasil*, (2006).

Em *De Preto a Afrodescendente: implicações terminológicas*, (2009), o escritor José Geraldo da Rocha propõe debater diferentes denominações empregadas para determinar os escravizados e após a abolição (o negro liberto), chegando até aos nossos dias, perpassam a ideia de simples palavras, mas carregam em si densos sentidos. Outra grande fonte que contribuiu imensamente com essa pesquisa foi o trabalho da pesquisadora Lilia Moritz Schwarcz, *O Espetáculo das Raças* (1993). E ainda, outros pesquisadores que discutem sobre aspectos específicos do período escravocrata.

É lícito destacar que em alguns momentos no corpo deste trabalho, utilizaremos para nos referir às diferenças entre brancos e negros a palavra raça, até mesmo porque por muito tempo foi o termo mais utilizado quando havia necessidade de falar separadamente de brancos e negros, raça branca, raça negra, e mesmo que na contemporaneidade, como nos afirma Zilá Bernd no seu livro, *Racismo e Anti-Racismo* (1994). “A ciência atual comprovar sobejamente a impossibilidade de se aplicar ao ser humano o conceito de raça, que surgiu em referência ao reino animal”. (BERND, 1994, p. 11), trazendo para o debate no início do século XX, o termo etnia que significa *ethnos*, povo, e nos remete à ideia de indivíduos compartilhando de uma mesma cultura. Ainda assim, até os nossos dias, os dois termos são tomados como sinônimos, e aqui não serão empregados no sentido racista, mas refletindo que ambos podem apenas denotar maneiras para nos referirmos a um determinado grupo de pessoas.

Neste sentido, ainda a respeito dos termos para se referir a grupos diferenciados historicamente, conseqüentemente, por considerar a construção, de acordo com a história atribuiu-lhes um significado político, construído a partir da análise do tipo de racismo que existe no contexto brasileiro, e ponderando a definição histórico e cultural ao qual estes termos nos remete, consideraremos como mais eficiente para o trabalho que estamos nos

propondo, o termo, étnico-racial, que vem demonstrar a multiplicidade de dimensões e questões que envolvem a história, a cultura e a vida dos negros no Brasil.⁵

Após tal análise, no terceiro e último capítulo, objetiva-se discutir os conflitos vivenciados por Damião e como estes influem na construção ou desconstrução de sua identidade, à luz de autores com formações diferentes, mas com consonância de pontos de vista a respeito da temática. Neste sentido, temos, Stuart Hall e Kabengele Munanga, sociólogos, e Ricardo Franklin Ferreira e Antônio da Costa Ciampa, psicólogos e ainda a professora e pesquisadora Zilá Bernd, que, em seus estudos neste campo, chegam ao denominador comum, entendem que as identidades não são “unificadas”, mas sofrem influências e mudanças de acordo com os contextos sociais e históricos ao qual o indivíduo esteja inserido.

E ainda para fundamentar, tomaremos de empréstimo o título da obra de Florestan Fernandes, *O Negro no Mundo dos Brancos*, que nos proporcionou o subtítulo, *Damião no Mundo dos Brancos*.

Para dar mais riqueza à pesquisa (tendo como fonte documentos que podem ser encontrados na Biblioteca Nacional Brasileira e na Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro), ao final da dissertação poderão ser consultadas fotos do período em que a obra estudada estava para ser lançada e já era notícia nos principais jornais do país, bem como a repercussão obtida após seu lançamento no Brasil e no exterior; e à noite de autógrafos em que Josué Montello reúne figuras historicamente importantes em torno de si, como a família Kubitscheck.

Nossas pesquisas no revelaram que desde a publicação de *Os Tambores de São Luís* (1975), foram realizadas muitas análises do romance e por vários viéses, entre estes trabalhos estão, *Um Romance de cisão: Os Tambores de São Luís*, publicado em 1977, por Artur Anselmo⁶, em que o pesquisador aponta para três mundos, ou tempos históricos, o mundo constituído por África e o Quilombo, ao qual ele chama de unificado, o mundo cindido que estaria representado pela Senzala, Seminário e o Liceu onde ele define como Sistema, e o mundo reunificado, A Casa das Minas e o som dos Tambores.

Artur Anselmo também já assinala para as questões relacionadas ao drama humano do romance e a análise do conflito central de Damião como as temáticas mais importantes das

⁵ Educação anti-racista : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 /Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p.236 (Coleção Educação para todos). Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001432/143283por.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

⁶ Professor Doutor Artur Anselmo de Oliveira Soares. Professor Associado com Agregação Membro da Comissão Científica do Departamento de Estudos Portugueses e-mail: aa@fsh.unl.pt.

encontradas presentes na obra. Para a época em que analisou *Os Tambores de São Luís*, ou seja, há quatro décadas, ele via no romance montelliano o diferencial que a crítica literária precisava para superar o *loci communes*⁷ vigente (ANSELMO, 1977, p.29).

A delimitação realizada pelo pesquisador Artur Anselmo, embora faça sentido pode ainda ter outra demarcação. Observamos que os espaços são antagônicos, assim faremos uma divisão análoga, mas não idêntica à análise do pesquisador, pois consideramos que a delimitação pode ser realizada entre os dois mundos, Quilombo, Casa das Minas e som dos tambores como representação do negro, e a Casa Grande, O Seminário e o Liceu, como representação do branco, havendo uma cisão desses espaços contrários, em que Damião transita, e por vezes, não consegue assimilar o seu lugar, permanecendo no que podemos considerar de “entre lugar”. Essa análise encontra respaldo na obra da escritora Zilá Bernd, *Literatura e Identidade Nacional* (2011), quando ela se refere aos estudos de Home Bhabha (1998), mencionando o espaço “intersticial” ou do “entre lugar”⁸ inicialmente analisado por Silvano Santiago (1971), sobre o qual será devidamente discutido no último capítulo da dissertação.

Entretanto, embora Anselmo (1977), já enfatiza os problemas humanos, sobretudo relacionados a Damião dentro do enredo, assemelhando-se ao que mais chamou também a nossa atenção para a obra, à análise pretendida, difere-se de todos os trabalhos encontrados, pois nosso objetivo é analisar a construção/desconstrução da (s) identidade (s) do negro brasileiro dentro do romance. O trabalho mais próximo da análise que nos propomos a fazer é, *A Construção de Uma Identidade Nacional na Obra Os Tambores de São Luís de Josué Montello* (2013), da pesquisadora maranhense Conceição Maria Belfort de Carvalho; porém a teórica escreve pelo viés da análise discursiva, observando como é construída a narrativa relacionando regionalismo e identidade nacional.

⁷ Lugar Comum

⁸ O termo “Entre lugar” faz referência à construção teórica dos trabalhos do escritor Silvano Santiago (1971). Utilizado também por Home Bhabha (1998) e Zilá Bernd (2011).

CAPÍTULO I

1. JOSUÉ MONTELLO: ENTRE FICÇÃO E REALIDADE.

É bom que tenhamos guardado, na memória dos dias idos e vividos, as grandes asas de outrora, para com elas regressar, num milagre repentino de saudade, ao mundo que nos encantou.
 Josué Montello (1957)

Josué Montello é um grande memorialista, assim, este capítulo é dedicado à análise de como o autor mantém vivo em seu romance um tempo que passou. *Os Tambores de São Luís* tem origem fundamentada na interação existente entre a vida individual do escritor e suas experiências culturais em São Luís do Maranhão e por todos os outros espaços nos quais conviveu, evidenciando que na construção narrativa de *Os Tambores de São Luís*, há o imbricamento histórico literário.

Ao dar voz a Damião o autor nos leva ao desvendamento de suas próprias experiências ao conviver em São Luís do Maranhão, mas que soube transpor suas vivências narrando-as em uma obra literária. Desta forma, Montello transcendeu à história, e o romance passou a ter característica universal.

Essas peculiaridades da obra podem ser compreendidas ao que Antonio Candido (1970) descreve, fazendo alusão à personagem, de “disfarce leve do romancista” (CÂNDIDO, 1970, p.68). As palavras do crítico explica o fato de Josué Montello misturar experiências concretas e reais de sua própria personalidade às das personagens do romance, o que confere ao *Os Tambores de São Luís* (1975) propriedades típicas dos romances memorialistas.

Entretanto, essa constatação, não descaracteriza *Os Tambores de São Luís* do romance histórico, pelo próprio contexto apresentado. Como verificamos a partir de Gyorgy Lukács (2011), um passado distante cronologicamente ao do escritor, mas podendo ser reconhecido por meio das personagens históricas cujas nos são apresentadas no contexto da narrativa e que se misturam aos da criação do autor com tamanha verossimilhança, não se podendo à leitura do romance distingui-las.

Desse modo, podemos concluir que *Os Tambores de São Luís* tem sua construção a partir da tomada de consciência de Josué Montello que conviveu, mais precisamente, em São Luís do Maranhão, com os reflexos históricos deixados pela escravidão, porém sobre esse aspecto da obra nos ateremos mais adiante.

Assim, ao analisarmos a trajetória da vida do autor, vamos encontrar na leitura do romance muitas semelhanças entre ele e o protagonista Damião, o que nos leva a afirmar,

parafrazeando Antonio Cândido, a personagem Damião é um disfarce de Josué Montello, sem deixar de ser um ser fictício, pois se isso ocorresse a obra deixaria de ser romance e passaria a ser documento.

Damião é representado como um homem estudioso e perspicaz, que aprende a ler prematuramente. Considerando sua realidade de escravo, levando-o a conseguir uma ascensão social, são essas algumas das características do protagonista que o assemelha a Josué Montello.

Montello, na construção da personagem, atribui-lhe particularidades das suas vivências, durante vários momentos do enredo, tanto pelas figuras com quem dialoga, como por alguns traços subjetivos, como a memória aguçada. Podemos verificar essa propriedade do romance quando Damião consegue repetir o sermão que o Bispo fez durante a missa com fidelidade às palavras, e ainda por sua obsessão pelos livros. O que pode ser demonstrado no trecho onde a personagem dialoga com o bispo: “Agora mesmo se o senhor bispo quiser, posso repetir o sermão que o senhor bispo pregou hoje de manhã na capela”. (Montello, 1985, p. 103).

Seguindo esta perspectiva, neste capítulo trataremos das descobertas realizadas por meio da pesquisa sobre a vida do autor que o identificam, não em sua totalidade, com o seu personagem Damião.

A pesquisa nos revela que Josué de Souza Montello foi um grande conhecedor tanto de documentos históricos como de textos da ficção, pois ao começar escrever muito prematuramente, sua escrita foi sendo lapidada com o tempo e aos 15 anos ele já colaborava com um jornal bastante prestigiado em São Luís do Maranhão, chamado *O Imparcial*.

Logo após esse tempo, com apenas 19 anos, foi para Belém no estado do Pará, onde concluiu o curso secundário, e ainda no mesmo ano, 1936, mudou-se para o Rio de Janeiro, passando a escrever para algumas revistas literárias como, *Dom Casmurro*, *A Careta*, *O Malho*, *Ilustração Brasileira*, *A Manhã*, *O Jornal Correio da Manhã*, e ainda para a *Revista Manchete*. (LEAL, 2011, pp.6,7).

Por este tempo, escreveu também seu primeiro romance, *Janelas Fechadas* (1941). Suas publicações perpassaram quase todos os gêneros. Escreveu 27 Romances, sendo *Os Tambores de São Luís*, sua sétima publicação. Tinha apenas 20 anos ao escrever seu primeiro romance dando-lhe a forma final após reescrevê-lo por várias vezes, considerando-o pronto apenas no ano 1982.

Claudio Leal da Costa, que teve como tese o trabalho intitulado *Os Tambores de São Luís e a pós-Modernidade* e escreve para imprensa oficial da ABL (Academia Brasileira de

Letras), afirma: “O respeito com a tradição da linguagem de seus mestres, especialmente Machado de Assis, Eça de Queirós e Almeida Garret”, fizeram com que, “Tristão de Athayde afirmasse ser uma das características marcantes da prosa Montelliana é o esmero da expressão verbal” (LEAL, 2011, p. 13).

Sobre esse aspecto, no primeiro capítulo da obra, *Romances e Novelas* (1986), intitulado *de Confissões de um Romancista*, Josué Montello afirma que foi lapidando o esmero da escrita por meio de leituras árduas não só daquilo que ele mesmo escrevia, mas, sobretudo, por meio da análise dos romances de grandes escritores universais que influenciaram sua maneira de escrever.

Entretanto, foi no seio familiar que Josué Montello ainda menino definiu o desejo de ser escritor. A Bíblia foi o primeiro livro que leu, pois seu pai, Antônio Bernardo Montello, era pastor protestante. Sobre ele, Montello afirma ter permitido traçar o caminho que o levasse até Deus (apesar de ter sonhado um dia ver o filho sucedendo-o como ministro na Igreja), ao perder o pai perdeu um grande amigo, esse era para ele “humilde de condição e de destino, mas que soube ser grande em seu pequeno mundo particular,” (AMPARO, 2009, p.22).

Ainda a respeito da relação de Josué Montello com seu pai, encontramos no enredo de *Os Tambores de São Luís*, Damião conversando com a personagem Antonio Montello, ou seja, há nesse momento a fusão ficção e realidade, conforme destacado do trecho a seguir:

E foi mais perto, já no círculo de luz do lampião, que identificou na figura forte, de rosto vermelho, o seu amigo Antonio Montello, a quem devia a velha conta de um par de botinas.

- Olá! Exclamou.

E depois de ascender o cigarro que ficou segurando com a ponta dos dedos enquanto chupava a primeira fumaça:

- Por que esse violino? - quis saber.

-Uma vez por semana, para desferrujar os dedos, vou tocar na orquestra do Pedro Cromwell, depois que fecho a loja.

-Quer dizer que além de comerciante é músico?

-Nas horas vagas.

-E protestante também?

-Com a graça de Deus. (MONTELLO, 1985, p 216)

Nesse fragmento podemos perceber o tom memorialístico do romance o que também lhe atribui um caráter autobiográfico, característica comum ao romance contemporâneo. Em *Os Tambores de São Luís*, o autor aparece ora como ator do discurso, por exemplo, quando se insere no romance como a figura de seu pai, e ora como a personagem protagonista que vai se construindo dentro do enredo, a esse respeito temos no texto, *Notas sobre a Crítica Biográfica*, de Eneida Maria de Souza, a análise em que ela afirma ser a “biografia, além de

outros aspectos, práticas discursivas extrínsecas à literatura, marcas comuns ao romance da pós-modernidade” (SOUZA, 2007, p.105). Dessa forma desconstrói por meio de sua análise a ideia de que esse procedimento leva a literatura a ficar relegada a segundo plano, mas pelo contrário, ao trazer para o romance esses aspectos, “possibilita maior abertura textual que independe do critério de valor exclusivista e fechado como fazia a crítica tradicional” (SOUZA, 2007, p.106).

Josué Montello mistura as personagens de sua criação com os de sua história real, tornando todas personagens de ficção, valendo-se da construção fictícia para, por meio da memória, reencontrar-se com o pai, o que reforça traços biográficos do autor que são encontrados no romance.

Ainda a esse respeito, essa peculiaridade do romance é reafirmada por Montello em entrevista concedida a alguns acadêmicos do Curso de Letras e Linguística da PUC Rio Grande do Sul em 1977, quando ao ser indagado sobre quem era a personagem Antônio Montello, presente em *Os Tambores de São Luís*, ele afirma ser o seu pai.⁹

Já sua mãe, a senhora Mância de Souza Montello, (de origem portuguesa) foi, de acordo com as confissões do escritor, uma das maiores incentivadoras em sua trajetória enquanto escritor, com suas doces palavras, quando, por exemplo, perguntou a ela o que precisava para ser um poeta, e ela lhe respondeu: estudar. A partir daí tornou-se um estudioso compulsivo e conseqüentemente, um escritor. A mãe para ele, após a morte do pai, se tornou seu mais “precioso legado” (AMPARO, 2009, p.31).

A figura da mãe também é transposta para o romance, mas não tão diretamente, como verificamos ser com o pai, não há personagem com o mesmo nome, porém, Montello denomina uma figura secundária de Dona Bembém, nome de uma amiga de Dona Mância, sua mãe, sobre quem, durante sua infância em São Luís do Maranhão, ouviu histórias.

A respeito da amiga de sua mãe, assim comenta o autor: “nunca a vi nem dela sei como ser real. Mas era tal o poder com que a velhinha lhe evocava, repassando a sua mocidade, que se incorporou, com o tempo em minhas próprias evocações” (AMPARO, 2009, p.32). Dona Bembém tem seu nome lembrado nas primeiras páginas de *Os Tambores de São Luís*, no momento em que Damião caminha pelas ruas da cidade e ao ouvir o som dos tambores que ressoam para trás do cemitério lugar onde se encontram alguns dos que fizeram parte da sua trajetória, entre estes está “Dona Bembem” (MONTELLO, 1985, p.14).

⁹ A informação dada neste parágrafo pode ser encontrada por completo nos anais da ABL – Academia Brasileira de Letras, arquivo 30.5.24, pasta 7.

Nesse aspecto, a estética utilizada pelo escritor para compor seu romance pode ser explicada por meio das palavras do crítico Anatol Rosenfeld (1970), ao afirmar que dentro do romance o ser real ganha mais sentido, segundo ele, os seres humanos tornam-se mais consistentes dentro do texto fictício, pois são construídos a partir da intenção do autor atribuindo mais riqueza à estética da obra.

São inúmeros os momentos em que no enredo reconhecemos traços de Josué Montello na vida da personagem Damião, daí a importância de nos debruçarmos sobre a biografia do autor para que possamos ter, do mesmo modo, compreensão da obra, isso, claro, por estarmos nos referindo à análise pelo viés que se pretende aqui, de compreender como está construída ou desconstruída a identidade do personagem Damião.

Embora, Josué Montello não fosse negro, atribuiu características suas às de Damião, certamente isso já é devido às suas vivências em São Luís do Maranhão e no Rio de Janeiro, estados reconhecidamente escravocratas, e também pelas pesquisas históricas realizadas por ele para a composição do livro, e, sobretudo, “pelos ruídos dos tambores das casas das minas que ouviu durante toda a infância e juventude,” o que segundo o próprio autor “lhe aflorou a germinação misteriosa que lhe inspirou a escrita da obra” (Montello, 1985, p. 613).

Josué Montello nasceu na cidade de São Luís, em 21 de agosto de 1917, viveu por menos de um ano em Belém, e grande parte de sua vida no Rio de Janeiro, onde também passou seus últimos dias e faleceu em 15 de março de 2006, aos 88 anos. Porém, mesmo passando parte de sua vida em outras cidades e países, o patriotismo mantido por ele por seu estado de origem, se mantém impresso em alguns dos seus romances, como é o caso de *Os Tambores de São Luís*, romance esse que começou a ser pensado e dialogado no Rio de Janeiro, passando a ter as primeiras cenas escritas em Petrópolis quando necessitava fugir do calor carioca e também dentro de um avião em suas idas e vindas ao Maranhão, em virtude dos seus trabalhos por lá enquanto reitor da Universidade Federal Maranhense¹⁰.

Montello encontrou na escrita de seus romances uma maneira de continuar vivendo em São Luís e assim ele mesmo atesta ao dizer, “dia após dia entretive-me com os meus personagens, recompondo pequenos cenários em São Luís. Era o meu modo de voltar ao Maranhão, sem sair do Rio de Janeiro” (AMPARO, 2009, p.48). Ainda pelas palavras de Amparo (2009), temos conhecimento que a produção literária de Montello é muito ampla; para ele cada livro é um ser à parte, embora a maioria esteja situado na geografia maranhense, “são mais de três mil personagens, alguns retirados da vida real outros de sua memória”

¹⁰ A informação tem como fonte arquivos da ABL – Academia Brasileira de Letras. Arquivo 30.5.24, pasta 7.

(AMPARO, 2009, p. 325); só em *Os Tambores de São Luís* são, segundo a contagem feita por dona Yvonne, sua esposa, 486 personagens.

De tal modo, Montello, ao escrever uma carta para Marcos Tamoio (na época prefeito do Rio de Janeiro) em 1979, agradecendo a indicação da sua obra *Os Tambores de São Luís* como nome de uma Praça da Barra da Tijuca, refere-se a seus personagens como seres vivos, “que têm seu sangue e sua carne”. Podemos observar em suas palavras tamanha dedicação a cada personagem que criava e recriava¹¹.

O conhecimento adquirido com suas incessantes leituras, não só o tornou um célebre escritor, mas também o levou a ocupar cargos como, diretor, professor, inspetor, coordenador e outros.¹² Josué Montello foi secretário geral do estado do Maranhão e também ocupou um cargo considerado de grande importância política: trabalhou junto com o então presidente, Juscelino Kubitschek, como subchefe da Casa Civil, no ano de 1956. Foi Josué Montello quem preparou o seu discurso de posse quando este assumiu a presidência. Foi também ele quem fundou o Museu da República (Palácio do Catete no ano de 1960); e o Museu de História Literária no Museu Histórico Nacional, com o acervo básico do arquivo contendo quase todos os originais manuscritos de José de Alencar e obtido por doação.

Montello, além de receber muitas homenagens e premiações, tais como, a de Intelectual do Ano em 1971 por ter publicado *Cais da Sagração*; também foi condecorado como Personagem Literária do Ano 1982, pelo Prêmio Brasília de Literatura para conjunto de obras, da Fundação Cultural do Distrito Federal; e ainda, em 1987 recebeu o Grande Prêmio da Academia Francesa.

O escritor também recebeu muitas medalhas e condecorações de vários países, mas não somente por sua trajetória literária, suas conquistas em vida foram tantas que ocupou outros cargos importantes, foi Conselheiro Cultural da Embaixada do Brasil em Paris; Fundador e Reitor da Universidade Federal do Maranhão; Professor de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras Pedro II (FAHUPE); Embaixador do Brasil junto à UNESCO; e ainda, ocupou a cadeira número 31 da Academia Maranhense de Letras (AML) e a cadeira 29 da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Porém, o prêmio de maior relevância que recebeu em vida foi ver *Os Tambores de São Luís*, ser considerado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a

¹¹ Idem

¹² As informações sobre o autor descritas neste capítulo podem ser acessadas no site da Academia Brasileira de Letras. Biografias, Josué Montello. Disponível em <<http://www.academia.org.br/academicos/josue-montello/bibliografia>>. Acesso em 29 julho 2015.

Cultura (UNESCO) como um dos patrimônios culturais da humanidade; Josué Montello afirma que neste momento experimentou uma sensação de completude, isso se deve ao enredo da obra que nos conduz por meio do trajeto feito por alguns personagens, mais precisamente por Damião, a alguns cenários arquitetônicos e reconhecidamente como patrimônios históricos da cidade de São Luís.

O romance tem início com a caminhada de Damião mencionando a Igreja de São Pantaleão e muitos nomes de ruas que nos fazem viajar por São Luís do Maranhão. Outros lugares mencionados são o Gavião, Largo do Quartel, O Largo dos Amores, Rua das Hortas, a Rua Formosa, Praia do Jenipapeiro e a Gamboa, menções essas ao denotar o grande valor cultural da obra que nos leva a mergulhar na história da cidade, e a entender como era o cotidiano na época narrada e não escasseará a análise.

Ainda neste sentido, Vanda de Sousa, diretora técnica da casa de Cultura Josué Montello, afirma que *Os Tambores de São Luís*, considerado um clássico da nossa literatura e que teve repercussão internacional, traduzido para o Francês por Jacques Thiérot, Marie-Pierre Mezeas, Monique le Moing, com o título: *Les Tambours noirs* (1987), é sem dúvida sua obra mais importante. Segundo ela, o conteúdo do romance pode proporcionar intensas pesquisas por trazer no enredo nomes de personagens reais que viveram durante o período colonial em São Luís do Maranhão, e por ter sido escolhida para estudos de professores de Língua Portuguesa na França, tendo grande repercussão entre os franceses.

Josué Montello, com sua maneira de narrar, enalteceu a literatura brasileira, com seus personagens e misturou ficção e realidade, “figura psicológica de inesgotável imaginação, nele, como em Mallarmé, tudo existia para se transformar em livro”, é o que nos afirma o crítico literário Wilson Martins¹³ e Flávia Amparo registra na orelha do livro, *Melhores Crônicas: Josué Montello* (2009).

O Romance, *Os Tambores de São Luís* (1975), teve repercussão internacional, com os exemplares da sua primeira publicação esgotados em menos de um mês, tendo ficado entre os rankings dos livros mais vendidos, conforme poderemos verificar em fotos dos jornais cariocas da época, nos anexos deste trabalho.

Registramos ainda, o romance foi se reafirmando pela crítica como o grande romance sobre a escravidão brasileira, ao retratar o período que vai de 1838 a 1915, e não se ateuve apenas em falar sobre o cativo do negro brasileiro, mas que nos faz refletir para além desse quadro histórico, o qual nos serve de análise nesse trabalho.

¹³ Sua principal obra, *História da Inteligência Brasileira*, em sete volumes, publicados entre 1976 e 1979. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2707/wilson-martins>> Acesso em: 17 Maio 2017

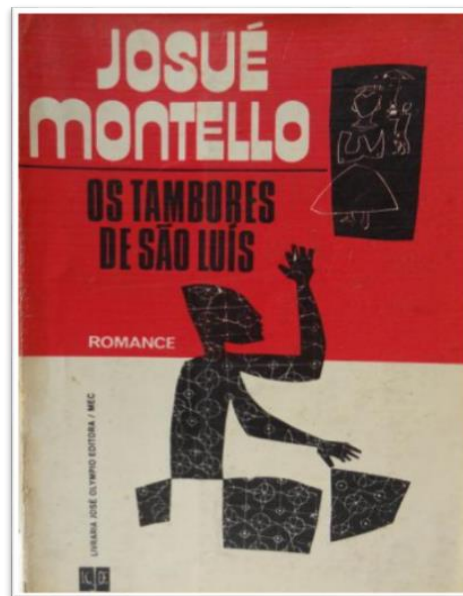
1.1 Ressoam “Os Tambores de São Luís”.

O importante é que depois de ouvir os tamboreiros e assistir a dança e rituais, se sentia preparado para ir ao encontro de seu trineto. Sentado no banco a ouvir as noviches dançando rodeadas de velas era outra vez o negro puro, filho de sua raça, em contato com as remotas raízes africanas.
 Josué Montello (1975).

Partindo da epígrafe acima e de todos os outros momentos descritos no romance em que, o som dos tambores ressoa na trajetória de Damião, consideramos a musicalidade que emana dos batuques, transposta também para as ilustrações das capas das edições do romance, como a trilha sonora da obra, *Os Tambores de São Luís* (1975).

A primeira edição do romance (figura1) foi ilustrada por Napoleon Potyguara Lazzarotto reconhecido como Poty¹⁴ e publicado pela editora José Olympio, verificamos na capa um negro tocando seu tambor, e na divisão dos capítulos figuras que se relacionam com a temática narrada, ou seja, a escravidão, mais precisamente com os vários modos de torturas, desde a máscara de flandres, guilhotina, palmatória, o tronco, entre outros.

Figura 1 – Capa da primeira edição do livro *Os tambores de São Luís* (1975)



Fonte: Imagem capturada na Biblioteca Nacional

Podemos observar na altura ao lado direito da capa, uma sinhazinha sendo acompanhada por um escravo que a resguarda do sol por meio de uma sombrinha; A ação

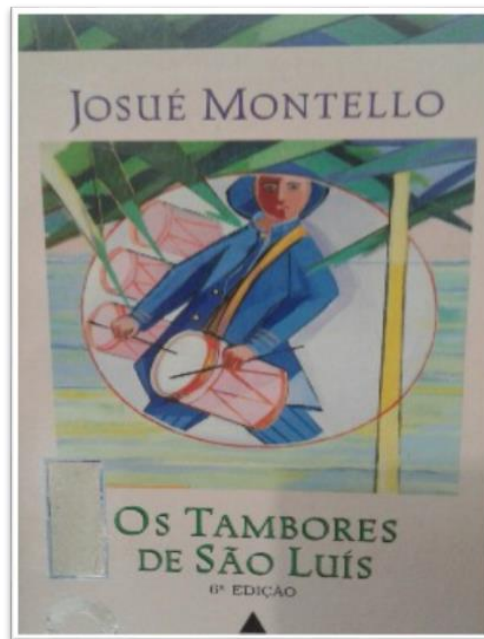
¹⁴ Poty Lazzarotto (Curitiba PR 1924 - 1998). Gravador, desenhista, ilustrador, muralista e professor. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1942 e estudou pintura na Escola Nacional de Belas Artes (Enba). Frequentou o curso de gravura no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Em 1946, viaja para Paris, onde permanece por um ano. Estudou litografia na *École Supérieure des Beaux-Arts*, com bolsa do governo francês. Em 1950 fundou juntamente com Flávio Motta (1916), a Escola Livre de Artes Plásticas, na qual lecionou desenho e gravura. Disponível em: < <https://www.escriitoriodearte.com/artista/poty-lazzarotto>. > Acesso em: 20 Agosto 2017.

evidenciada por meio de uma ilustração demonstra a submissão e o contraste (senhor versus escravo) entre as duas etnias bem marcadas no romance. Analisamos, a partir da figura e do contexto da obra, que o único momento de alegria plena dos negros da época narrada, era quando tocavam ou ouviam o som dos tambores.

Na sexta edição, com algumas mudanças, mas seguindo a estética do negro com seu tambor, cuja publicação foi utilizada para as citações desse trabalho, constatamos o clareamento da cor do tamboreiro que aparece usando vestes semelhantes à de um guarda. Verificam-se ainda no cenário algumas folhas de palmeiras. Mas a mudança maior se estabelece quando folheamos o livro, foram retiradas as imagens dos instrumentos de tortura que separam os capítulos que passam a ser divididos apenas por espaços em branco.

Desse modo, na sexta edição ocorrem outras mudanças além da caracterização das ilustrações, publicada pela editora Nova Fronteira, possui 620 páginas, a ilustração da capa (figura2) foi feita a partir do trabalho óleo sobre tela de Cicero Dias¹⁵, e a capa de Victor Burton¹⁶. Embora existam outras edições, nos atemos à análise dessas duas por considerarmos importantes para o nosso trabalho, a primeira pela representatividade e a sexta por ser nossa primeira aquisição para leitura e análise.

Figura 2 – Capa da sexta edição do livro *Os tambores de São Luís* (1985)



Fonte: Imagem capturada de acervo pessoal

¹⁵ Pintor, desenhista e ilustrador brasileiro. Teve grande representatividade na pintura modernista do Brasil. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/cicero_dias/> Acesso em: 10 julho 2017

¹⁶ Convidado pelo editor Carlos Lacerda começou a atuar no mercado editorial brasileiro em 1977. Trabalhou como designer exclusivo da Nova Fronteira. Disponível em: <<http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/o-estilo-de-victor-burton-um-olhar-sobre-o-design-do-livro-iconografico-brasileiro-12689>> Acesso em: 10 julho 2017.

O som dos tambores representado no título e na capa percorrerá todo enredo, da mesma forma que acompanhou o autor durante o tempo em que viveu em São Luís do Maranhão, e como ele mesmo atesta, foi o que lhe inspirou a escrita do romance.

Entretanto, não é apenas neste sentido que o *tantantã* dos tambores acompanha a trajetória da personagem principal da obra, a quem o autor denominou de Damião, mas é um dos recursos utilizados para revelar a identidade africana, a maneira que encontrou para delinear acontecimentos simbolicamente de resistência. Damião necessita estar em contato com o som dos tambores para não permanecer no esquecimento de quem realmente era, das raízes às quais pertencia, “ao ouvir a cadência frenética dos batuques dos tambores entrava em contato com as suas remotas raízes africanas” (MONTELLO, 1985, p. 13).

Desta maneira, Josué Montello introduz a história da sociedade escravocrata maranhense, levando-nos a compreender como viveram os negros e negras que ali chegaram, trazendo com eles costumes e crenças que não foram apagadas pelas proibições de manifestarem-se, conforme podemos verificar por meio das pesquisas do historiador Mathias Röhrig Assunção¹⁷, citado no artigo de Sergio Ferreira Ferretti, *Contribuição Cultural do Negro na Sociedade Maranhense* (2008), onde afirma que a classe dominante proibia a manifestação religiosa praticada pelos negros, não em virtude da religiosidade em si, mas por preocupação de que ao se reunirem tramassem revoltas e fugas, camuflando-as por trás dessas reuniões.

Durante o período das manifestações religiosas, os ambientes e instrumentos destinados aos batuques eram destruídos e essas ações eram asseguradas por leis municipais e eram válidas tanto para os escravos como para os “negros livres”.

Essas proibições revelam que os cultos tinham uma característica marcante; além de manter vivo nos escravos a cultura herdada dos seus ancestrais africanos, que se manifestavam com as festas da Casa Grande das Minas e conseqüentemente com o som dos tambores, tinham, sobretudo, sentido de resistência contra a dominação do poder que imperava de brancos sobre negros.

A esse respeito assim relata Ferretti (2008).

O historiador Mathias Röhrig Assunção (1995: 279) afirma que as autoridades em certos momentos estavam mais preocupadas com as revoltas de escravos do que com

¹⁷ Doutor em História. Ensina e pesquisa História da América Latina e História do Brasil, atuando principalmente nas seguintes subáreas: história política e história social do Brasil e da América Latina (séculos XIX e XX), escravidão, movimentos sociais, Maranhão, cultura afro-brasileira, capoeira e artes marciais do "Atlântico negro". Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4223055J5>>. Acesso em 25 out. 2016

o “fetichismo” dos negros, mas em períodos de intranquilidade, ordenavam o fechamento dos batuques e a destruição dos tambores. (FERRETTI, 2008, p.2)

Em contato via *e-mail* com o pesquisador, Sergio Ferreira Ferretti, afirmou ter dois livros publicados sobre a Casa das Minas. O primeiro, *Repensando o Sincretismo* (1995) que é resultado de sua tese de doutorado em Antropologia defendida na USP em 1991, e o segundo, *Querebentã de Zomadonu* (2009) que foi resultado da dissertação de mestrado em Antropologia na UFRN em 1983. Além dessas publicações, tem também muitos artigos importantes a respeito da temática.

A denominação, Casa Grande das Minas, que inclusive aparece já no início da narrativa, “até ali os tambores da Casa Grande das Minas tinham seguido seus passos” (MONTELLO, 1985, p.11), está relacionada à origem dos negros praticantes dessa religião, que antes de serem transportados ao Brasil eram encaminhados à fortificação africana denominada São Jorge da Mina ou Forte El Mina, símbolo “do holocausto provocado pelo tráfico negreiro” (ALBUQUERQUE, WLAMIRA, 2006, p.40). Portanto, ao chegarem a solo brasileiro ficavam conhecidos como escravos vindos das Minas e os tambores eram os instrumentos mais significativos usados em seus ritos.

No posfácio de *Os Tambores de São Luís* (1975), intitulado, *História deste livro*, Montello menciona sua pesquisa baseada na obra de Nunes Pereira¹⁸, *A Casa Grande das Minas* (1947), que também lhe serviu como base para a descrição dos rituais realizados na casa. No Maranhão, O Tambor de Mina é a religião de matriz africana que mais se expandiu, chegando a outros locais da região Amazônica; é o terreiro de tambor de mina mais antigo de São Luís.

Pierre Verger¹⁹, em seus estudos, concluiu que o termo tambor tem relação por ser este o instrumento mais importante usado nos rituais, e ainda, para explicar a denominação, Mina, como já citado no parágrafo acima, resulta dos negros da Costa da Mina, como ficaram conhecidos os escravos que chegaram ao Maranhão. Para Verger (1987) estes são oriundos desse lugar situado *a leste do Castelo de São Jorge de Mina* em Portugal.

¹⁸ Manoel Nunes Pereira, mais conhecido como Nunes Pereira (1892 — 1985), nasceu em São Luís do Maranhão, um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras, foi antropólogo e ictiólogo. Escreveu em 1947 a obra, *A Casa das Minas*.

¹⁹ Pierre Edouard Léopold Verger (1902-1996) foi um fotógrafo, etnólogo, antropólogo e pesquisador francês que viveu grande parte da sua vida na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, no Brasil. Ele realizou um trabalho fotográfico de grande importância, baseado no cotidiano e nas culturas populares dos cinco continentes. Além disto, produziu uma obra escrita de referência sobre as culturas afro-baiana e diaspóricas, voltando seu olhar de pesquisador para os aspectos religiosos do candomblé e tornando-os seu principal foco de interesse. Disponível em: < <http://www.pierreverger.org/br/pierre-fatumbi-verger/biografia/biografia.html>>. Acesso em: 17 Maio, 2017.

Em, *Os Tambores de São Luís*, ao se referir à origem da Casa Grande das Minas, o narrador descreve sua origem como um mistério, não havendo uma informação precisa a respeito da sua formação:

A origem da Casa das Minas há de ser sempre um mistério. Ninguém lhe saberá quem lhe assentou os alicerces, com as disposições para seus ritos e cerimônias. Tudo quanto se sabe não tem a limpidez do testemunho histórico: limita – se a tradição oral. Teria sido obra dos negros de contrabando, ou seja: de africanos que vieram para São Luís no porão dos tumbeiros, já na fase do tráfico proibido. É pelo menos o que se conta (MONTELLO, 1985, p.259).

Josué Montello deu esse título ao romance, justamente em virtude do som dos tambores, latente em São Luís do Maranhão, e esse mesmo som permeará todo o percurso do protagonista que ao ouvi-lo é seduzido, como a força maior que o transporta para participar dos cultos no terreiro, lhe restituindo a força quando essa parece lhe faltar, acentuando o misticismo religioso que será reforçado durante a trajetória do protagonista.

Veza por outra sentia necessidade de estar ali, levado por invencível ansiedade nostálgica, que ele próprio, com toda a agudeza de sua inteligência superior, não saberia definir ou explicar. O certo que ouvindo bater os tambores rituais, como que se reintegrava no mundo mágico de sua progênie africana, enquanto se lhe alastrava pela consciência uma sensação nova de paz (MONTELLO, 1985, p. 12).

Por meio do olhar do personagem Damião, o autor nos dá a imagem detalhada de como eram os rituais realizados nestes terreiros, como podemos constatar no trecho a seguir:

Já o banco estava repleto. Muitas pessoas tinham sentado no chão de terra batida, com as mãos entrelaçadas em redor dos joelhos; outras permaneciam de pé, recostadas contra a parede. Mas a nochê, que o trouxera pela mão, fez sair do banco um dos assistentes, e ele ali se acomodou, em posição realmente privilegiada, podendo ver de perto os tambores tocando e as noviches dançando, por entre o tinir de ferro dos ogãs e o chocalhar das cabaças (MONTELLO, 1985, p.11).

Na análise do romance encontramos dois tempos distintos, um presente e um passado que vão se intercalando, ora por meio das vivências e ora por meio das lembranças de Damião. Desse modo, o narrador nos oferece a visão de como eram os rituais de uma das mais antigas e importantes religiões de matriz africana, nos oferecendo também conhecimento a respeito de termos linguísticos relacionados aos que realizavam o ritual, como as Nochês e Noviches as sacerdotisas que comandam os cultos. Esse fato evidencia ser essa uma religião matriarcal, portanto, chefiada por uma mulher, que recebe a denominação de Nochê, e entre as hierarquias da casa tem o sentido de mãe, e as Novichês de irmãs.

O pesquisador, Mario Aurélio Luz, escreveu o livro, *Agadá: dinâmica da Civilização Africano-Brasileira* (2013). Em seus estudos, teve como fonte a obra de Nunes Pereira, A

Casa Grande das Minas, escrita em 1947, (a mesma consultada por Josué Montello para a escrita de *Os Tambores de São Luís*). De acordo com Luz (2013), as nochês são definidas como mães e as Noviches são identificadas como irmãs, observando que há uma hierarquia dentro da casa (LUZ, 2013, p.363).

Os rituais da casa das Minas chamam a atenção de vários pesquisadores. Além, dos já citados nos parágrafos acima, encontramos também as pesquisas realizadas pela Antropóloga, pesquisadora de religião afro-brasileira da Universidade Estadual do Maranhão, Mundicarmo Maria Rocha Ferretti. Ela, como Sergio Ferretti, escreveram alguns artigos a respeito do assunto. Em seu artigo intitulado, *Matriarcado em Terreiros de Mina do Maranhão - Realidade ou Ilusão* (2007), Mundicarmo Ferretti, nos apresenta que: “nas casas de culto de matriz africana do Maranhão definidas como Tambor de Mina a mulher, além de ser maioria, costuma ter posição muito elevada, o que nem sempre ocorre em outros contextos da sociedade brasileira marcada pelo machismo.” (FERRETTI M, 2007, p.1).

Ainda, por meio dos estudos da pesquisadora, Mundicarmo Ferretti, encontramos que a escolha da sacerdotisa ou Nochê é feita pelos voduns, uma espécie de entidade espiritual, e elas só são substituídas ao falecerem. No romance montelliano assim está colocado:

Por trás do banco, está a sala fechada onde se esconde o santuário, e a que os negros só penetram em estado de pureza, na companhia da Nochê ou dona da casa, e das noviches, ou irmãs, estas últimas trazendo nos braços as pulseiras de búzios, e no pescoço os colares coloridos que a nochê lhes preparou. De noite quando baixam os voduns, estrondam os tambores, tocados ritualmente pelos runtôs, enquanto sacolejam as cabaças e retinem os ogãs, estes últimos vibrados por mãos de mulher (MONTELLO, 1985, p.258).

Dessa forma, nas riquezas dos fatos, Josué Montello, ao escrever *Os Tambores de São Luís*, não só se refere aos rituais realizados pelos negros, mas principalmente evidencia a resistência dos escravizados que buscavam na religiosidade a força diante dos maus tratos recebidos de seus senhores e senhoras, além de ser uma maneira peculiar de estar em contato com suas tradições africanas, conforme fica evidente no trecho a seguir.

O certo é que ouvindo bater os tambores rituais, como que se reintegrava no mundo mágico de sua progênie africana, enquanto se – lhe alastrava pela consciência uma sensação nova de paz, que mergulhava na mais profunda essência do seu ser. Dali saia misteriosamente apaziguado, e era mais leve o seu corpo e mais suave o seu dia, qual se voltasse a lhe ser propicio o vodum que acompanha na terra os passos de cada negro (MONTELLO, 1985, p.12).

O misticismo religioso está tão presente na obra, sobretudo, quando relacionado a Damião, cuja trajetória constantemente é salva da violência extrema materializada pelas chicotadas empunhadas pelo Dr. Lustosa, o dono da fazenda e seu maior algoz.

Esse fato fica evidenciado no episódio em que o vilão, em sua ira extremada, por acreditar que Damião desvirtuou sua filha Inhã Biló e que esta carrega um negro dentro do ventre, com a intenção de extinguir a vida de Damião, acaba caindo sem forças sem dar tempo que ninguém o ampare, tombando exatamente aos pés do negro, como se fosse derrubado por uma força espiritual:

Agora tu aprendes, negro! – exclamou o Dr. Lustosa, tornando a erguer o braço. [...] E essa mão cruel pareceu perder de repente a sua força, afrouxando os dedos que seguravam o cabo do relho, enquanto o resto do corpo aluía, desequilibrando – se para frente, sem dar tempo ao que os feitores e negros lhe acudissem – para cair precisamente aos pés de Damião, que escancelou os olhos banhados de sangue, sem compreender direito o que se estava passando (MONTELLO, 1985, p 135).

Ainda nesse sentido, além dos episódios em que o leitor se surpreende com a mudança de sorte da personagem protagonista, outro fator reforça o lado místico relacionado aos negros brasileiros e acentua traços da religiosidade, são as descrições feitas por Josué Montello, como o ritual que acontece ao som dos tambores, sem deixar de fora os participantes que compõem os cultos nos terreiros, ou “querebetã” como é conhecido.

Assim, o narrador relata o momento em que a Nochê Andreza²⁰ Maria recebe Damião quando esse se adentra ao terreiro, sinal de sua importância e reconhecimento, ela, se torna personagem de ficção dentro do enredo, mas que historicamente residiu em São Luís do Maranhão, sendo seu nome reconhecido como uma das mais notáveis Nochês que passou pela casa, e de tão importante, durante seu mandato o terreiro ficou conhecido como a “Casa de Mãe Andreza” (FERRETTI, 2012, p.3).

Mãe Andreza, de acordo com Ferretti, no universo da Mina maranhense nem todas as mães-de-santo são ou foram tão fortes quanto ela, Andreza Maria foi quem governou a casa por aproximadamente quarenta anos e se tornou muito conhecida através de alguns pesquisadores; “foi ela também que iniciou a chefe atual da casa Deni, vodunsi de Toi-Lepo”(FERRETTI, 2012, p.4). Sua importância foi tamanha, tanto para a pesquisa quanto para o período em que viveu, data-se aproximadamente entre 1915 a1954, ocasião esta em que dirigiu a casa e se destacou por sua bondade, grande conhecimento religioso, articulação entre outras casas e com a sociedade em geral. Ferretti (2012) atesta que, Andreza Maria recebeu diversos pesquisadores durante sua gerência na Casa, entre eles Roger Bastide e Pierre Verger.

²⁰ Na Obra, *Os Tambores de São Luís*, o nome Andreza se encontra escrito com Z, porém encontramos no dicionário literário afro – brasileiro escrito com S, Andresa Maria. Neste trabalho vamos manter a escrita de acordo com a do romance Montelliano.

Ainda segundo as pesquisas de Ferretti (2012), o valor cultural da Casa Grande das Minas é tão irrevogável que o terreiro foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 2002, e restaurado por este órgão, e é um dos mais conhecidos na bibliografia sobre religiões afro-brasileiras do Maranhão sendo reconhecida por sua importância e, conseqüentemente, pela contribuição do negro para a construção da nação brasileira.

Desta forma, Damião em sua caminhada noturna a fim de conhecer o trineto que acaba de nascer, seduzido pelo som dos tambores, adentra a Casa Grande das Minas e é recebido pelas noviches que dançam ao som dos tambores, do tinir de ferro dos ogãs e o chocalhar das cabaças. A própria Andreza Maria é quem busca Damião pela mão para que adentre no querebetã e lhe dá um lugar de destaque conforme se lê:

Mas a nochê, que o trouxera pela mão, fez sair do bando um dos assistentes, e ele ali se acomodou, em posição realmente privilegiada, podendo ver de perto os tambores tocando e as noviches dançando, por entre o tinir de ferro dos ogãs e o chocalhar das cabaças (MONTELLO, 1985, p.11).

Para a personagem, a participação nesses rituais lhe reavivava a força necessária para continuar sua caminhada e era como se sua identidade de homem negro fosse restituída. “Após sua participação no ritual assistindo às danças se sentia preparado [...] Sentado no banco, a olhar as noviches dançando rodeadas de velas, era outra vez o negro puro filho de sua raça, em contato com suas remotas raízes africanas” (MONTELLO, 1985, p.16). Diante disso, a mistura entre personagens reais e fictícios é constante, que dentro da obra acabam adquirindo o mesmo sentido, tornando-se todos personagens de ficção, como atesta Antônio Candido:

Este mundo fictício ou mimético que frequentemente reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade empírica exterior à obra, torna-se, portanto, representativo para algo além d'ele, principalmente além da realidade empírica, mas imanente à obra (CANDIDO, 2006, pp. 7,8).

Assim, analisamos que durante todo o enredo há a fusão entre realidade e ficção conferindo ao romance a particularidade dos grandes romances memorialistas, mas com características do romance histórico e atribuindo-lhe comparações à obras também consagradas que o antecederam, como, *Os Sertões* (1902), *Casa Grande e Senzala* (1933) e *Grande Sertão Veredas* (1956), por meio da homenagem do escritor Fernando Sabino que pode ser lida na orelha da primeira edição de *Os Tambores de São Luís*.

1.2 A Narrativa de Josué Montello

A obra literária, como todo objeto artístico, é constituída de inúmeros elementos significativos que se relacionam entre si, proporcionando a singularidade e a riqueza estética que a distinguem dos demais registros. No texto, *A personagem do Romance* (1970), organizado com participação de Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo Emilio Sales Gomes, encontramos na leitura do romance, as categorias como personagem, enredo, tempo e espaço encontram-se interligadas:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos, simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha de seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente (CANDIDO, 1970, p. 53).

Assim, verificamos por meio da análise de Antonio Candido, que é a personagem onde desempenha o papel principal dentre dos itens caracterizadores do romance e desta forma ele prossegue: “Não espanta, portanto, que a personagem é o que há de mais vivo no romance” (CANDIDO, 1970, p. 54); porém, o crítico faz uma ressalva para tal afirmação, ele entende como sendo um erro pensar a personagem como o componente essencial, pois, por suas palavras, se isso acontece é em virtude do contexto, ou seja, “no fim de contas é a construção estrutural a mais responsável pela força e eficácia de um romance” (CANDIDO, 1970. P. 55).

Os tambores de São Luís reflete essa característica estética. Embora a principal análise recaia sobre as personagens, em especial ao protagonista, não há como pensar na análise sobre a identidade sem analisarmos todas as especificidades da obra, pois a identidade se constrói na minha relação com o outro, ou seja, “surge da minha falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginávamos ser vistos por outros” (HALL, 2006, p.39).

Neste sentido, não será possível, se temos como objetivo primordial a análise da identidade do protagonista Damião, que neste caso nos é apresentada como a personagem que desempenha o papel mais relevante do enredo, não pensarmos na obra como um todo, e desta forma analisarmos todos os componentes do romance, como nas palavras de Antonio Candido (1970), toda a construção estética da obra tem relação com a construção desta identidade, pois a personagem está sempre interagindo com o meio e com os acontecimentos sociais e culturais que a envolve.

Desse modo, não há como pensar a identidade da personagem sem analisar como se dá sua interação com o contexto social no qual está inserida dentro do romance.

Por outro lado, Cândida Vilares Gancho ressalta que “toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe: fato, personagem, tempo, lugar e narrador”, mas, de acordo com a escritora, “de todos os elementos que compõem o texto narrativo, o caracterizador fundamental é o narrador, o narrador é o elemento estruturador da história” (GANCHO, 2002, p.2).

Tomando estas duas considerações entre a importância da personagem ou do narrador dentro do romance, encontramos no narrador de *Os Tambores de São Luís*, uma onisciência tamanha que em alguns momentos pode ser confundido com a personagem protagonista ao demonstrar que ao realizarmos a análise pelo viés da identidade a personagem desempenha sim papel primordial dentro do enredo.

Assim, voltando nosso olhar para o foco narrativo, nos estudos sobre a obra realizados por Kreutzer (1992) discorre que ao contar a história tanto do ponto de vista das lembranças de Damião (tempo passado) ou ao se referir ao tempo presente, o ponto de vista do narrador de *Os Tambores de São Luís* não muda: ambos são apresentados por um narrador a qual ele chama de autorial²¹ ou onisciente, inserindo-se em alguns momentos da narrativa na perspectiva de personagem-refletor; ou seja, o narrador conta a história do lado de fora; todavia, em alguns pontos da narrativa ele se insere por meio das reflexões dos personagens.

Nesta perspectiva da narrativa do autor, de se inserir no romance por meio das lembranças e reflexões das personagens, mais especificamente de Damião, confirma que Damião não é o narrador-personagem do romance, mas tem um narrador-onisciente que relata sua vida tanto durante o período de suas memórias quanto da perspectiva do seu presente narrativo; sobre isso ressalta Winfried Kreutzer, conforme destacado no trecho a seguir:

O universo ficcional do romance constitui-se na narração de um narrador que não é Damião, mas por meio de sua voz que é a mais expressiva dentro do enredo - exceto durante o período em que seu pai, Julião, se encontra vivo, o que acontece apenas no tempo em que vivem a experiência de liberdade no Quilombo: o narrador se insere e algumas vezes não sabemos se é o narrador ou o personagem que está falando, pois não há marcas muito acentuadas que indiquem a separação da fala do narrador da fala da personagem, e como a narrativa está situada em dois planos - um da memória e outro do presente histórico do protagonista - o autor cria um narrador que se utiliza para descrever os fatos e lugares mesmo no plano da memória, não só do discurso indireto livre, mas também de outras formas de discursos que ficam caracterizadas através dos sinais de pontuação e as conjunções que aparecem nos discursos direto e indireto (KREUTZER, 1992, p.18).

²¹ Situação narrativa Autorial: O narrador está fora do mundo dos personagens. Termo usado por Franz Stanzel Disponível em: <<http://www2.anglistik.uni-freiburg.de/intranet/englishbasics/NarrativeSituation01.htm>>. Acesso em 23 nov. 2016.

Assim, por vezes é difícil delimitar o início e o fim do discurso da personagem, uma vez que, o mesmo está inserido dentro do discurso do narrador, confundindo-se com esse.

Neste ponto, incidimos novamente na atenção dada por Antonio Candido a personagem enquanto caracterizador fundamental do romance, pois há, especificamente nesta narrativa de Josué Montello, em alguns pontos, por meio dos diferentes tipos de discursos utilizados, confusão entre a voz do narrador e a voz da personagem.

Persistimos nesta consideração feita por Antonio Candido para chegarmos ao estudo realizado por Cândida Vilares Gancho, que afirma em sua obra, *Como Analisar Narrativas* (2002) que, “o discurso indireto livre é um recurso linguístico para se referir aos pensamentos da personagem apresentando expressões típicas da personagem, mas também a mediação do narrador”.

Ainda sobre esse aspecto, Kreutzer (1992), alega que, “podemos averiguar as duas posições narrativas onde já podem ser constatadas nos primeiros parágrafos do romance em que o narrador se manifesta” (KREUTZER, 1992, p.18).

Assim temos: “Até ali, o som dos tambores da Casa-Grande das Minas tinham seguido seus passos, e ele via ainda os três tamboreiros, no canto esquerdo da varanda [...]” (MONTELLO 1985, p.11).

E ainda: “Aos oitenta anos dava a impressão de ter sessenta, ou talvez menos, com muita luz nos olhos, o passo seguro [...]” (MONTELLO, 1985, p.12).

Temos assim, de acordo com a análise de Kreutzer (1992), a perspectiva da combinação entre o narrador *authorial* ou onisciente e refletor.

Entretanto, em outro ponto encontramos o discurso direto, em que as personagens ganham voz; isso fica claro na descrição da volta do quilombo para a senzala, em que o narrador por meio dos diálogos entre os personagens permite-nos conhecer traços das suas falas e personalidade, como expostos a seguir:

Só a mulheres protestavam, vociferando.
 - Larga meu fio, diabo!
 - Vai empurrar a vaca de sua mãe, seu peste!
 Com a pistola na mão, o alferes louro, de passo pesado, que comandava a tropa, ia avisando:
 - Lugar de escravo é na senzala, debaixo das vistas do seu senhor. Todos vocês vão voltar para seus donos (MONTELLO, 1985, p.36).

Já em outros trechos há o predomínio do discurso indireto, em que o próprio narrador em terceira pessoa conta a história e reproduz fala, e reações das personagens.

Damião guardaria para toda a vida a imagem desse novo dia careando o Quilombo desfeito. Só então reparou que muitos negros choravam. Vários deles exaustos estavam sentados, a olhar os seus bens perdidos, com a consciência da volta ao cativo (MONTELLO, 1985, p.37).

Ainda nessa perspectiva, temos o discurso indireto livre, e mesmo o narrador prevalecendo-se do uso da terceira pessoa para contar a história, as personagens têm voz própria. É o momento em que as vozes dos dois discursos já exemplificados se fundem, como nos explica Candido (2000), cindindo o realismo que pode ser identificado na narração em primeira pessoa e descrevendo fielmente a fala das personagens, para ele tem provável influência em Guimarães Rosa, “com a narração em terceira pessoa de caráter naturalista na tentativa de identificar-se ao nível do personagem popular através do discurso indireto livre” (CANDIDO, 2000, p.12). Nisso, ocorre uma mudança na maneira de narrar delineada por Josué Montello, pois de acordo com o crítico, no Brasil a utilização do discurso direto era difícil por motivos sociais, ele explica que:

O escritor não queria arriscar a identificação do seu status, por causa da instabilidade das camadas sociais e da degradação do trabalho escravo. Por isso usava a linguagem culta no discurso indireto (que o definia) e incorporava entre aspas a linguagem popular no discurso direto (que definia o outro); no indireto livre, depois de tudo já definido, esboçava uma prudente fusão (CANDIDO, 2000, p.12).

Inversamente a essa teoria, Montello, ao utilizar os três tipos de discursos em sua narrativa, acaba dissolvendo essas distâncias sociais. Entende-se assim que seja um recurso do autor para tentar ser aceito pelos dois lados bem acentuados dentro do romance, tanto do senhor que representa a elite brasileira, como do escravizado, neste aspecto representa as minorias, pois há nitidamente a posição histórica e a voz desses dois lados antagônicos dentro da intriga e há também a fusão que se dá em Damião conseguindo, algumas vezes, dialogar, com as duas faces, com as quais também irá se identificar.

Como já afirmamos, o narrador é mesmo onisciente de todas as falas, anseios, reações e pensamentos da personagem, e embora haja relatos, ou no sentido mais específico da palavra, narração, por meio das lembranças de Damião, ele também questiona, reflete e nos leva a conhecer tempos e lugares que vão além da realidade significativa.

Ressaltamos que o tempo narrado não é o mesmo tempo em que escreve o narrador; *Os Tambores de São Luís* foi publicado pela primeira vez em 1975, e segundo o autor, levou de 1972 a 1974 para que a escrita fosse concluída. Já o tempo fictício (que constitui o pano de fundo do enredo) é o período da escravidão; não há uma lógica exata dos tempos narrados. Embora, a narrativa se dê apenas em uma noite, no ano de 1915, o protagonista, volta no

tempo e espaço e por meio de suas reminiscências nos coloca diante de todo o período do Brasil colônia.

A história principia assim: “Até ALI os tambores da casa grande de minas tinham seguido seus passos”, destacando o indicativo de lugar, ALI, que até o momento é desconhecido para o leitor que inicia a leitura da obra, pois está colocado na primeira página do livro, e, portanto não faz sentido para quem estiver pela primeira vez tendo contato com o romance, ou seja, ainda é um lugar sem sentido. Contudo, com o desenrolar da trama vai tomando outra dimensão ao preencher-se de significação, pois diz respeito à trajetória do personagem com uma história atrás de si, que até ALI era guiada pelo som dos tambores.

Assim, o narrador inicia o romance dando voltas e saltos, o tempo presente sofre uma ruptura para dar voz ao passado, e o início do enredo é retomado e também compreendido apenas ao final, dando outra visão ao leitor, havendo neste momento conhecimento da trajetória de Damião que realmente é acompanhada pelo som dos tambores.

Diante das citações presentes, conclui-se que muitas são as perspectivas de análise do romance aqui apresentado; mas se levarmos em consideração a afirmativa do próprio escritor, *Os tambores de São Luís* é caracterizado por Josué Montello como Romance Histórico. Ele afirmou no título: *Confissões de um Romancista* (1986), que desejava escrever o mais amplo romance, com significância tamanha, que fosse ele próprio a própria saga da escravidão na sua ânsia por liberdade. E ainda ousou afirmar que, no panorama da literatura brasileira, antes do seu *Os Tambores de São Luís*, “não existia o livro que, na ordem da ficção, com base na realidade histórica, abarcasse todo o processo, na luta pela redenção da raça negra no Brasil”. (MONTELLO, 1986, p. 56).

Nesta perspectiva, na configuração dos espaços em que ocorrem as ações, o narrador dá um salto, passando de uma noite do ano de 1915, onde Damião sai de casa para visitar seu trineto e se depara com um assassinato, à época da sua infância, e por meio de suas lembranças nos leva ao período em que viveu no quilombo com sua família e outros negros. Nesta fase Damião, está com oito anos e vivencia acontecimentos significativos que ficarão em suas memórias. Ou seja, a obra se inicia com Damião aos oitenta anos, tempo presente, e após temos ele com oito anos, tempo passado, rememorado por meio de suas lembranças. O tempo da ficção com sentido de presente faz alusão ao espaço chamado de Casa Grande das Minas e o passado se inicia com o espaço Quilombola, conforme verificamos no relato seguinte:

Damião também se recordava, com a mais absoluta nitidez, da tarde em que surgiu no Quilombo um negro de barbicha, cheio de corpo, entroncado, forcejando para puxar um jumento, que empacara na descida do terreno. (MONTELLO, 1985, p. 22)

Portanto, de acordo com os estudos de Kreutzer (1992), ele caracteriza a estrutura cronológica da obra, fundamentalmente pela existência de dois planos, “um presente narrativo constituído pela narração de uma noite durante o ano de 1915 e outro pelas lembranças do personagem Damião” (KREUTZER, 1992, p.9).

1.3 Damião: Entre Tempo e Lugar

Damião nos leva a dois lugares bastante significativos, compreendidos não só no romance, mas historicamente, como símbolos de resistências dos negros escravos. O quilombo, assim como os terreiros de onde se emite o som dos tambores, nos remetem à cultura africana e ambos são de fato, reconhecidos como oposição ao cativeiro. Ambientes que possibilitavam aos escravos fugir da cruel realidade vivenciada, buscando refúgio nem que seja temporário, como é o caso do transe, efeito místico, pelo qual o médium vivencia um sentimento de assimilação correspondente à determinadas entidades ou divindades, após entrar nos rituais realizados na Casa Grande das Minas.

Podemos analisar na narrativa, a trajetória de Damião em ambientes com sentidos realmente contrários. Primeiro, na Casa das Minas que aparece no início da narração onde Damião é um homem livre do cativeiro; depois, o Quilombo, quando ainda era criança; e após, a fazenda onde nasceu e voltou forçadamente quando encontrado no quilombo, e também lugares de São Luís do Maranhão, como o convento e o Liceu Maranhense.

Entretanto, Ana Lucia Gomes da Silva Rabecchi, em sua tese intitulada: *Fios da Travessia: A perspectiva histórica em Os Tambores de São Luís, de Josué Montello e a Gloriosa Família – Os Tempos dos Flamengos, de Pepetela* (2009), afirma que é a experiência de vida da personagem Damião no Quilombo, despertará sua ânsia por liberdade e justiça social, pois em sua consciência ficará marcado esse tempo em que viveu com o pai, Julião, que soube com palavras e atitudes ser para o menino exemplo de valores que ele passará em toda sua trajetória tentando recuperar. A análise da pesquisadora se reafirma por meio do trecho seguinte:

Ao fim de um desses alarmas, Julião chamou o filho [...]. Oia, Damião: home nenhum tem o direito de fazer do outro homem seu escravo, só porque nasceu branco e o outro preto. Quarquer um nasce e morre do mesmo jeito. A doença que dá no preto da no branco. A vida é iguar para todo mundo. Ninguem quer ser escravo, tudo quer ser

livre. Cativo de negro tem que acabar. Pra acabar só tem um jeito: é os pretos se juntar. No Brasil tem muito preto, mas tudo espaiado, uns aqui, outros ali. Não há lugar sem quilombo. E tudo no mato, escondido, como nós. (MONTELLO, 1985, p. 30)

Os ensinamentos que Damião recebeu do pai durante o tempo em que estiveram juntos no Quilombo influenciarão toda sua trajetória, e precisarão ser rememorados por ele quando surgirem os obstáculos em sua trajetória de luta por liberdade.

Assim, identificados no romance os dois períodos dominantes, um cronológico, no início da narração, a noite no ano de 1915 em que Damião sai de casa para conhecer o trineto, onde voltará a ser vivenciado pelo protagonista ao final da obra, e entremeio a esse, o tempo que predomina, é o psicológico; tem início por meio das lembranças de Damião com longa duração, percorrendo sua trajetória no Quilombo, que pelos marcadores presentes na narrativa vão de quando ele tinha 8 anos, conforme descrito no enredo: “Damião por esse tempo já fizera oito anos” (MONTELLO, 1985, p.20), indo até a adolescência: “Julião chamou o filho que já tinha quase a sua altura, com o buço a escurecer-lhe mais a pele por cima da boca, levando-o para a beira do lago, na descida do terreno em frente a capelinha” (MONTELLO, 1985, p.30).

Não são apenas as descrições sobre as características físicas da adolescência de Damião que nos fornecerão datas mais exatas dos acontecimentos do romance, mas podemos ser levados a compreendê-las analisando que se ele tinha 8 anos quando fugiu da fazenda com seus familiares, e retornou com 17, passou 9 anos longe da escravidão. Suas memórias, ao se aproximar da Casa Grande, fornecem o tempo mais exato:

À medida que ia se aproximando da fazenda, Damião só fazia confrontar o que via com o que tinha na lembrança, embora já houvesse passado por ali já fazia nove anos, recordava-se de tudo até mesmo da afloração dos ipês na revolta dos atalhos (MONTELLO, 1985, p.42).

O trecho acima nos leva a concluir que, se passou um longo tempo até serem encontrados no quilombo. Damião vivenciará, durante sua trajetória, acontecimentos que ficarão marcados em suas lembranças, assim como terá contato com personagens cujos farão parte da sua vida após sua saída forçada deste ambiente, como é o caso de Samuel, o negro que chega ao quilombo para causar conflitos qual será o traidor que por vingança entregará os seus irmãos de cor para o dono da fazenda de onde Damião e sua família haviam fugido, assim como outros escravizados.

Após serem descobertos no espaço quilombola, explicado por Winfried Krewtzer (1992) como o primeiro ambiente onde Damião experimenta vida livre com a proteção do pai,

voltam forçadamente à fazenda de onde haviam fugido dos castigos imerecidos. O tempo predominante ainda continua sendo o psicológico.

O tempo cronológico só será recuperado pelo narrador, sem descontinuidades, ao final da obra. Nesta perspectiva, “o romance consiste muito mais nos *flashbacks*, uma das técnicas mais conhecidas, utilizadas na narração a serviço do tempo psicológico, que consiste em voltar no tempo”, (GANCHO, 2002, p. 22) e ainda para esclarecer esse recurso utilizado por Montello, Kreutzer (1992), afirma que, Maria Rita Santos²², em seus estudos a respeito desse romance, constata: “esta memória funciona apenas como estratégia, permitindo ao narrador estabelecer a relação entre o presente, sempre curtamente evocado, e o passado que forma a substância máxima do romance” (KREUTZER 1992, p. 16).

Embora em sua análise Winfried Kreutzer (1992), afirmar que a construção das lembranças dentro da obra estão sempre bem marcadas, nossos estudos atestaram que em alguns pontos se o leitor não estiver bem atento poderá confundir esses tempos do romance. Mesmo “a atualidade dando impulsos para informar a lembrança” (KREUTZER, 1992, p.16).

A morte de Samuel empenhada por Damião, por exemplo, embora seja um marcador de lembrança que devolverá ao leitor o momento que Damião se depara com os crimes dentro do bar, podem também confundir - se, mais acentuadamente quando Damião ainda relatando sobre as mortes dos dois homens no botequim retoma sua caminhada pela fazenda com o alvoroço da chegada do Bispo, nestas páginas do romance as histórias e os tempos se cruzam.

Já afeito à escassa luz do candeeiro, Damião olhou mais uma vez em redor, de testa franzida, espantado com a brutalidade dos dois crimes, ali em São Luís. Voltou a olhar o negro caído de borco, com a imagem de Samuel na memória. Pensou em sair dali e avisar a polícia. Mas anteviu o aborrecimento das idas à delegacia. (MONTELLO, 1985, p. 46).

E em alguns parágrafos após temos: “- Crime feio, comentou: -vamos ter barulho nos jornais” (MONTELLO, 1985, p. 46).

Nesse trecho, por exemplo, pode haver confusão entre os assassinatos, se o “crime feio” faz referência ao de Samuel, ou ao encontrado por Damião dentro do bar no início da narração do romance.

Existem assim no enredo, mudanças cronológicas súbitas e outras bem marcadas.

Temos como exemplo das marcações bem acentuadas o episódio no qual Damião se depara com um morto coberto de sangue na noite de sua caminhada, cujo narrador

²² SANTOS, Maria Rita. *As personagens de cor na literatura brasileira e em os tambores de São Luís*, dissertação. 1980 – Universidade Federal da Paraíba.

subitamente já inicia o segundo capítulo por meio da lembrança do rio cheio de piranhas que é a passagem para o espaço do Quilombo.

Ou seja, cada vez que Damião se depara com morte e sangue, se lembra do dia o qual perdeu o pai, a esse respeito assim descreve o narrador: “o que vira Damião ficaria para sempre nas suas pupilas” (MONTELLO 1985, p.40). “Uma grande mancha de sangue boiando à tona da correnteza, enquanto as piranhas bloqueavam o corpo esguio, que se debatia entre as navalhas de seus dentes afiados” (MONTELLO, 1985, p.41).

Desta forma, KREUTZER (1992) alega que é esse o recurso cujo autor utiliza para imbricar os dois tempos dispostos no interior da obra, embora haja alguns períodos, ainda que poucos, em que o leitor possa ficar desorientado com relação ao que seja lembrança e tempo real, “já são mais notáveis os casos onde obviamente existe uma ligação entre a atualidade e a lembrança” (KREUTZER, 1992, p.16).

Ao discorrermos a respeito dos personagens, ressaltamos mais uma vez que há como traço marcante no romance uma mistura de personagens imaginários com figuras da história real, que conviveram com o autor ou que são reconhecidas historicamente.

No mundo fictício do romance há mais de 400 personagens que acompanham a trajetória de Damião, desde sua caminhada com início às dez horas da noite e vai até às nove da manhã do dia seguinte, esse seria o tempo cronológico real interno à obra, e dentro desse, há as lembranças de Damião que se referem à sua vida enquanto escravo e homem livre; podemos entender este processo de *flashback* de *A story told by a character*²³ ou seja, uma metanarração, é a história ficcional contada por meio da voz de um personagem que questiona em alguns momentos sua condição de escravizado, “E de repente numa reação impulsiva de seu brio, Damião voltou a fixar o pensamento na miséria de sua condição. Por que era escravo? E por que também eram escravos os negros que enchiam agora a capela” (MONTELLO, 1985, p 90).

Desta forma, há na narrativa a voz do negro enquanto representação social que nem sempre teve destaque dentro de textos literários, ou quando teve foi numa outra perspectiva, a do dominador, conforme ressalta Maria Rita Santos (1980) em seu trabalho, *As personagens de cor na literatura brasileira e em Os Tambores de São Luís*, já assinalado anteriormente nesse trabalho.

²³ KOBBS, Verônica Daniel. A Metaficção e Seus Paradoxos: da Desconstrução à Reconstrução do Mundo Real/Ficcional e das Convenções Literária. Disponível em: <http://www.cristovaotezza.com.br/critica/trabalhos_acd/metaficcao_veronica_kolb.pdf>. Acesso em 30 out. 2016

Assim, entre as inúmeras personagens da obra, existem algumas sem muita ou quase nenhuma profundidade na descrição ou ação; outras, já fazem parte da trajetória de Damião, e permanecerão até ao final da história.

A diversidade de personagens que terão importância e influenciarão na construção identitária de Damião, são construídas dentro de suas vivências no espaço quilombola, nesse sentido, podemos destacar seu pai, mãe e irmã, o Barão Altino Celestino dos Anjos e Samuel, o negro que é erotizado de maneira negativa, a este respeito nossa análise será aprofundada no Capítulo III.

Em contrapartida, na Casa-Grande temos o Dr. Lustosa, a Inhã Miloca, e ainda nesse contexto, em São Luís do Maranhão, os padres e bispos, mais especificamente o padre Policarpo, que fará parte da trajetória de Damião e contribuirá para a formação de sua identidade, influenciando em suas decisões, bem como outros, que vão desde as mulheres com quem se relaciona, seus filhos, poetas (como por exemplo, Sousândrade), políticos e outros negros que acompanham sua caminhada.

CAPÍTULO II

2. OS TAMBORES DE SÃO LUÍS: ROMANCE HISTÓRICO?

Embora o romance se coloque não no plano do documento, mas no da criação, poder-se-á estabelecer a concordância das duas vertentes, desde que ambas se confundam na harmonia da realidade romanesca.

Josué Montello (1985)

Não pretendemos neste capítulo fazer uma análise da evolução do romance histórico, nem nas condições de como nasceu e, ou como se modificou durante os séculos, mas à luz da análise empreendida por Ligia Chiappini Moraes Leite em, *O foco narrativo*, (1997), situar *Os Tambores de São Luís* enquanto obra de arte, “que revela o mundo real por meio do ilusório, desvendando as aparências para destacar as essências”, ou ainda e mais precisamente, de acordo com a mesma pesquisadora, ao definir o romance histórico de acordo com a teoria de Gyorgy Lukács, ela pondera que “o romance ao retratar em seu desenrolar uma parcela da vida, nos desvenda o universal” (LEITE, 1997, p.77).

Assim, embora na trajetória crítica a respeito de *Os Tambores de São Luís*, conforme já anteriormente destacado, tenha se consagrado como romance histórico há os que encontram nele vestígios do romance memorialista ou autobiográfico, entretanto, o próprio escritor, Josué Montello, ressalta que “todo romance é histórico desde que se ajuste a moldura do tempo em que decorre a sua ação fundamental” (AMPARO, 2009, p.77).

Entendemos por meio da análise das palavras do escritor do romance, que sendo a ação fundamental de *Os Tambores de São Luís*, o cenário da escravidão do negro, que por sua vez não fez parte do tempo em que ele escreveu a obra, Josué Montello soube enquadrar esse episódio histórico, tornando-o vivo através da concatenação dos fatos construídos no romance.

Porém, embora as afirmações do autor sejam apreendidas à leitura da narrativa, não serão as afirmativas do seu próprio criador que lhe trarão suas características intrínsecas, mas a análise de outros é que farão estas serem reafirmadas ou totalmente desconstruídas.

Desse modo, *Os Tambores de São Luís*, por sua vertente histórica, como já analisado, combina personagens fictícios com alguns da trajetória real de Josué Montello, o que faz com que pela sua leitura tenhamos contato com experiências de vida do próprio autor, podendo conferir ao romance teor autobiográfico, pois quando conhecemos a biografia de Montello, somos levados a reconhecê-lo em algum dos seus personagens, não é questão de omitir a autonomia que recebe cada componente da narração literária, como, autor, narrador e

personagem, pois cada uma dessas composições fictícias exercem papel distintos dentro do romance, uma vez que, “quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou e o que desejou.(LEITE, 1999, p. 6). Entretanto, em alguns momentos, pode-se não poder distinguir na leitura do romance o papel de cada uma.

Dessa forma, para exemplificar aqui os pontos do enredo que classificam o romance montelliano enquanto romance histórico, citamos o Processo da futura Baronesa de Grajaú ocorrido em 1876²⁴, um dentre os casos inusitados que aparecem no contexto da obra, esse evento ocorreu na história da sociedade Maranhense e foi transposto por Josué Montello para *Os Tambores de São Luís*.

O caso relaciona-se com a acusação de que a dona Ana Rosa Viana Ribeiro, esposa do doutor Carlos Fernando Ribeiro, chefe do Partido Liberal no Maranhão, o qual depois seria escolhido por dom Pedro II Barão de Grajaú, valia-se de maus-tratos e muita truculência com seus escravos e assim teve morto um dos seus cativos, uma criança de oito anos, que se chamava Inocêncio. A baronesa era conhecida na época do acontecimento como uma senhora maldosa, sua fama na cidade era de usar de métodos sádicos para punir seus escravos, a quem ela submetia aos mais variados e cruéis tipos de castigos.

O referido processo envolveu também dois homens de bastante importância na história maranhense, que também passaram a ser personagens da obra montelliana. Como acusador está o Senhor Celso Magalhães, pioneiro do abolicionismo reconhecido pelas artes literárias, e, na defesa, Paula Duarte, deputado provincial, famoso pela aguçada inteligência, que, pela análise do processo, venceu o oponente.

Contrariando ao que se podia pensar para época, a baronesa foi levada a júri, pronunciada, presa e finalmente absolvida por unanimidade, chegando para ser julgada em companhia de damas de preto, amigas prestigiadas na sociedade, como bem retrata Josué Montello nas páginas do romance. “É o que estou lhe dizendo. A Dona Ana Rosa, em outubro, matou um escravo. Um Menino. Ontem matou outro. De pancada, Damião” (MONTELLO, 1985, p.449).

Josué Montello agrega à história da baronesa aspectos simbólicos do romance, como por exemplo, o som dos Tambores. Conforme verificamos no trecho a seguir: “na noite do dia 24 de novembro, ao espalhar - se pela cidade a culpabilidade de Dona Ana Rosa, ouviu-se até muito tarde o bater dos tambores da Casa Grande das Minas”. (MONTELLO, 1985, p.475).

²⁴ A história mais detalhada pode ser lida na matéria: *A Baronesa e o Instrumento do seu Crime*, escrita por Décio Xavier Gama. Desembargador do TJ/RJ. Disponível em: <http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista26/revista26_5.pdf>. Acesso em: 15 julho 2017.

São treze páginas da obra dedicadas ao caso da Baronesa do Grajaú, em que se misturam ficção e realidade, e neste caso Damião faz parte como amigo pessoal do doutor Celso celebrando a notícia de que dona Ana Rosa perdera o caso.

O processo da baronesa, que passou a fazer parte do romance montelliano por meio da influência de um amigo²⁵ de Josué Montello, se esclarece através da análise de Friederic Jameson (2007) sobre o romance histórico. De acordo com o pesquisador, “há no romance, portanto, não apenas a representação de um período de transição histórica, mas também, e em larga medida, encenação de uma revolução e uma contra-revolução, como a própria guerra, que deve sempre estar no centro do romance histórico” (JAMESON, 2007, p.188).

Embora o cenário da escravidão não seja caracterizado historicamente e nem pode ser confundido com o processo de guerra do qual fala Friederic Jameson (2007), existem interesses ideológicos na escravidão assim como na guerra. E nesse caso, entende-se o valor que a temática retratada por Josué Montello possui, e é justamente esse caráter que qualifica *Os Tambores de São Luís* como romance histórico.

Nesse sentido, podemos entender pelo contexto de *Os Tambores de São Luís*, há desde o início da trajetória de Damião a encenação de uma revolução que diz respeito à escravidão negra e os resquícios que virão após a abolição, e a contra - reforma, neste caso encontra-se configurada nas lutas entre Senhores e Escravos. Embora, mesmo sendo desigual, apesar do cunho romântico que obra também possa assinalar, existe uma tentativa do escritor, enaltecida por Zilá Bernd (2011), de “desmascarar alguns aspectos importantes que não haviam sido desvendados pela literatura brasileira” (BERND, 2011, p. 140).

Entretanto, a pesquisadora afirma que, o autor peca “ao tender para a função sacralizadora da literatura e filiar-se a tendência Freyriana da mestiçagem” (BERND, 2011, p. 140), lembrando Gilberto Freyre escritor de *Casa Grande e Senzala* (1933), ou seja, a mistura das raças, ou a cordialidade, que passou a existir entre ambas, após a abolição, seria a única maneira de por fim ao problema histórico existente entre brancos e negros.

²⁵ Este amigo de Josué Montello consiste em seu contemporâneo José Sarney que conta a seguinte história sobre esse episódio: O processo sempre esteve com ele até que em uma noite, em Brasília, Josué e Yvone sua esposa foram jantar com Sarney que contou – lhes que tinha o processo da Baronesa de Grajaú. Diante do interesse de Montello, o amigo lhe ofertou a seguinte condição, que ele escrevesse um romance inspirado no processo. De acordo com Sarney, foi assim que nasceu *Os Tambores de São Luís*, desta forma, passando – se o tempo, em uma noite, numa solenidade, no Museu Histórico do Maranhão (fundado por José Sarney), Josué Montello fez referência a essa história e doou ao Museu o famoso manuscrito. Disponível em:< <http://www.josesarney.org/blog/o-processo-da-baronesa-de-grajau/>>. Acesso em: 15/05/2017

Outros aspectos que conferem à obra características do romance histórico encontram base nas considerações de Alfred Döblin, em seu artigo, *O Romance Histórico E Nós* (2006). Segundo ele, “o autor serve-se de certo recurso da História, que encontra citado num jornal, podendo ser o suficiente para escrever um romance; quando não, aproveita-se de certos acontecimentos oriundos de sua experiência” (DÖBLINP, 2006, p. 14).

Neste sentido, a análise de Alfred Döblin, explica a recepção positiva encontrada pelo *Os Tambores de São Luís*; segundo o pesquisador: “o mais simples e inventado romance, até ele necessita de fundo de realidade para que o aceitemos. E se nos perguntamos qual a razão, de onde isso procede e por que não nos permitimos aceitar um jogo totalmente inverossímil” (DÖBLINP, 2006, p.4).

Ainda nessa perspectiva, de acordo com Gyorgy Lukács (1966), esse espécime de romance se particulariza ao trazer em seu conteúdo a revelação de forças sociais em disputa de uma determinada época. Desta forma, Lukács toma como exemplo os personagens de Walter Scott precisamente porque carregam em si essa característica. Assim como observamos em Damião e outros personagens de *Os Tambores de São Luís*, são tipos históricos que o autor Josué Montello cria como maneira de nos provocar a catarse por meio das emoções e angústias que o autor lhes atribui, e, sobretudo, pelas suas dúvidas e complexidades ao viverem problemas históricos ou do cotidiano em que estão inseridos. Existe neste sentido a transfiguração do plano real para o imaginário, a transcendência do individual para o universal.

Friederic Jameson (2007) analisa as considerações de Gyorgy Lukács ao definir o romance histórico levando em consideração os acontecimentos que ele apresenta. Segundo ele é o aspecto que o distinguiria das demais manifestações romanescas a “transcendência da existência individual” (JAMESON, 2007, p. 191).

De acordo com Kreutzer (1992), “o próprio assunto do romance, ou seja, a escravidão nos permite categorizar este como espécimen do gênero tradicional do romance histórico” (KREUTZER, 1992, p. 41), e nesse sentido, para discorrer a respeito desse contexto, Montello utiliza nomes de pessoas integrantes da sociedade escravocrata maranhense e recria alguns personagens. A afirmação dada pelo estudioso da obra montelliana pode ser analisada desde o início da narrativa, conforme já ponderado, verificamos nomes de pessoas que realmente viveram em São Luís do Maranhão. Além das já citadas, como, por exemplo, a nochê Andreza Maria, encontraram-se também Dom Cosme Bento de Chagas, que é apresentado “como o negro que mais teve poder em todo o Maranhão” (MONTELLO, 1985,

p.23), e realmente fez parte da Balaiada²⁶, lutando pela libertação dos escravizados e fora morto em setembro de 1842.

E assim segue com outros nomes de pessoas reais que se misturam aos personagens fictícios. Contudo, as figuras históricas maranhenses aparecem como personagens secundários, auxiliando assim a composição do enredo e fornecendo desse modo dados para identificarmos as épocas que são narradas, pois as características e feitos das personagens nos dão a base para situarmos o momento social descrito pelo narrador. Neste sentido, o escritor alemão Kreutzer, afirma que:

Quanto à época recordada por Damião é possível fundamentar a cronologia dos acontecimentos a partir de menções de fatos históricos conhecidos; além disso, outras indicações e, sobretudo a deixis interior do texto chegam a fixar o relacionamento cronológico implícito dos acontecimentos ficcionais com bastante precisão. (KREUTZER, 1992, p. 9).

Diante da exposição acima, de acordo as palavras do crítico literário Antonio Candido em sua obra *Literatura e Sociedade* (2006), os acontecimentos sociais como os que se apresentam na obra de Josué Montello são importantes, “mas não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 2006, p.14). Ao se fazer esta constatação, concluímos que a singularidade da obra está justamente em não subordiná-la a essas análises, pois de acordo com o mesmo escritor, só compreendemos o texto literário fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra.

Embora haja consideração pelo aspecto social da obra, os acontecimentos históricos que nela são descritos, o fazemos não como enquadramento de uma determinada época, embora seja necessário, afim de que, possamos entender alguns marcadores de tempos não explícitos durante a narração; entretanto, ainda de acordo com Candido (2006), quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, “não como enquadramento, permitindo situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo” (CANDIDO, 2006, p. 16). Até mesmo, porque esse não é um trabalho da história ou da sociologia, muito menos da psicologia, mas precisamos nos orientar por estas áreas do conhecimento, “para chegarmos a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte”. (CANDIDO, 2006, p. 16). E nessa maneira de analisar o texto literário, demonstra que:

²⁶ A Balaiada foi um movimento social ocorrido no Piauí, Maranhão e Ceará, do final de 1838 a fins de 1841, envolvendo de um lado, grandes proprietários de terra e de escravos, autoridades provinciais e comerciantes e de outro, vaqueiros, artesãos, lavradores, escravos e pequenos fazendeiros.

Segundo esta ordem de ideias, o ângulo sociológico adquire uma validade maior do que tinha. Em compensação, não pode mais ser imposto como critério único, ou mesmo preferencial, pois a importância de cada fator depende do caso a ser analisado. Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente. Mas nada impede que cada crítico ressalte o elemento da sua preferência, desde que o utilize como componente da estruturação da obra (CANDIDO, 2006, p. 16).

Assim, Josué Montello inspira-se em suas leituras e experiências para estruturar seu romance e retratar Damião, o protagonista de sua obra prima, que a princípio, como ele mesmo atesta, ao narrar o esboço do romance ao amigo Jorge Amado, “desejava escrever um relato de uma dinastia de negros, todos com o nome de Damião, no curso de três séculos da história Maranhense” (MONTELLO, 1985, p. 613). No entanto, “como em um transe do médium, ele sentiu que a inspiração lhe vinha, e diferente do que planejou, a narrativa partiu de um episódio imprevisto, o encontro de um negro assassinado dentro de um bar numa velha noite de 1915” (MONTELLO, 1985, p. 614). Desse modo, não se leu as várias narrativas, como Montello imaginou a princípio, “mas uma única, a fechar-se em si mesmo” (MONTELLO, 1985, p. 614).

2.1 Da História para o Romance

Nas páginas posteriores ao romance, *Os Tambores de São Luís*, Josué Montello como forma de agradecimento nomeia alguns dos amigos que contribuíram para a sua escrita, e dentre esses, enaltece a importância, como já citado, de Nunes Pereira, afirmando ser o etnólogo maranhense quem lhe forneceu a chave da Casa Grande das Minas, se referindo assim, metaforicamente, à obra publicada por Manuel Nunes Pereira, intitulada, *A Casa das Minas* (1947).

A Casa das Minas já aparece nas primeiras páginas do livro, reconhecida como sinônimo de resistência. Reside nesse fato, portanto, a explicação para escolha de Josué Montello em figurar na obra os momentos em que, pisando nesse terreiro, a personagem Damião sente-se como de volta ao continente africano, herança de seus pais. Nesse sentido, podemos verificar o que nos afirma Roger Bastide (1971), ao adentrar à Casa das Minas, segundo ele, “o mundo brasileiro termina nos muros da casa.” Bastide (1971 apud FERRETTI, 2012, p.26.).

Faz-se necessário retomar essa peculiaridade da obra, pois uma das características fortes do romance é a fusão entre história e ficção, sempre ligadas ao período escravocrata, como os espaços e seus sentidos, as lutas, a crueldade nas relações entre senhores e escravos

e, sobretudo, os momentos de resistências à violência e desumanidade sofrida pelos escravizados.

Sobre esse último aspecto, podemos perceber nas primeiras páginas da pesquisa realizada pela professora Maria Rita Santos (1980), na qual ela afirma que o romance montelliano contraria a maioria das teses ao demonstrar a importância da resistência dos africanos e negros brasileiros aos castigos, “primeiro pela religião depois pela revolta e rebelião”. (SANTOS, 1980, p. 22). Esclarecidas na leitura do romance, entre as várias formas de resistências que são descritas, podemos observar o fator religiosidade como ponto mais intenso, mesmo diante das proibições previstas por lei, como por exemplo, na Constituição de 1824, transposta para a obra, que considerava a liberdade de convicção religiosa e de culto privado apenas para a religião do Estado, e, claro, não era a professada pelos negros, ainda assim, a batucada dos tambores aparece em todos os capítulos, desde as primeiras páginas narradas.

Damião ficou um momento absorto. Dir-se-ia que aquele baticum nervoso, que só os negros sabem tocar, restituía- o a si mesmo, numa noite africana. Ficou assim uns momentos, como suspenso no ar [...], por entre o tantantã dos tambores. Depois caiu em si. Por que logo lhe veio, com a rapidez de uma punhalada, a consciência de sua condição (MONTELLO, 1975, p.98).

Sendo a religiosidade metaforicamente marcada pelos sons dos tambores que emanam não só da *Casa das Minas*, mas também de todos os lugares como se acompanhassem Damião. O outro espaço, que nos leva a refletir sobre as considerações de Santos (1980), ao qual somos remetidos pelas lembranças da personagem, é o Quilombo, que aparece na obra, formado pelo seu pai, e está situado ao final da revolta popular que ficou conhecida como Balaiada, uma expressão fortíssima de resistência dos escravizados que se posicionaram contra a nobreza rural maranhense. Destacamos assim, mais uma vez, que um dos pontos altos do enredo são claramente, as lutas dos negros escravizados, por liberdade. São inúmeras as passagens descritas na obra, dando-nos a visão de que, a população escravizada não aceitava passivamente as injúrias e castigos imerecidos e nos momentos se questionavam sobre suas condições.

Ninguém quer ser escravo, tudo quer ser livre. Cativo de negro tem que acabar. Pra acabar só tem um jeito: é os pretos se juntar. No Brasil tem muito preto, mas tudo espaiado, uns aqui, outros ali. Não há lugar sem quilombo. E tudo no mato escondido, como nós (MONTELLO, 1985, p. 30).

De acordo com a pesquisadora, Simone da Silva Rezende em seu artigo, *Quilombos do Brasil, a Memória como Forma de Reinvenção da Identidade e da Territorialidade Negra*

(2012) “a formação dos espaços quilombolas, foram às primeiras formas de defesa dos negros, não só contra a escravização, mas também à discriminação racial e ao preconceito” (REZENDE, 2012, p. 5). O que prova, ainda de acordo com a pesquisadora, que a história do negro no Brasil não se constitui somente de subordinação, e são diversas as formas de oposição negra à escravidão como, as revoltas, fugas, assassinatos de senhores, abortos e suicídios.

Em *Os Tambores de São Luís*, Josué Montello faz referência a quase todas essas formas de resistências, conforme procuramos abordar no decorrer da análise. A questão do suicídio, por exemplo, aparece no segundo capítulo, quando Julião, o pai de Damião, ao voltar forçadamente do Quilombo que havia formado junto com sua família e outros negros, se joga ao mar e é devorado pelas piranhas.

E o que Damião viu a seguir, juntamente com os seus companheiros consternados, ficaria para sempre nas suas pupilas: uma grande mancha de sangue boiando à tona da correnteza, enquanto as piranhas bloqueavam o corpo esguio, que se debatia entre as navalhas de seus dentes afiados (MONTELLO, 1985, p. 41).

Nas páginas seguintes encontramos a conversa de Damião com outro negro, “tu não conheceu o Tônico, meu irmão. Era um preto bão, só vivia para ajudar os outros. Se tinha arguem doente, o Tônico tava do lado, ajudando a sofrer [...]. Uma tarde desceu pra lagoa, e não vortou. Foi pra pedreira, e se jogou lá de riba” (MONTELLO, 1985, p.81).

O suicídio é descrito como uma forma de livramento das dores e castigos imerecidos. Julião, o pai de Damião, após experimentar a liberdade que tinha no quilombo, que o aproxima ainda mais das reminiscências que carrega do continente africano, não suportou a ideia de voltar à senzala, e além de pensar no que lhe aguardava esse retorno, certamente pensava no que experimentaríamos também a mulher e o filho, fato esse que o Clovis Moura²⁷ (2004) define como “uma das reações extremas de protesto do escravo,” (MOURA, 2004, p.381).

Durante a descrição da vida quilombola, podemos perceber em alguns períodos da fala de Julião, a certeza que para o cativo não voltaria, visto que em vários momentos conscientiza o filho para ser seu sucessor. Temos como exemplo, o momento em que ainda no quilombo, conversa com Damião.

Tu se lembra quando nós chegou aqui, não tinha ninguém. Hoje tem gente muita. Mas se véve assustado. Tudo cum medo de vortar pro cativo. De noite eu sonho que os

²⁷ Clóvis Steiger de Assis Moura, negro, militante e intelectual, historiador e sociólogo, jornalista e cientista social. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100027>>. Acesso em 10 junho 2017.

branco tão chegando e pulo da rede, cum a mão na espingarda. Não se tem sossego. O nego Cosme, que tinha mais gente que nós, não aguentou as guerras dos brancos. O Balaio também se entregou. Tou vendo a hora dos branco chegar aqui pra dar cabo da gente. Eu podia garrar tu, mais tua mãe e tua irmã, e ir embora. Só se eu não me chamasse Julião. Mas me chamo. Foi eu que fez o quilombo, tudo aqui ta dentro do meu corpo. Cheguei agora num ponto que não posso parar nem vortar: Tenho de ir pra frente (MONTELLO, 1985, p 31).

Segundo Saulo Veiga Oliveira e Ana Maria Galdini Raimundo Oda, em seus estudos que culminou na obra, *The suicide of slaves in São Paulo during the last two decades of slavery*, que traz o subtítulo: *O suicídio de escravos na historiografia brasileira* (2007).

Na história da escravidão, o suicídio é quase sempre citado de passagem, em geral acompanhando comentários genéricos sobre formação de quilombos, fugas, homicídios e outras ações violentas que expressariam a rebeldia ou meios de negociação dos cativos, e raramente recebeu tratamento pormenorizado (ODA, OLIVEIRA, 2007, p. 2).

A esse respeito os autores ao analisarem a obra de Roger Bastide afirmam:

Contemporaneamente, poucos autores se ocuparam do suicídio de escravos de forma mais detalhada, e entre esses está o pesquisador Roger Bastide, segundo ele, o suicídio para os cativos era um protesto contra a escravidão, meio de se libertar de uma vida de castigos; ou seria decorrente das saudades da terra natal. Bastide (1971 apud, ODA, OLIVEIRA, 2007, p.373).

Algumas das explicações para o ato de tirar a própria vida, embora no continente africano condenarem o suicídio, é a escravidão e a saudade da terra natal, pois assim, por meio da reencarnação, os negros acreditavam que poderiam retornar à terra de origem.

Diante da cruel realidade em que viviam os escravos, podemos entender o suicídio como a expressão máxima de repúdio ao cativo, nos levando a ponderar que não poderia ser considerado como fraqueza ou covardia, embora se possa fazer essa leitura, pois no caso de Julião deixou filhos e esposa, além de seus companheiros de luta. Porém, os horrores da escravidão é uma justificativa para tal ato, visto tirar toda a dignidade do ser humano, coisificá-lo, e além de viverem sempre em condições tão precárias e desumanas, não terem nunca a certeza se algum dia além da esperança da morte o cativo teria fim.

Em *Os tambores de São Luís* (1975), aparecem também as reflexões feitas por Damião, que questiona os motivos da sua condição de escravo e a segregação entre os homens apenas pela cor da pele.

E de repente numa reação impulsiva do brio, Damião voltou a fixar o pensamento na miséria de sua condição. Por que era escravo? E por que também eram escravos os negros que enchiam a capela? Agora, ali estava o Bispo, como emissário de Deus. Deus estaria de acordo com aquela distinção? Uns livres, outros escravos? Uns sentados, outros de pé? [...] ou Deus era dos brancos e não dos negros? (MONTELLO, 1985, p.90).

As ponderações da personagem a respeito de sua condição demonstram que não eram os escravos vítimas passivas da escravidão, em *Os Tambores de São Luís*, esse fato fica muito evidente, quando são descritos alguns lugares e episódios que testemunham e são símbolos de resistências.

Nesse sentido, de acordo com a pesquisadora Régia Agostinho da Silva que escreveu o artigo, *Escravidão e resistência no Maranhão: anúncios e fugas escravas no século XIX* (2014), na Universidade Federal do Maranhão, as iniciativas dos próprios cativos que não aceitaram passivamente as condições de precariedade e subalternidade lhes impostas, foram fundamentais para o acontecimento da abolição.

A pesquisadora relata algumas análises que fizera de anúncios de fugas de escravos na província ao dar a visão de que não existiu aceitação da escravidão pelos próprios cativos, mas se percebe nos escritos, opostamente ao que se pode pensar, os escravos não foram vítimas passivas da escravidão, dessa forma, assim bem descreve Josué Montello em *Os Tambores de São Luís*, quando representa as várias formas de resistências impetradas pelos escravizados.

Nesta perspectiva, se o tempo das memórias se inicia em 1844, e sendo *Os Tambores de São Luís* um romance histórico, nos oferece matéria para que possamos discutir esses aspectos sociais ligados ao período narrado sem deixar de levar em consideração que estamos tratando de um texto fictício, escrito à medida de uma condição documentária como afirma o próprio autor ao relatar a história da escrita do romance. Ou ainda, como bem explicita Antônio Candido (1972), sobre o fato do texto fictício “referir-se constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc.”. (CANDIDO, 1972, p.83).

Assim, ponderando nas palavras de Antônio Candido, que considera o texto fictício como apreensão de um tempo social já passado, em *Os Tambores de São Luís*, temos uma riqueza grande de fatos históricos que podem e merecem ser discutidos, justamente pela função humanizadora que podem causar, pois nos levam por meio dos personagens e espaços mencionados a refletir sobre a realidade de um momento histórico significativo, deixando marcas e resquícios que algumas vezes parecem intransponíveis, como por exemplo, o preconceito racial.

Dessa forma, *Os Tambores de São Luís*, como observado nos estudos de Maria Rita Santos, ao mencionar sobre o fato da prosa brasileira apenas dar ênfase aos problemas vivenciados pelos afrodescentes na voz do próprio negro, quase ao final do século XIX, incluindo aí a importância da obra montelliana, avalia sobre o fato da “marginalização dos

africanos por este tempo, ter pouco respaldo pelas obras literárias sendo preferencialmente ou até exclusivamente de interesse das ciências” (SANTOS, 1980, p.16).

Ainda nesse sentido, Regia Agostinho da Silva, em seu artigo já citado anteriormente, sobre a *Escravidão e resistência no Maranhão* (2014), relata que a população maranhense, ao final do século XIX, tempos memorados por Damião, era, em sua maioria, negra ou mestiça e a economia maranhense era praticamente baseada na lavoura canavieira, conforme também é retrato na obra montelliana, mas a esse aspecto econômico não daremos ênfase neste trabalho, mas será citado apenas como maneira de discorrermos sobre as péssimas condições de trabalho cujos escravizados eram submetidos nessas plantações, somente enriquecendo os fazendeiros da época.

Diante disso, se Damião é a representação maior na obra de um coletivo social negro e subalternizado em sua luta por redenção, por outro lado temos o Dr. Lustosa que representa os fazendeiros, donos da Casa Grande tanto em crueldade como em preconceito. Sobre esse aspecto, pensando na visão narrada pelas reminiscências de Damião, encontramos na pesquisa que culminou no livro *Compêndio histórico-político dos princípios da lavoura do Maranhão* (1818), de Raimundo José de Sousa Gaioso²⁸, que dentre outros aspectos inerentes ao período, aborda a realidade das propriedades rurais e dos engenhos maranhenses mencionando as injustiças e opressões, como tratamentos destinados aos escravos que ocorriam nas fazendas e tiravam-lhes o direito de serem até mesmo, seres humanos, considerando-os como coisas.

Nessa perspectiva, passando para o contexto do romance, encontramos os momentos em que se narra o dia-a-dia da fazenda, os conflitos que marcaram as relações entre senhores e escravos, como bem registra Maria Rita Santos, “a escravidão teve função de domesticar homens, mulheres e crianças. O escravo é entendido como uma coisa que não merece respeito” (SANTOS, 1980, p. 20). As palavras da autora se comprovam à leitura de muitos fatos catárticos na descrição dos castigos físicos, mas como exemplo de expressão máxima, verificamos muita crueldade nos primeiros dias de Damião na fazenda ao retornar forçadamente do quilombo, e quando o Dr. Lustosa acredita que sua filha Inhá Biló está grávida do seu escravo.

²⁸ Raimundo José de Sousa Gaioso (1747-1813) nasceu na Argentina, filho de João Henriques de Sousa, que era versado em finanças tendo fundado em 1772 a Aula de Comércio em Lisboa. Raimundo Gaioso foi degradado para o Maranhão. Depois de longa reavaliação de seu caso, Gaioso foi anistiado de sua pena e reabilitado a informante do rei. Publicou, dentre outros textos, o *Compêndio histórico-político dos princípios da lavoura do Maranhão, suas produções, progressos, entraves que a atacam e meios de remediá-los* (1970). Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401973710_ARQUIVO_ArtigoLuizCouceiro&RejaneValvanorBANatal-RN2014.pdf>. acesso em 19 nov.16

Em *Os Tambores de São Luís*, os motivos que culminavam nos castigos eram em sua maioria por desobediência ao senhor, ou por vezes, por este se sentir de alguma forma lesado pelo seu escravo. Como no episódio em que Dr. Lustosa acredita nas afirmações do feitor de que Damião não cuidava bem dos carros de bois que iam aos canaviais ao amanhecer, e retornavam ao final da tarde, e por isso as canas chegavam em menor quantidade à fazenda, levando o senhor a acreditar que Damião estava vendendo ou deixando-as cair propositalmente para prejudicá-lo financeiramente.

Consequentemente deveria ser imediatamente castigado. Assim temos:

A altura da nova palmatoada, não precisou olhar para saber que a palma da mão direita estava rachada ao meio e empapada de sangue. E quando o braço do senhor tornou a descer, com a palmatoria zinzindo no ar para novamente cair na mão ferida, seu instinto pode mais que a que a firmeza de sua cólera, e ele puxou o braço, ao mesmo tempo em que o Dr. Lustosa vinha para a frente, desequilibrando – se, e só não caiu no quintal, por cima do descanso do alpendre, porque na passagem se amparou no pilar.

– Ah, negro de merda, tu me pagas! Vais apanhar em dobro, para nunca mais tirares a mão na hora da bordoadá!

E dobrou de fato o castigo, lapte, lapte, lapte, uma palmatoada atrás da outra, até perfazer duas dúzias bem contadas, sem um momento de descanso do braço vindicativo, que subia e descia, subia e descia [...](MONTELLO, 1985, p.52).

A palmatória era apenas um dos instrumentos utilizados para punir os escravos. Os utensílios de tortura demonstravam quanta crueldade havia nas relações senhor e escravos, o que desconstrói o mito da boa convivência entre ambos, para esse fato, explica o próprio Montello no capítulo intitulado *Confissão de um Romancista*, presente na trilogia, *Romances e Novelas*, publicada em dezembro de 1981, no qual ele menciona que nos textos utilizados para estudo, entre esses, jornais e outros documentos, que lhes ajudou a compor *Os Tambores de São Luís*, o que mais lhe chamou a atenção “foram os castigos dedicados aos escravos durante o século XIX” Montello (1981 apud RABECCHI, 2009, p. 41). Por isso tanta verossimilhança pode observar-se nas cenas transpostas para a obra

Outro episódio descrito em *Os Tambores de São Luís* que demonstra a crueldade dos castigos, já exemplificados, são os instrumentos de tortura, como a palmatória e o pelourinho. Sobre esses aspectos, Vilson Pereira dos Santos, pesquisador da cultura negra no Brasil, escreve em seu artigo intitulado, *Técnicas da Tortura: Punições E Castigos de Escravos no Brasil Escravista*, publicado em 2013, que os castigos impetrados aos negros derivaram-se das práticas inquisitórias, ao que ele citando Silvia Hunold Lara²⁹ (1988), afirma que:

²⁹ Silvia Honold Lara escreveu a obra, *Campos da Violência – Escravos e Senhores na Capitania do Rio de Janeiro 1750 -1808*, publicada pela editora Paz e Terra em 1988. Uma versão da sua tese de doutorado em História Social defendida na Universidade de São Paulo em 1986.

Tratava-se de uma forma de castigo exemplar, práticas, de certa forma, derivadas das práticas inquisitoriais, uma espécie de “teatro do medo”, que foram bastante comuns em Portugal na transição do medievo para a época moderna. Segundo a autora acima, o castigo seria um ritual que tentava reconstituir a soberania do senhor por um instante. Por cima da desobediência do escravo, o senhor exibia aos olhos de todos a sua força “invencível”. Nesse sentido, LARA (1988), afirma que: O reconhecimento social da prática dos castigos de escravos, no entanto, esbarrava na questão da justiça e da moderação, pois somente aplicado nessas condições corresponderia ao que dele se esperava: a disciplina e a educação. Lara (1988, apud SANTOS, 2013, p.112).

O Pelourinho é analisado pelos autores acima citados, como um instrumento de castigo que pouco fez parte das fazendas, utilizando-se mais do tronco na área rural. A esse respeito, encontramos no romance o realmente era um objeto desconhecido por Damião, e que será apenas durante sua caminhada pelas ruas de São Luís com o Padre Policarpo, que ele terá conhecimento desse elemento de tortura, mais precisamente, ao passarem pelo Largo do Carmo, onde se deparam com a coluna de mármore erguida na praça, quase em frente ao convento, descrita da seguinte forma pelo padre Policarpo: “era alta, elegante, de base retangular, subindo para o capitel em feixes espiralado” (MONTELLO, 1985, p. 189).

Nessa descrição observamos a realidade histórica/ geográfica maranhense que neste sentido passa a ser ficção. No Dicionário Histórico Geográfico da província do Maranhão escrito em 1970 por César Augusto Marques, há a afirmação que havia um pelourinho no Maranhão, especificamente no Largo do Carmo, que é um centro histórico situado no centro da cidade, onde os feitores castigavam escravos que se rebelavam:

Nesse sentido, assim prossegue o padre Policarpo em sua conversa na caminhada com Damião.

É o Pelourinho. Nunca ouviste falar esse nome? Guarda-o bem na memória. Essa coluna foi erguida para o castigo público dos negros cativos. Os escravos eram amarrados à coluna, de bunda de fora, para serem açoitados. Hoje, já está fora de uso. Os pretos não apanham mais em praça publica; só apanham dentro das casas, alguns apanham tanto que morrem de apanhar. (MONTELLO, 1985, p.189).

Observamos nas palavras do padre Policarpo, que na verdade as formas de castigos aplicadas aos escravos iam se transformando, ou se camuflando, deixando de ter plateia para incorporarem outro aspecto, começaram a apanhar dentro dos casarões, porque leis de proibições iam se acentuando, podemos situar esses fatos da obra por volta de 1880, pois neste período a escravidão já declinava aumentando o número de alforriados e em 1886 o governo proíbe o açoite dos castigos aos escravos, embora na Constituinte de 1824 já serem abolidos os açoites, a tortura, a marca de ferro quente, e todas as penas mais cruéis.

A respeito das crescentes compras de carta de alforria, temos o primeiro encontro de Damião com Genoveva Pia, a negra que vendia doces e lhe relata como comprou sua carta de alforria.

A preta no momento de embrulhar as cocadas demorara o olhar no rosto de Damião, franzindo a testa [...].
Uma sinhá me comprou deixou eu trabaiair até ter dinheiro pra comprar minha liberdade. Trabaiei como uma doida nos meus tachos de doces, e hoje eu tou aqui, dona do meu nariz (MONTELLO 1985, p. 185).

Nesse sentido, Montello nos dá a visão de uma época marcada pelas mudanças da mão de obra no cenário nacional; grupos de negros e negras que já haviam sido libertos por leis anteriores à abolição, passaram a trabalhar em atividades além das ligadas à agricultura e pecuária, começaram a desenvolver os serviços gerais, como descrito no trecho acima que relata um encontro entre Damião e Genoveva Pia.

Essas conquistas são prenúncios da abolição da escravatura, os quais nos levam a refletir sobre as insurreições praticadas pelos escravizados que não aceitaram passivamente a desumanidade encontrada no cativeiro e a todas as formas de resistências, frutos das dores geradas pelo sistema escravocrata e que colaboraram para mudar os rumos da sociedade, culminando em diversas leis até chegarmos à Lei Áurea.

Assim, a abolição vai se processando, e com ela as estruturas econômicas de nosso país. Montello, por meio dos personagens, nos permite compreender os vários artifícios que culminaram, como as lutas e insurreições aqui já citadas, na Lei Áurea, e em outras leis antes dessa, e que consequências trouxeram aos cativos, como podemos verificar nas descrições expressas. “Por faltar lugar onde se abrigassem, dormiam eles ao relento, na orla do Cais da Sagração, no adro das igrejas, no banco das praças, nas calçadas da Praia Grande.” (Montello, 1975, p. 553).

Verificamos que a história contada por meio do romance, retrata momentos inovadores no que diz respeito ao século XIX, não só no que se refere à luta pelo fim da escravidão, mas também nas sequelas advindas das leis má formuladas.

Nesse sentido, encontramos o seguinte relato a respeito da Lei do Ventre Livre (1871), que tornou livres os que nascessem após sua promulgação, descreve o autor, “[...] perguntando – lhe pelos filhos. – Fiquei sem nenhum- replicou ela, de vista baixa, riscando a terra no chão com o dedo grande do pé direito, até a menina que tinha feito nove anos me tomou” (MONTELLO, 1985, p.417), e a Lei do Sexagenário, em 1875, que dava liberdade aos que tivessem mais de sessenta anos, “Eu fiquei sobrando, assim torto com ronqueira no

peito, desdentado, ninguém me quis. Não dou mais nem pra pôr sentido em passarinho no quintal”. (MONTELLO, 1985, p. 416).

A descrição destes períodos e fatos históricos transpostos para o romance nos leva a compreender que, se por um lado as leis abolicionistas eram conquistas, fruto da luta dos próprios escravos, estas nem sempre lhes trouxeram benefícios, pois se observa que o escravo idoso já não apresentava mais o mesmo vigor para o tipo de trabalho realizado, e não encontrando lugar na sociedade para morar, passaram a pedir esmolas. Já às mães se viam separadas de seus filhos.

Entretanto, a tão almejada abolição, parecia ser a conquista definitiva que poria fim àquela desumana condição de escravo. Era aspirada como o fator ideal em colocar fim a tanto sofrimento. Porém, nem todos os negros, escravos, ou neste tempo, já livres tinham a mesma concepção, alguns, como analisado no romance, desconfiavam da “Abolição”, conforme verificamos:

Pois a liberdade não veio com as leis antes promulgadas, nem tão pouco com as “cartas de alforria”.

Não é a carta de alforria que dá liberdade ao preto. Vê teu caso. Tu tens a tua e pensas que é livre. Não. Não és. Tua situação é pior que a minha. Viverás atrás de trabalho, e é com esforço que arranja um bico, assim mesmo por muito favor. Onde é que esta a tua liberdade? (MONTELLO, 1985, p. 429)

Josué Montello, por meio de suas pesquisas, consegue imprimir no romance algumas particularidades e contrariedades que foram acontecendo com a informação que a abolição enfim acontecera: “Minha Sinhá, agora se ocê quer comer, vá fazer seu jantar. O cativo acabou. Passe bem” (MONTELLO, 1985, P. 563). Todavia, outros, começaram a sentir a insegurança que chegou junto com a abolição. “O que vai ser de mim meu Deus, sem minha Sinhá?” (MONTELLO, 1985, p. 564). E mais: “Eu não quero liberdade, eu quero morrer escrava” (MONTELLO, 1985, p.564), alguns, porém, viam a liberdade como fim para seus problemas.

Nunca pudera imaginar que ali em São Luís, terra de Donana Jansem e Dona Ana Rosa Ribeiro, o fim da escravidão viesse a ser recebido com tanta festa. Parecia um sonho. Senhores e Escravos tinham se juntado nas ruas e praças, sem ódio, sem preconceito, sem lembrança de castigo, apagando os rancores de outrora, para surgir enfim um povo livre, numa terra de irmãos (MONTELLO, 1985, p. 57).

Montello, também faz referência aos resultados catastróficos da Abolição, que deveria ser pensada, planejada, devolvendo dignidade aos negros, com o mínimo de respaldo.

Também penso como o senhor quanto à abolição, já se pode sentir nestes poucos meses transcorridos depois do treze de maio, que ela foi um movimento passional, tanto de um lado tanto do outro. Desde 1971, com a lei do ventre livre deveríamos ter

adotado algumas providencias fundamentais, que permitissem a transformação do trabalho escravo em trabalho livre. (MONTELLLO, 1985, p.580).

Diante dos fatos, analisamos que existe na obra a pretensão de demonstrar certa cordialidade entre as duas partes, abolicionistas e os seus contrários. Por outro lado, há também um teor de denúncia às mazelas relegadas ao negro, que emergiram após a passagem do trabalho escravo para o livre. A abolição não trouxe a liberdade aguardada, mas uma nova ordem social de grandes prejuízos, que foram se acentuando com a chegada do imigrante europeu.

Damião inquietava-se, pois como descrito na romance ele via a cidade voltando a encher-se de negros desocupados, tangidos do interior para capital, ainda no fluxo suscitado pela notícia da liberdade. E, diferente do almejado, a abolição não livrou seus semelhantes da discriminação racial e das terríveis consequências desta, como a exclusão social e a miséria, mas as acentuaram. Ao abolir, não lhes deram nenhum meio de sobrevivência, como afirma o sociólogo Florestan Fernandes (1955), foram deixados a mercê da própria sorte, ou da piedade alheia.

Damião embora seja representação, é também a transposição do homem real para o fictício, como nos explica Candido, “é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva” (CANDIDO, 2006, p.20).

Assim, diante dos fatos mencionados, verificamos ser de maneira lenta que os escravos tiveram alguma transformação em suas vidas, e mesmo assim, foi a partir de muita luta. Podemos entender que houve tortura e castigo, no entanto, houve também rebeliões e muita batalha, denotando que todos os processos de leis abolicionistas culminando na extinção da escravidão do negro brasileiro só aconteceram por força não apenas dos abolicionistas e políticas da época, mas pelas manifestações de muitos cativos que pagaram com a própria vida.

Nesse aspecto, entre as descrições de torturas presentes em *Os Tambores de São Luís*, encontramos o episódio em que Damião vai juntamente com o padre Policarpo dar assistência a mais um condenado destinado a ser enforcado em praça pública por haver estrangulado o filho mais velho do seu senhor. Podemos constatar assim, a transposição da realidade para o texto fictício na exposição abaixo.

Impelido para fora do estrado, o corpo ficou suspenso no ar, com os músculos do pescoço retesados, no esforço para conter o arrocho da corda. Nisto o negro conseguiu partir o nó que lhe atava os pulsos e levou as mãos acima da cabeça, tentando segurar-se na corda. Como não podia mover os pés, ainda apeados, contorcia-se todo, iluminado pelo clarão vermelho das quatro tochas, enquanto a multidão, cá embaixo, de respiração suspensa lhe acompanhava os movimentos, com um brilho de júbilo nos

olhos espantados. Conseguindo agarrar a corda, o negro ensaiou puxar o corpo para cima, tentando afrouxar o laço que o enforcava, mas as forças lhe faltaram. Tentou outra vez, estimulado pelos gritos do povaréu que se pôs a aplaudi-lo, e novamente falhou. De dentes cerrados, pescoço endurecido, quis insistir na luta desigual, contorcendo-se, pulando, a balançar-se no espaço, sempre puxado pela corda e de pronto os braços lhe caíram, com os ombros curvos, a cabeça pendida, a língua para fora da boca. Logo um toque leve de corneta vibrou no ar, anunciando o fim da cerimônia. (MONTELLO. 1985, p.182).

A escravidão foi muito além do que se possa imaginar, perpassou todas as formas de consternação suportada pelo ser humano. O trecho acima evidencia bem esse aspecto. O sistema escravocrata ultrapassou os limites econômicos. Foi o período mais horrendo da história brasileira, deixando resquícios que parecem petrificados, como por exemplo, por meio da escravidão o homem instituiu e dividiu os lugares que cada indivíduo poderia ocupar na sociedade, como verificamos no fato de Damião não poder ser ordenado padre, embora a história se situe em São Luís do Maranhão é apenas o reflexo de todo um contexto social. “E quando soube da decisão do Cabido opondo-se à ordenação de um negro, deu uma cusparada longe, com um semblante de repulsa [...] negro não serve pra padre, só branco. Só branco é que fala com Deus” (MONTELLO, 1985, p. 239).

O conceito de haver lugar de branco e lugar de negro era parte do próprio subconsciente de alguns viventes na mesma senzala que Damião. “Branco é branco e negro é negro, cada um tem que conhecer o seu lugar” (MONTELLO, 1985, p 55). Fato explícito pelas condições tão diferentes em que viviam senhores e escravos.

Ainda nesse sentido, um agravante no que tange o sistema escravocrata, era a legalização dada aos senhores de escravos por parte da igreja e do clero, muitos fazendeiros conseguiam conciliar o sentimento cristão e a aceitação da escravidão. Sobre esse fato, Damião indaga o bispo, como o senhor Lustosa conseguia ter uma vida tão contraditória, “como é possível conciliar tanta crueldade com o sentimento cristão?” (MONTELLO, 1985, p. 154).

Nesse aspecto, a história nos mostra que a própria igreja aparece favorável à escravidão, com uma postura de consentir a segregação em virtude do preconceito de cor, conforme descrito no trecho em que padre Pinto conversa com Padre Policarpo sobre o fato de Damião ser sacerdote, e utilizando - se do pretexto de não escandalizar para camuflar seu preconceito, afirmam que mesmo Damião sendo um homem admirável, devem dar bons exemplos, e esses exemplos devem partir do céu, ou seja, da igreja. De acordo com eles “é um erro querer fazer de Damião sacerdote, acreditando na hipótese de uma vez ordenado padre, em vez de atrair ovelhas para o rebanho de Deus, iria era afugentá-las, com prejuízo para a religião” (MONTELLO 1985, p. 203).

E ainda, com mais crueldade nas palavras afirmam os representantes da igreja, “não é por uma pessoa ter nascido capenga que há de ser escolhida para o papel de bailarina” (MONTELLO, 1985, p. 203). O preconceito é tão cruel que a cor da pele de Damião é reconhecida pela igreja como um defeito ou ainda, como um mal a ser evitado.

Com tantos adeptos, a sociedade escravocrata contou com a colaboração das instituições que mais mereciam crédito nos séculos em que perdurou, como o Estado e a Igreja e a partir destes, de grande parte da sociedade. Durante a colônia portuguesa, a Igreja era o setor mais importante, prestigiada intelectualmente, e defendia a ideologia e a legitimidade do regime escravista, bem como as relações entre senhores *versus* escravos.

Nesse sentido, com tantos favoráveis à escravidão do negro, o preconceito racial foi sendo intensificado, e dando mais sentido ao racismo enquanto inferiorização de uma parcela de pessoas subjugadas como sendo uma raça inferior, e, mesmo quando libertos, não foram cessadas as injúrias, a exclusão e o preconceito racial. Mas ao contrário, o racismo foi tomando outro formato. Assim, podemos concluir que ao se criar o escravismo criou-se também o racismo, e que nada mudou com a abolição, mas apenas se transformou. A esse respeito assim afirma MENEZES (2007).

Portanto, a forma de inclusão determinou a exclusão. Já não mais a exclusão absoluta, como no tempo da escravidão, em que o escravo é excluído até de sua condição humana - é coisa, mercadoria. Mas um deixar à margem [...]. O ex-escravo enfrentou no pós-abolição a marginalização econômica, o preconceito, na forma da sua substituição pelo branco até como trabalhador. (MENEZES, 2007, p.149).

Nessa perspectiva, efetivamente o racismo que nasce no Brasil associado à escravidão consolida-se após a Abolição, isso ocorre com base nas teses de inferioridade biológica dos negros ao contribuir para aprofundar as desigualdades em nosso país ³⁰. Assim, Ferretti (2008) relata a respeito do próprio Nina Rodrigues que embora sendo um dos precursores, ao final do século XIX, no campo de estudo a respeito da contribuição cultural negra e religiões afro-brasileiras para a sociedade brasileira, seus estudos foram prejudicados, pois ele aceitava a ideologia do racismo científico, ao se afirmar que o negro era o principal responsável pela inferioridade de nossa nação.³¹ Embora, hoje sejam ideias já não aceitas, o preconceito racial consolidou-se na sociedade e não precisa mais delas para se manter ainda presente.

³⁰ IPEA-Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. As Políticas Públicas e a desigualdade Racial no Brasil: 120 anos após a abolição – 1º edição –Org. Mario Theodoro. – 2008.

2.2 Do Negro ao Afrodescendente³²

Um negro sempre será um negro.
 Chama-se pardo, cafuzo, mulato ou moreno-claro.
 Um negro sempre será um negro,
 Na luta que assume pelo direito ao emprego
 e contra a discriminação no trabalho.
 Um negro sempre será um negro.
 Afirmando-se como ser humano
 na luta pela vida.
 (Jorge Posada)

Diferente do que se pode acreditar, o termo *democracia racial* que nos remete ao escritor Gilberto Freyre³³ chegando-se ao conceito de que no Brasil existiu, sobretudo no período em que perdurou a escravidão, a harmonia entre brancos e negros, e é sustentado por Josué Montello, embora não se apresente configurado de maneira explícita dentro do enredo de *Os Tambores de São Luís*, foi historicamente comprovado ser um mito.

No último capítulo de *Os Tambores de São Luís*, Damião já velho, refere-se ao seu trineto da seguinte maneira: “Tinha ali mais uma vez a prova, na sua própria família. Sua neta mais velha casou-se com um mulato; sua bisneta com um branco, e ali estava seu trineto, moreninho claro, bem brasileiro.” (MONTELLO, 1985. p.608). Observamos nesse trecho, que o processo de miscigenação, como a referida no romance, tinha como função deixar os descendentes de negros progressivamente mais brancos, ou seja, o autor ressalta que a sociedade, sobretudo após a Abolição, se adequou à tese do branqueamento defendendo que com o passar dos anos a cada nova geração a rivalidade existente entre brancos e negros ficaria no passado, mas não pelo poder do discurso ideológico, mas pela tendência de branquear a sociedade, extinguindo a cor do negro que era a causa das rivalidades.

A esse respeito da obra montelliana, Zilá Bernd (2011), considera como tendência do autor a sacralização, ou seja, não há por meio de sua escrita uma desconstrução de alguns valores sociais, mas ele se filia ao que já vinha sendo proposto por outros escritores que trabalham com a temática da escravidão. E, mesmo a escritora enaltecendo a tentativa montelliana de dar visibilidade à luta desigual a se configurar com o processo escravagista,

³² O título está baseado na obra de José Geraldo da Rocha, *De Preto à Afrodescendente: Implicações Terminológicas* (2009).

³³ Democracia racial é um termo usado por algumas pessoas para descrever relações raciais no Brasil. Refere - se as teorias de alguns estudiosos que o Brasil escapou do racismo e da discriminação racial. O conceito foi apresentado inicialmente pelo sociólogo Gilberto Freyre, na sua obra *Casa-Grande & Senzala*, publicado em 1933. Embora Freyre jamais tenha usado este termo nesse seu trabalho, ele passou a adotá-lo em publicações posteriores, e suas teorias abriram o caminho para outros estudiosos popularizarem a ideia. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/democracia-racial#.WD3FFNlrJxA>> . Acesso em: 16 out. 2016.

sua primeira afirmação pode ser esclarecida no trecho da obra onde o personagem Damião, ao se referir ao trinetto define a situação: “apagara-se nele, é certo a cor negra, de que ele seu trisavô (ou seja, Julião), tanto se orgulhava”. (MONTELLO, 1985, p. 608). Assim prossegue Damião:

Mas também se viera diluindo, de uma geração pra outra o ressentimento do cativo. Daí há mais de algum tempo ninguém se lembraria, com um travo de rancor, que , em sua pátria, durante três séculos, tinham existido senhores e escravos, brancos e preto (MONTELLO, 1985, p.608).

Podemos observar, levando a considerar Damião a representação de um povo, que o estigma do branqueamento, por meio de teses eugenistas³⁴, ganhou força, e foram reinterpretadas no Brasil, adequando-se a nossa realidade, pois tanto a abolição quanto as teorias científicas aconteceram em períodos próximos. A esse respeito assim descreve Kabengele Munanga (1999).

A política e a ideologia de branqueamento exerceram uma pressão psicológica muito forte sobre os africanos e seus descendentes. Foram, pela coação, forçados a alienar sua identidade, transformando-se cultural e fisicamente em brancos (MUNANGA, 1999, p. 94).

Assim, ao considerar a real existência e a predominância de uma raça sobre outra, e, que, neste sentido, predominaria a cor da raça branca, as ideias racistas ponderavam que o desaparecimento do negro seria questão de tempo, e esses dariam lugar aos chamados de morenos, mulatos ou crioulos, e aos brancos, imigrantes europeus que aqui chegaram por esse tempo. Todos esses ideais e sentidos, não culminaram apenas em mudanças entre as relações sociais, mas transformaram todo o contexto, atribuindo novas formas de se identificar os descendentes dos cativos.

Para se discutir a esse respeito principiaremos com algo que pode ser encontrado nas páginas da obra montelliana, os termos racistas utilizados desde a escravidão para se referir ao negro que foram estigmatizados socialmente, enfatizamos aqui ser essa também uma forma de violência, não física, mas com configuração abstrata, havendo início primeiro por meio da escravidão, depois pelas condições sociais em que os negros foram deixados.

De tal modo, analisando diversas maneiras encontradas no romance em estudo para identificar o “negro”, levando em consideração que o termo mais utilizado para aludir aos

³⁴ Eugenia, termo criado em 1883 por Francis Galton, significa "bem nascido" definida a eugenia como "o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente. Um exemplo extremo de eugenia foi na Alemanha Nazista, comandada por Adolf Hitler, onde os nazistas almejavam extinguir as “raças humanas” ditas inferiores, deixando apenas as “raças nórdicas” (arianos) que eram consideradas “raças superiores”, resultando no Holocausto. Disponível em:<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/11/11art7.pdf>>. acesso em 10 de out 2016.

escravos era esse, ou seja, negro, algumas vezes pejorativamente e em outras pelo tom da pele e origem, e ainda, lembrando também os escravizados indígenas, foram chamados pelos portugueses de negros, mas, com o complemento de “negros da terra”, ou seja, negros da própria terra sobre a qual trabalhavam, e os outros, negros que vindos de outra terra, neste caso, da África e que neste sentido, o sociólogo Florestam Fernandes (1981) nos diz que: “alguns termos designam mudanças drásticas e violentas da estrutura da sociedade, e ainda, o debate terminológico não nos interessa por si mesmo. É que o uso das palavras traduz relações de dominação” (FERNANDES, 1981, p.1). Assim, até mesmo o sentido das palavras para se referir ao negro foram escolhidas de maneira pejorativa. Tomando como exemplo algumas passagens de *Os Tambores de São Luís* encontramos oito maneiras utilizadas para se referir ao escravizado, continuamente a ser usadas após a Abolição da escravatura.

Dentre as variadas formas de identificação do negro, representado no romance, por Damião e outros personagens, encontramos, escravo, negro, preto, moreno, crioulo, mulato, bode e urubu. Embora para a época narrada todos os termos aparecem na maioria do contexto de maneira depreciativa, as palavras, negro e preto, podem ter conotações diferentes, dependendo de quem fala e em quais condições. E foram se resignificando com o passar dos séculos tomando outras conotações, como é o caso do que verificamos atualmente. De acordo com os estudos de José Geraldo da Rocha³⁵, *De Preto à Afrodescendente: Implicações Terminológicas* (2009). Ele afirma que a diversidade de termos e conceitos utilizados no Brasil para se referir ao negro carregam sentidos discordantes entre si, seus significados dependem das perspectivas ideológicas de cada falante.

Desse modo, historicamente, ainda de acordo com o mesmo autor, o termo “preto” surgiu por volta do século X e fazia referência às pessoas de pele escura e de origem Africana. No século XV, a palavra “negro”, período da escravidão, é utilizada em virtude dos portugueses associarem o “negro” aos escravos.

Compreende-se assim, que ser negro era condição de quem era também escravo, ao que Rocha (2009) analisa como sendo o fator que atribuiu à identificação uma “conotação ofensiva”, levando - se em conta o que foi a escravidão, marcando negativamente séculos de história.

Concomitante à escravidão, houve a fusão entre as denominações preto e negro, que passaram a ser unívocos. Desta forma, se as terminologias, preto, negro e escravo passaram a

³⁵ Doutor em Ciências Humanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Prof. Adjunto Dr. do Programa de Pós Graduação – Mestrado em Letras e Ciências Humanas de Unigranrio; professor no Programa de Pós Graduação Lato Seno – PENESB/UFF e na Pós Graduação em Africanidades da UCAM.

ser consideradas sinônimas, não haveria motivo para que alguém tivesse algum propósito positivo para se autodenominar assim, levando-nos a considerar que nem mesmo o uso de algumas denominações escaparam da ideologia. E ainda de acordo com Rocha (2009).

Com isso, a negação da cor passa a ser uma necessidade dos negros como elemento de afirmação e busca de reconhecimento social. Se ser branco é sinônimo de ser bonito, por que um negro vai querer ser negro? Se ser branco é pré-requisito para a aceitação social, que motivo tem um descendente de africanos para querer ser negro? (ROCHA, 2009, p.902).

Ponderando não haver nada de positivo em ser escravo, preto e negro, termos esses que se tornaram sinônimos do que é negativo e ruim. Em virtude dessa estigmatização, como bem descreve Rocha (2009), existe a explicação para os jargões pejorativos, “a coisa está preta”, significando que a situação não está boa. Porém, como os enunciados são produzidos pela sociedade, transformam - se em representações carregando sentidos tanto positivos quanto negativos e passando por transformações.

Assim sendo, como já salientado, as palavras não são estáticas, e vão se transformando com a sociedade que as produzem, a partir de negros e pretos, outras formas de se referir aos escravos encontradas em *Os Tambores de São Luís*, de maneira ofensiva, ou para amenizar os sentidos que carregam, são crioulos, moreno, mulato, bode e urubu.

A esse respeito, encontramos nos estudos realizados por Jocélio Teles dos Santos³⁶, intitulado, *De Pardos Disfarçados a Brancos Pouco Claros: Classificações Raciais no Brasil dos Séculos XVIII-XIX* (2005), o termo, “negro”, segundo o lexicólogo português Antonio Moraes Silva, que é autor do primeiro dicionário elaborado em Língua Portuguesa durante o período escravocrata, tinha três explicações, “era o indivíduo desgraçado, triste, ou de cor preta como a tinta de escrever, o carvão apagado”, mas também podia indicar “o homem preto, forro, ou mesmo cativo”(SANTOS, 2005, p.118).

Já com relação à expressão, “mulato”, aparece classificado como o “filho do cavalo com a burra”, assim como o indivíduo que era resultante de uma relação inter-racial, o “filho ou filha de preto com branca, ou às avessas, ou de mulato com branco até certo grau” (SANTOS, 2005, p.118). Ainda na concepção do pesquisador, no que se refere à linguagem, os preceitos escravocratas aceitavam variedades conceituais, isso se esclarece, como por exemplo, ao encontrar a palavra “crioulo” definida como “o escravo que nascia em casa do senhor; significando também o animal, cria, que nascia “em nosso poder”. Mas ainda, ressalta

³⁶ Diretor do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia e Professor do Departamento de Antropologia da mesma Universidade.

o pesquisador que “o mais comum na historiografia é o termo crioulo ser usado para o negro nascido no Brasil” (SANTOS, 2005, p.119).

Nesta perspectiva, em *Os Tambores de São Luís*, quando Damião veste a batina pela primeira vez para acompanhar o cortejo como padre, ouve entre os gritos da multidão: “A igreja já chegou a senzala! Olha o padre Preto”(MONTELLO, 1985, p 214), e ainda: “É o padre urubu minha gente” (MONTELLO 1985 p.215), e quando dá aulas no liceu maranhense se depara com a seguinte frase escrita na lousa: ”*Damião é Bode*”. (MONTELLO, 1985, p. 342).

A respeito do termo “Bode”, de acordo com Albuquerque, (2006), era usado na época para denominar o mestiço filho de negro com branco. Ou seja, o de cor mais branqueada. Embora Damião não se encaixe nesta descrição, pois seus pais eram negros, ele tem algo dos brancos, alguma ascensão social, o fato de ser professor do liceu maranhense e com uma inteligência que supera os colegas de trabalho. Assim, o poeta abolicionista Luiz Gama, associando o fim da escravidão à luta contra a discriminação racial, escreveu no século XIX, o poema, *Bodarrada*, onde denuncia ao preconceito racial se referindo ao termo depreciativo, bode. Foi à maneira encontrada pelo poeta destacando o mais importante do que qualquer denominação é a consciência de quem somos.

Se negro sou, ou sou bode,
Pouco importa. O que isto pode?
Bodes há de toda casta,
Pois que a espécie é muito vasta[...]
(GAMA, 2006, p. 185).

Nesta perspectiva, em *Os Tambores de São Luís*, Montello segue conceitos defendidos por alguns evolucionistas do final do século XIX, como Silvio Romero e Nina Rodrigues. Conforme afirma Schwarcz (1987), ao discorrer sobre a contradição nos ideais defendidos por esses intelectuais, ao mesmo tempo em que defendiam a miscigenação como a fraqueza biológica do brasileiro, divulgavam que esse mesmo processo acabaria por diluir o negro numa população majoritariamente branca e mulata, ou seja, que se encontrava nas relações sexuais entre brancos e negros a maneira de clarear.

Porém, o que se observou é que esses conceitos atribuíam ao negro a imagem de inferioridade, vindo a contribuir para a rejeição da identidade negra. Como podemos observar nas várias práticas racistas que se desenvolveram concomitante ao período escravocrata, foram assimiladas por parte da população sendo reproduzidas nas obras literárias, conforme verificamos, em nível de comparação, na obra *O Mulato* de Aluísio de Azevedo, escrito em

1879 em São Luís, que para o próprio Josué Montello, “faz apenas analogias ao assunto da escravidão”, (MONTELLO 1990 p.78), O Mulato, assim como Damião, embora mestiços, foram branqueados culturalmente, estudaram, conseguiram alguma ascensão social, mas a marca da cor da pele que os remetiam à descendência escrava não se apagava.

Esses fatores nos levam a analisar que o fato de ser negro, tanto na obra de Azevedo como na de Montello, tornaram-se distinções que impediram os personagens de ocupar alguns lugares apontados como predestinados aos brancos. Mesmo como já registrado nesse trabalho, na narração de Montello, Damião termina seus dias com uma velhice que ele conceitua de tranquila, ao lado da mulher amada, carrega em si as marcas que o fazem acreditar que apenas com as misturas das raças o preconceito e as marcas da escravidão seriam apagadas.

Agora, ali em São Luís, os negros entravam no palácio do governo, mesmo o do povo, com os pés no chão, a camisa para fora das calças, e iam falar com o governador Luís Domingues, que se levantava de sua cadeira e vinha lhes apertar as mãos (MONTELLO, 1985, p.610).

Embora no desfecho de *Os tambores de São Luís* não haver a morte física do protagonista negro, como em *O Mulato* de Aluísio de Azevedo, há outras mortes, a do pai Julião, do filho vindo de Liverpool e a morte parcial de sua identidade que fora transmitida pelo pai, que se explica quando, por exemplo, ao final da narrativa, ele perde o orgulho da sua cor e de suas lutas, assimilando as teorias do branqueamento como fonte para diluição do preconceito racial. Na perspectiva de Alexandre Reis Rosa³⁷, em seus estudos sobre as relações raciais no Brasil (2014) tanto Damião como o Mulato, foram vítimas, do que o sociólogo Oracy Nogueira (2007) conceituou de “preconceito de marca”, que faz referência as suas características físicas e ao mesmo tempo de “preconceito de origem”, pela ascendência africana de ambos que os remetiam à escravidão.

Assim, verifica - se que a marca da cor, tão carregada de sentidos negativos pela própria história da escravidão, fizeram com que não fossem socialmente aceitos, mesmo com características diferenciáveis dos demais negros, como o fato de serem referidos como inteligentes e estudados, ainda assim, a sociedade não os aceitava.

Logo, o primeiro traço identitário escolhido por Montello para se referir a Damião, foi negro, de uma maneira nada depreciativa, quando é o narrador que faz menção, mas utiliza como maneira de remeter ao que ele chama de progênie africana, uma forma de enaltecer a origem africana dos personagens a qual faz referência. No contexto da obra o narrador

³⁷ ROSA, Alexandre Reis - Relações Raciais e Estudos Organizacionais no Brasil Race Relations and Organizational Studies in Brazil - Artigo - RAC, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, art. 1, pp. 240-260, Maio/Jun. 2014 Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac20141085> >. Acesso em: 10 nov. 2016.

enaltece a qualidades dos negros. “Eram mais de trinta negros, todos fortes, espadaúdos” (MONTELLO, 1985, p.18).

A esse respeito, voltando aos estudos empreendidos por José Geraldo da Rocha (2009), temos:

O emprego terminológico carrega consigo a fundamentação de uma ideologia do embranquecimento. Com isso, a negação da cor passa a ser uma necessidade dos negros como elemento de afirmação e busca de reconhecimento social. Se ser branco é sinônimo de ser bonito, por que um negro vai querer ser negro? Se ser branco é pré-requisito para a aceitação social, que motivo tem um descendente de africanos para querer ser negro? (ROCHA, 2009, p. 4).

Porém, como existe a ressignificação das palavras, que não são estáticas e mudam de sentido com os acontecimentos históricos e sociais. As palavras, Negro e Preto, foram tomando outro sentido, perdendo com o passar dos anos a conotação apenas negativa, ao que ROCHA (2009), chama de “processo de desconstrução e ressignificação terminológica” (ROCHA, 2009, p.4). Sobre esse aspecto, assim ele ainda analisa, “o conceito de negro, vai ganhar relevância por se tratar de uma realidade mais adequada na classificação de grupos originários da África e seus descendentes” (ROCHA, 2009, p.4).

Todavia, existe ainda, na contemporaneidade, em virtude do histórico de negatividade associado especialmente ao período da escravidão, o preconceito evidente vigorado em torno da terminologia, sendo responsável pelas inúmeras dificuldades que não se extinguiram, para o sujeito enquanto negro, assim se auto declarar.

Entre as discussões sobre as denominações utilizadas para se referir ao negro brasileiro encontramos a palavra, afrodescendente, como sendo de uso mais adequado, e também uma maneira de desviar a ideia de que todos os negros descendem de escravizados, mas sim de africanos, cujos um dia foram livres e despatriados contra a própria vontade. Entretanto, antes de discutirmos a respeito do sentido do termo afrodescendente, uma terminologia bastante usada socialmente para se referir aos negros, destacamos as denominações presentes em *Os Tambores de São Luís*, como a expressão, moreno, que aparece fazendo menção ao padre Policarpo, que se comparado a Damião, era moreno, ou seja, no contexto da obra era mais aceito pela igreja e fiéis por não ser tão negro, e nem assim deixa de sofrer pelo fato de não ser branco, há descrições em que é vítima de bastante preconceito entre os brancos, sendo apenas bem aceito pelos negros já alforriados.

A esse respeito, no ensaio de Ricardo Franklin Ferreira, intitulado, *O Brasileiro, o Racismo Silencioso e a Emancipação Do Afro-Descendente* (2002), encontramos que “o termo moreno é um eufemismo comum, negando as características fenotípicas” (FERREIRA,

2002, p.72). Portanto, de acordo com o autor, o uso de termos que podem funcionar como eufemismo parecem se tornar “politicamente corretos e por consequência, se enraizaram na sociedade. É um exemplo de uma situação que revela uma estratégia simbólica de fuga de uma realidade onde a discriminação impera” (FERREIRA, 2002, p.72). Ainda analisando o histórico de terminologias empregadas para referenciar os negros brasileiros assim ele escreve:

A experiência da escravidão no Brasil transformou o africano em escravo, o escravo em negro, e o negro numa pessoa destinada a ‘desaparecer’, em nome da constituição de um povo cordial e moreno. Nessa direção, a ideia do branqueamento foi defendida, no início do século XX, por vários cientistas e representantes da intelectualidade brasileira, sem esquecer que na modernidade os representantes da ciência passaram a ser os legitimadores das ‘verdades’ estabelecidas (FERREIRA, 2002, p.74).

Embora não fazendo parte do contexto de *Os Tambores de São Luís*, já que aqui só foram consideradas as terminologias encontradas na obra, mas pensando que o romance histórico transcende o seu tempo, em análise ao conceito, afrodescendente, encontramos que esse nasce da necessidade de abarcar apenas características positivas relacionadas ao negro brasileiro, pois, descendem da África e não das senzalas.

Nesse sentido, Rocha (2009), afirma que:

Essa realidade de associação negativista dos termos, principalmente o termo negro, vai passar por um processo de desconstrução e ressignificação terminológica, a palavra negro, vai ganhar relevância por se tratar de uma realidade mais adequada na classificação de grupos étnicos raciais originários da África. Entretanto, em função da carga negativa de preconceitos em torno da terminologia utilizada ao longo da história, inúmeras dificuldades vão se explicitando e criando dificuldades de resgate e aplicação correta do termo (ROCHA 2009, p.903).

Neste sentido, os conceitos ao ganharem novos significados tornam - se às vezes ambíguos, pois nem todo falante tem amplo conhecimento dessas mudanças, mesmo diante das lutas dos movimentos que surgem para reivindicar outros contextos, outras realidades, e assim outras formas desvestidas de preconceitos referentes ao negro brasileiro.

Nessa perspectiva, para Rocha (2009), ser negro passa a não ser mais sinônimo de escravo, mas de quem possui as origens africanas, sendo assim, a partir dessa consciência, torna-se motivo de orgulho para quem conhece a história das lutas dos escravizados desde que foram despatriados de seu continente. E, pouco a pouco, ao se revestir de novas significações positivas, Rocha (2009), acentua que, vai sendo removida a pejoratividade da denominação e por meio dos grupos de combate ao racismo, multiplicáveis na sociedade brasileira, percebe - se o crescimento da aceitabilidade terminológica, passando a apontar para uma identidade

afirmativa, o fato de declarar - se negro no Brasil é o mesmo a se dizer que possui uma origem africana.

Desta forma, a respeito das terminologias, em seus estudos, a pesquisadora, Marli Geralda Teixeira³⁸, colabora para a compreensão de como se deu ênfase ao conceito, qual ela descreve como sendo de “significado político e não genético, que passou a designar todos os descendentes de africanos no novo mundo” (TEIXEIRA, 2014, p. 2), onde a partir da deliberação na Conferência Preparatória da América Latina ocorrida em Santiago do Chile no ano 2000, e após ser também discutido na Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, Xenofobia e todas as formas de Intolerância ocorrida em Durban, África do Sul, em 2001, ainda teve seu significado sob decisão política solidificado pela Campanha Nacional contra o Racismo em Brasília, em 2003.

Todas essas ações, consequências de um novo formato de luta pela abolição que não foi efetivada de fato, pois, os resquícios da escravidão ainda perduram, resultaram em outros conceitos para identificar o negro, em detrimento das qualificações pejorativas, como as que foram discutidas aqui, inseridas no contexto da obra montelliana.

2.3 Damião: Conflitos da Personagem

Apesar de todo o enredo girar em torno de Damião, cuja história é apresentada de forma circular (pois ao final do livro o relato retorna ao início da narração, no bar onde o protagonista se encontrava), existe uma personagem que se encontra acima dele e na história do protagonista terá maior responsabilidade pelas suas características afirmativas, ou seja, a figura de seu pai, que o criou na expectativa de uma sucessão, conforme observamos em suas palavras: “se eu cair tú fica no meu lugar” (MONTELLO, 1985, p.31). Julião é descrito como o verdadeiro herói da trama, embora cometa suicídio, é salientado por meio das reminiscências de Damião como o mais justo e sem nenhuma descaracterização seja física ou psicológica como o melhor representante de seus “irmãos de cor”, conforme verificamos neste trecho situado na época em que viviam livremente no Quilombo:

Cessado o alarma, tornavam os negros ao Quilombo, e vinham rindo em grupos, com o Julião à frente, apartado de todos. Damião, que caminhava logo atrás em companhia de Samuel, via com orgulho a figura altaneira do pai, que não se confundia com nenhum outro negro, na energia e rapidez das decisões, no tipo físico e na consciência de sua missão (MONTELLO, 1985, p 30).

³⁸ Graduada em História pela Universidade Federal da Bahia (1963), mestrado em História pela Universidade Federal da Bahia (1975) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1983).

A visão de herói que Damião fixa na figura do pai, estabelecida, sobretudo, no espaço quilombola, não será desconstruída, nem mesmo pelo fato de Julião interromper a própria vida na volta do Quilombo à Casa-Grande por não suportar a ideia de voltar ao cativeiro optando por jogar-se no rio “enxameado de piranhas”.

Enquanto esteve ao lado do filho, Julião parecia anunciar, por meio de suas palavras e atitudes, que não teria vida longa e Damião o sucederia. “Julião se ausentou, para ir à vila, deixando o filho em seu lugar” (MONTELLO 1985, p. 21). E após sua morte, Damião vai progressivamente tomando o lugar, antes era reservado ao pai,

Aos poucos Damião sente que vai repetindo o pai, no passo firme, na cabeça levantada, no modo de encher o peito, com os punhos contraídos, a ira nos olhos entrefechados. A mãe agora quando o olha, nele reconhece os traços do marido [...]. Quando ele fala, repete-lhe também a voz, no modo de falar ordenado. E mais uma vez ela já lhe trocou o nome, chamando-o de Julião (MONTELLO, 1985, p. 42).

Analizamos por meio dos períodos narrados sobre Julião, que ele é a personagem que possui as características mais evidentes de herói íntegro, sabendo tomar as melhores decisões para o grupo, e está consciente de que não voltará para o cativeiro. Para tanto, prefere a morte, essas suas notoriedades podem ser verificadas na marcação dos traços que o caracterizam; é como se por meio das menções de características positivas do pai, o autor preanunciasse quem seria Damião dentro do enredo.

Julião é o negro puro, nascido no continente africano, foi transportado da África ao Brasil por meio de um navio negreiro e durante sua trajetória não desistiu em nenhum momento de por fim ao seu cativeiro, mas embora a descrição de que Damião o sucederia, em muito se difere do pai, desde a realidade de ter nascido na fazenda e só experimentar a liberdade de fato durante sua trajetória no quilombo, pois após esse tempo, mesmo conseguindo carta de alforria, tem uma personalidade conflituosa e uma liberdade a ser questionada.

Sobre esse aspecto, Agda Adriana Zanela em sua tese, *A Epopeia Maranhense de Josué Montello: Desvendando A Poética Montelliana em Quatro Romances* (2009), ressalta que, “o conflito da vida de Damião se dá por ele não conseguir conciliar a vida privada e familiar com sua missão de lutar pelos negros, característica típica do personagem de romance”, (ZANELA, 2009, p. 137). Para a autora, ele é um personagem em conflito consigo mesmo e com a sociedade.

Diante disso, Damião pode ser explicado através das palavras de Lucien Goldmann, (1967), como um “personagem problemático”, que mesmo parecendo em alguns momentos ser o sucesor do pai, se torna um criminoso ao matar Samuel, e em alguns momentos da

narrativa vivencia o que Goldmann (1967) considera como “busca degradada e, inautêntica de valores num mundo de conformismo e convenção” (GOLDMANN, 1967, p.9), a esse respeito discutiremos no Capítulo III deste trabalho.

Embora a trajetória de Damião caminhar para a desconstrução e estereótipos relacionados ao negro, onde Montello destaca suas características físicas e psicológicas, a narrativa vai perdendo essas distinções, pois mesmo ao dar voz ao negro por meio de Damião, em alguns pontos do romance, predomina o discurso do branco, como já observado, existe a tendência do narrador a seguir as teorias de alguns intelectuais do final de século XIX, como já citados, Silvio Romero e Nina Rodrigues analisados por Lilia Moritz Schwarcz. De acordo com a autora, “no Brasil as teorias ajudaram a explicar a desigualdade como inferioridade, mas também apostaram em uma miscigenação positiva, contanto que cada vez mais branca”. (SCHWARCZ, 2010, p. 5)

Seguindo essa perspectiva, no desfecho da narrativa montelliana, Damião, mesmo parecendo feliz no meio dos seus familiares, sobretudo da mulher amada, “socialmente tinha vindo de muito baixo, e ali se achava, com sua casa, o seu nome, a sua família [...], com rigor tinha amado realmente uma mulher, com todo ardor das paixões irreprimíveis, e era ela a companheira perfeita de sua velhice” (MONTELLO, 1985, p. 610), encontra o filho morto em um bar, e segue acreditando em, para por fim ao cativo, mesmo que este nesta altura do romance não seja mais físico, só se dará com a mistura das raças.

Nessa perspectiva, analisamos o que Zilá Bernd (2011) relata, a concepção de mestiçagem dada a obra por Montello “reforça o discurso hegemônico e se filia aos argumentos paternalistas de Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*, no sentido em que faz o elogio da miscigenação com tendência ao branqueamento” (BERND, 2011, p. 140).

Esse desfecho pode ser explicado pelos conflitos internos vivenciados pelo protagonista, causados por uma vida que passa por grandes mudanças históricas, retratadas em todo o percurso da narrativa, onde o personagem vive o dilema do antes e pós-escravidão, a trajetória do negro e todos os seus conflitos.

Desse modo, ao pensarmos na indissolubilidade das partes que compõem o romance, poderíamos explicar que Damião, trata-se de uma personagem ficcional, não poderia caminhar para um desfecho oposto às suas vivências pelos espaços e ambientes convividos; podemos ter mais evidência dessa afirmação quando no quilombo, local onde experimentou a liberdade, após serem descobertos, Damião e sua família voltam à fazenda de origem, trazidos novamente como escravos. Na passagem a seguir, podemos observar a descrição da casa-grande e da senzala pelo seu olhar.

Mas, quando tornou a ver a casa-grande, precedida da orla de palmeiras, acima de uma rampa suave, calçada de saliente. Entre a casa-grande e a senzala, destacava-se o telheiro que cobria o imenso tanque todo de pedra, e que um dos escravos tinha de encher todas as manhãs com água trazida da lagoa (MONTELLO, 1985, p. 42).

E ainda observando os percalços da vida do protagonista, ele vai parar em São Luís do Maranhão, com uma carta de recomendação para o Seminário. Nesse lugar, o personagem passa parte de seu tempo, lecionando como professor:

Mais uma vez, nas suas primeiras aulas no Liceu, encontrara no quadro negro, em caracteres de imprensa, esta frase ultrajante: ‘Damião é Bode.’ Antes de proceder à chamada dos alunos, apagava-a do quadro, e dava sua aula como se não houvesse lido a afronta matinal (MONTELLO, 1985, p. 342).

Esses ambientes diversos e contraditórios colaboram para a personagem viver sempre em conflitos, tanto consigo como com os problemas sociais que a cercam, pois, para cada vitória volta a vivenciar a problemática do preconceito racial; até mesmo após ser alforriado, Damião passa da dor à alegria constantemente, e também o seu inverso, como se para cada injustiça sofrida, a vida misteriosamente lhe desse algo como recompensa, e contrariamente, quando seu cativeiro parece acabar, algo sobrevém como confirmação de negro nasceu para sofrer.

Assim, após viver a passagem da Monarquia para República e o fator mais relevante da obra, o sonho de ver a abolição da escravatura se concretizar, Damião, além de contribuir com o fim do cativeiro, chega ao final do romance ao lado da mulher que mais amou, e diferente das perspectivas para os negros da época, e também do que se anuncia durante o decorrer do enredo, passa a ter uma vida como ele mesmo afirma, “passou pelos horrores da escravidão, lutou e viu abolição e agora vivia em sua casa com sua família” (MONTELLO, 1985, p. 610). Identificamos em suas palavras uma conformidade, diferente da missão e ainda, da visão de mundo pretendida pelo seu pai deixar-lhe como herança. Aqui cabe sem dúvida a explicação dada por Goldmann, “a tensão dos protagonistas não transpõe o limiar da ruptura absoluta: caso o fizesse, o gênero romance deixaria de existir, dando lugar à tragédia ou à lírica. Há, portanto, uma oposição ego/sociedade que funda a forma romanesca”. Bosi (apud GOLDMANN, 1970, p. 314).

Ainda que, no final da narração, como bem analisado por Ana Lucia Gomes da Silva Rabecchi (2009) em sua tese, pensando na saga do negro; embora ela use de interrogação, poderia por bem ter afirmado, “há no romance um negro que encarna característica de um homem culto com pretensões abolicionistas, mas com vago sentimento de raiz” (REBECCHI,

2009, p.22). Estaria aí o problema de Damião, pois mesmo livre, em virtude do seu passado e da cor da sua pele, sentiu o peso da exclusão, e o seu cativoiro tomou outros formatos.

CAPITULO III

3. DAMIÃO: (DES) CONSTRUÇÕES DE UMA IDENTIDADE EM CONFLITOS.

Onde houver gente haverá questão de identidade
Ciampa (1987)

Apresentar e, por conseguinte, buscar analisar as (des) construções de uma identidade em conflitos é uma tarefa árdua, partindo do pressuposto que, a mesma pode sofrer inúmeras influências. Nesse sentido, Stuart Hall em sua obra, *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais* (2003) afirma em seus estudos ser demasiadamente complexo se tratar a respeito de identidade e compara os estudos sobre a temática com o multiculturalismo, que, segundo ele, “apesar de ter se tornado de uso universal não teve seu significado escasso de análise” (HALL, 2003, p, 49). Sendo assim, não obstante concordarmos a respeito da complexidade de tal análise, também somos levados a aderir a segunda afirmação, indo ao encontro das palavras de Antônio Carlos Ciampa, “onde houver gente haverá questão de identidade” (CIAMPA, 1987, p.14), escolhidas para a epígrafe deste capítulo.

Logo, quando nos remetemos ao sentido do termo, ou, quando ouvimos a palavra identidade, prontamente pensamos em identificação, o que nos direciona ao nome e sobrenome de alguém, como por exemplo, aqui neste trabalho, a personagem identificada como Damião. Essa primeira ideia, pode parecer rasa, e, realmente é, pois, identidade vai muito mais além, pois sendo considerada assim, “pode também ser admitida como um traço estático que define um ser, um indivíduo isolado, com a identidade imutável e imediata” (CIAMPA, 1987, p.130), todavia ainda de acordo com o mesmo autor, “ela é uma questão social e política constituída pela sociedade que também é responsável pela construção de cada uma delas” (CIAMPA, 1987, p.130). Contudo, são diversas as perspectivas para conceituar a identidade, no entanto, acredita-se que a mesma é uma constante metamorfose como já apontou Ciampa (1987).

Nesse mesmo sentido, a escritora Zilá Bernd (2011), assim conceitua:

Identidade é um conceito que não pode afastar-se do de *alteridade*: a identidade que nega o outro, permanece no mesmo. Excluir o outro leva a visão especular que é redutora: é impossível conceber o ser fora das relações que o ligam ao outro (BERND, 2011, p. 17).

Entretanto, a identidade da qual se discute aqui é especificamente do afro-brasileiro, escolha essa a ser explicada à luz das palavras de Kabenbele Munanga (2012), esclarecendo

por meio de seus estudos os motivos que o levaram a refletir sobre a identidade desta e não de outra parte da população brasileira. Munanga compreende que a identidade negra “não surge apenas da tomada de consciência de uma diferença de pigmentação ou de uma diferença biológica entre populações negras e brancas e/ou negras e amarelas. Ela resulta de um longo processo histórico”; segundo ele, é através desse contexto que devemos procurar entender. Conforme se observa no trecho em destaque.

A chamada identidade negra no Brasil, num país onde quase não se houve um discurso ideológico articulado sobre a identidade “amarela” e a identidade “branca”, justamente porque os que coletivamente são portadores das cores da pele branca e amarela não passaram por uma história semelhante à dos brasileiros coletivamente portadores da pigmentação escura (MUNANGA, 2012, p.1).

Assim, observando que embora o personagem protagonista de *Os Tambores de São Luís*, não tenha nascido no continente africano, mas descende deste, por meio do seu pai Julião que aqui chegou em um navio negreiro, e sua história fictícia foi descrita com base na realidade, confirmada pelo próprio escritor Josué Montello, no posfácio da sua obra, e portanto, à luz de autores como Munanga, justificam os estudos direcionados a respeito da identidade negra.

O autor afirma, ao lembrar a maneira como os africanos chegaram não só ao Brasil, “sequestrados, capturados, arrancados de suas raízes e trazidos amarrados aos países do continente americano” (MUNANGA, 2012, p.1)³⁹, como sendo, o diferenciador entre sua história e a história “dos emigrantes europeus, árabes, judeus que vieram pra cá voluntariamente”(MUNANGA, 2012, p.1), e mesmo que, tenham lidado com algumas mudanças e frustrações, que poderiam ser analisadas, dentro da perspectiva a qual ele chama de “construção das identidades particulares como a “italianidade brasileira”, a identidade gaúcha, etc. (MUNANGA, 2012, p.1). Ainda assim, levando em consideração as influências caracterizantes na construção identitária, não se pode comparar com a realidade do afro-brasileiro, pois “sua pele clara não foi objeto de representações negativas e de construção de uma identidade negativa”(MUNANGA, 2012, p.1), e que como podemos analisar através das vivências de Damião foi em alguns momentos “introjeitada , interiorizada e naturalizada pelas próprias vítimas da discriminação racial” (MUNANGA, 2012, p.4).

³⁹ Palestra ministrada por Kabengele Munanga, Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania, em 27 de setembro de 2012 – que se transformou em um artigo disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf>. Acesso em 10 jan. 2107.

O nosso objetivo é analisar a identidade especificamente do afrodescendente⁴⁰, como mencionado, termo mais politicamente coerente para se referir ao negro brasileiro, teremos de nos ater também à ideologia do branqueamento, pois, como bem explica Ferreira (2002), ao citar o antropólogo Cheikh Anta Diop⁴¹, que em seus estudos sobre esse processo, especificamente na América do Sul, admoestou em sua visão, tanto a mestiçagem biológica quanto a mestiçagem cultural, aplicadas a uma nação como doutrinas políticas, poderia acarretar em efeitos lastimáveis e acentua, embora “aceite que todas as nações devem cooperar no plano cultural, mas [...] não se deve ir além criando uma doutrina de mestiçagem cultural ou biológica” (FERREIRA, 2002, p.47), pois poderiam ter “mesmo, a longo prazo, a crise de identidade de seus indivíduos, e em consequência, chegaria um tempo em se questionariam sobre sua própria identidade”(FERREIRA 2002, p.47).

As considerações de Ferreira (2002) nos remetem a história de Damião, como e quando sua identidade passou a sofrer influência do mito da mestiçagem? Visto que, vivenciou uma época marcada pelo latente e ambíguo discurso das misturas das raças cujas, ao mesmo tempo em que biologicamente seria causa do atraso cultural e intelectual do brasileiro também era a propulsora para fim do preconceito racial que, como já visto, foi um discurso internalizado por ele, explícito nas últimas páginas do romance.

Neste sentido, para analisar a identidade de Damião tomaremos como fundamentação algumas definições. De início Stuart Hall (2006) ao analisar a identidade do sujeito sociológico, pensando em Damião dentro da percepção de uma “identidade interativa, entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p.11), sendo uma concepção também defendida como já afirmado por Zilá Bernd (2011) por Kabenbele Munanga (2012), e ainda Antônio da Costa Ciampa (1987) e as ideias de Ricardo Franklin Ferreira (2002), ressaltando que mesmo percorrendo áreas diferentes todos esses estudiosos têm em comum o entendimento, “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma ao sujeito ser interpelado, ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida”(HALL, 2006, p. 21). Ou seja, ela muda de acordo com o ambiente e contextos nos quais o indivíduo se insere, e em virtude desse aspecto passa a ser apreendida como: “transformação, ou seja, em constante variação, decorrência do cruzamento entre a história pessoal do sujeito e seu contexto histórico e social” (CIAMPA, 1987, p.148).

⁴⁰ A partir deste capítulo tomaremos como principal identificação para nos referirmos aos negros brasileiros a palavra mais reconhecidamente aceita pelos movimentos negros e outros militantes simpatizantes da causa, afrodescendentes ou afro-brasileiros.

⁴¹ Historiador e antropólogo senegalês que estudou as origens da raça humana e a cultura africana pré-colonial. Foi considerado um dos maiores historiadores africanos do século XX. <http://www.casafrica.es/po/detalle-who-is-who.jsp%3FFPROID=36580.html> acesso em 09/01/2017

Sendo assim, a identidade não é estática, mas possui uma dinâmica, como podemos constatar por meio da análise da trajetória de Damião, que vivencia concomitantemente, a dor e a alegria, o sucesso e o repúdio, como também nos confirma Ferreira (2002), a identidade não se mantém fixa, sendo a mesma o tempo todo, mas reflete um processo de constituição, “muda conforme a mudança de referência e realidades vivenciadas pelo indivíduo, a partir de processos provocadores de impacto existencial” (FERREIRA, 2002, p. 46).

Sob a ótica de Stuart Hall (2006), ele apresenta a denominação de “identidades culturais”, partindo das características das identidades que nascem por meio de nosso sentimento de “pertencimento” a culturas raciais, étnicas, religiosas e nacionais. As transformações sociais, como no caso aqui, o contexto escravocrata em todas as suas nuances, são variações que alteram a identidade pessoal de Damião, havendo por algum tempo a segurança da sua missão herdada oralmente pelo pai, e, em outros momentos, vê - se desmotivado diante de todo sofrimento relacionado ao fato de ser negro. “Essa perda de sentido de si, estável, é chamada algumas vezes, de duplo deslocamento, ou descentração do sujeito” (HALL, 2006, p. 9).

Esses fatores causam ao personagem, como denominado por Hall, “a crise de identidade”, e são esses acontecimentos, que nos levam à análise e à reflexão, de não existir uma identidade única, e ainda, segundo Hall (2006), ao apresentar a questão da identidade do sujeito pós-moderno, afirma que esse não tem uma “identidade fixa, essencial ou permanente”, mas se encontra contida aos momentos históricos vivenciados pelo indivíduo no caso aqui, Damião, assimilando identidades diversas em contextos contraditórios e distintos.

No capítulo anterior, abordamos a respeito de alguns termos relacionados à identificação do afro-brasileiro, partindo do pressuposto que toda forma de chamamento nos remete à identidade de algo ou alguém, passaremos à discussão de como foi construída e por vezes desconstruída a identidade do negro brasileiro, retomando sempre a ideia de que a trajetória de Damião, assim como o Severino de João Cabral de Melo Neto que passou a pertencer à análise de Antônio da Costa Ciampa, é um personagem ficcional, cuja trajetória nos remete a toda uma parte da população, que ao chegarem no Brasil, advindos do continente africano, foram chamados de Negros e Mulatos entre outras denominações, como já afirmado, já foram discutidas em capítulos anteriores, com uma trajetória, que oxalá, assim como, a Severina de Ciampa, pudesse ter sido apenas ficcional.

Nesta perspectiva, observamos um Damião representando que Antonio Candido chama de “sentido social simbólico” (CANDIDO, 2006, p.10). Pois, embora seja uma representação, é também, “o desmascaramento de costumes vigentes na época” (CANDIDO,

2006, p.10), nos levando à reflexão sobre vários acontecimentos relacionados ao período da escravidão e o que houve após essa.

Sobre esse aspecto, pensando em como Damião em alguns momentos passa a negar-se e assimilar para si outra identidade, não a sua, Ferreira (2002) explica que ao passar para o mundo dos brancos, sua referência identitária também passa a ser outra, e isso se dá facilmente, pensando que a identidade se constrói na relação com o outro, e nas condições vivenciadas por Damião enquanto escravizado, a partir do momento a ele oportunizado de se inserir em outro mundo, sua identidade passa a ter como referência esse outro mundo e, como atesta Ricardo Franklin Ferreira (2002).

Em função do processo de desvalorização da pessoa negra, os afrodescendentes tendem a introjetar a visão dominante do mundo branco, visto como superior. Em decorrência, tendem a desvalorizar o mundo negro ou assumirem como insignificante para suas vidas o fato de serem afrodescendentes. (FERREIRA 2002 p. 75).

Assim, mesmo Damião sendo uma personagem ficcional, teve sua construção pensada a partir da realidade de homens em contextos baseados na verdade histórica, no romance a ficção e a realidade entrelaçam-se, e, dessa forma, resultam na descrição de episódios ocorridos durante o período do Brasil escravocrata, nos remetendo por meio da sua leitura à vida de milhares de homens e mulheres que tiveram sua identidade construída, e nessa concepção de construção, pressupõe-se que haja uma mobilidade, um inacabamento, por vezes também, a desconstrução, que a irá aprimorar, retomar, numa dialética constante.

Tendo esclarecido alguns conceitos e o caminho até aqui percorrido, passaremos a analisar como Damião foi recepcionado no que chamaremos de “mundo dos brancos”, afirmação essa que, nos direciona à obra de Florestan Fernandes, *Ô Negro no Mundo dos Brancos* (2007).

3.1 Damião no mundo dos brancos

Na trajetória da personagem há várias apresentações e representações, no entanto, partiremos da análise de como ele, Damião, se vê e como os outros o veem, considerando a tese de Kabenbele Munanga (2012):

A identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela má percepção que os outros têm dela, ou seja, uma pessoa ou um grupo de pessoas pode sofrer um prejuízo ou uma deformação real se as pessoas ou sociedades que os rodeiam lhes devolverem uma imagem limitada, depreciativa ou desprezível (MUNANGA, 2012, p.5)

Neste sentido, averiguamos que a identidade de Damião começa a se deformar, no sentido de tomar nova forma, por meio das tensões vivenciadas, a partir do momento em que como ele afirma, a sorte o favorece e ele acaba sendo levado ao bispo com uma carta de recomendação da sinhá velha, que com a morte do senhor Lustosa é quem passa a tomar as decisões na fazenda, conforme podemos averiguar no diálogo entre ela e Damião: “eu já falei com Chico Benedito que irá levar você daqui. Quanto mais depressa você for melhor. Ele entrega você ao senhor Bispo, com uma carta minha.” (MONTELLO, 1985, p. 141). O período vivenciado por Damião neste tempo, ou seja, após a morte do Sr. Lustosa, pode ser entendido como a sua redenção, aparentemente estaria aí o fim dos seus sofrimentos, ele passaria, ao ir para o seminário, na perspectiva de análise de Antônio da Costa Ciampa, “a outra vida, passaria a ser outro, era a via que esperava existir para se tornar outro” (CIAMPA, 1987, p. 29). Porém, antes de nos remetermos ao período em que convive no seminário e no Liceu, devemos observar na obra, mesmo essa não sendo linear, como Damião nos é apresentado.

Assim, o Damião com quem nos deparamos ao lermos a primeira página do romance é o homem com passos a seguir pelo som dos tambores da Casa Grande das Minas, e aparece em condição distinta, ao ser recebido no querebetã pela nochê mãe Andreza Maria “que vinha buscá-lo pela mão e lhe acomodava em posição privilegiada” (MONTELLO, 1985, p.11), de onde ele via as noviches dançando e o restante dos que compunham o ritual, dando-nos a ideia de intimidade com o local e as pessoas.

Virando a página, Damião aparece descrito pelo narrador como um negro de inteligência superior, também nos é fornecido o conhecimento de sua idade, “80 anos com aparência de sessenta, ou talvez ainda menos” (MONTELLO, 1985, p. 12), a descrição aqui se faz enaltecendo suas qualidades dando-lhes característica de um homem de nível intelectual e físico elevado, “com muita luz nos olhos, o passo seguro, a cabeça levantada, com uma bengala de castão de prata, muito limpo, paletó, alfinete de ouro junto ao laço da gravata” (MONTELLO, 1985, p.12).

Como o romance não tem uma ordem cronológica de começo, (Damião escravo); meio (Damião na luta por liberdade) e Fim (Damião alforriado), temos no início da narrativa, Damião livre, já com oitenta anos, caminhando pelas ruas de São Luís.

Embora como já afirmado, a primeira impressão a que somos induzidos a ter sobre o personagem é de um homem negro que se sobressai aos demais da época narrada, pois possui algumas qualidades que o diferencia do seu grupo étno racial, não só na forma de trajar, mas também no que se refere à capacidade intelectual, isso, para época era natural apenas aos

brancos, porém, essa primeira impressão como o narrador enaltece a característica do negro por meio de Damião, dá lugar à outra leitura, fazendo-se a partir de quando temos conhecimento de toda a sua trajetória, a de que ele deixou de ser negro, não na cor da pele, mas na maneira de viver, trajar, e ver o mundo, passando assim a ter como referência valores pertencentes aos brancos da época, trajando-se como eles, ou seja, passando em quase tudo a assimilar seus valores.

Neste aspecto da personagem, Damião se torna um “negro de alma branca”, passando a ser percebido com uma identidade, indo progressivamente se acentuando para o lado dos brancos, chegando ao seu auge quando admite por meio das palavras que o preconceito só teria fim com a mistura das raças, que pouco a pouco deixaria as pessoas todas brancas.

Nesta perspectiva, CIAMPA (1987), chama este episódio de “fetichismo da personagem”, pois, segundo o escritor, “havendo a impossibilidade do indivíduo ser quem realmente é, vai ocultar a verdadeira natureza da sua identidade, como metamorfose”, gerando o que ele denomina de “identidade mito”(CIAMPA, 1987, p.140).

Por conseguinte, pensando a respeito das atitudes tomadas por Damião, Clovis Moura⁴², em sua obra, *Dialética Radical do Brasil Negro* (2014), considera esses comportamentos de “excesso de etiqueta” (MOURA, 2014, p. 281), uma maneira de “não entrar em choque com as barreiras que o separam da sociedade branca” (MOURA, 2014, p. 281). E assim, nas páginas da narração montelliana, verificamos como se deu esse processo que causou a crise de identidade em Damião, manifestando-se neste caso na maneira de trajar - se. Deste modo, a descrição de como se veste e a respeito dos acessórios que utiliza é bem detalhada, dando-nos uma compreensão mais próxima do real.

De repente se sentiu contrafeito na sua roupa de casimira inglesa, com a fina gravata de gorgorão a lhe descer para o peito, o botão de ouro na camisa engomada e mais o chapéu alto que trazia na cabeça.

Afinal reconhecia que, aos poucos, gradativamente, desde que se alforriara, ele se viera bandeando para o lado dos senhores, e agora com estes se confundia, tanto no modo de viver quanto no de trajar, sem ao menos dispensar a bengala de castão de prata e as luvas de pelica, enquanto os outros negros continuavam cativos, apanhando como ele havia apanhado (MONTELLO, 1985, p. 315).

⁴² Clóvis Steiger de Assis Moura, mais conhecido como Clóvis Moura, foi um sociólogo, jornalista, historiador e escritor brasileiro. Nasceu na cidade de Amarante, no Piauí. É influenciado pelo marxismo, tendo desenvolvido a Sociologia da Práxis Negra. Clóvis Moura questionou a visão de Gilberto Freyre sobre a passividade do negro no Brasil, destacando a resistência à escravidão dos quilombos. Em suas pesquisas tratou da rebelião dos escravos e da formação dos quilombos. Disponível em: http://www.fespsp.org.br/seminario2014/anais/GT11/7_RACA_E_CLASSE.pdf

Essas situações que retratam certos procedimentos ambíguos de Damião são explicadas por Ferreira (2002) como sendo a de uma identidade problemática, em que o indivíduo desvirtua - se dos aspectos culturais que compartilhava com seu grupo de origem.

De acordo com as análises de Ferreira (2002), é comum entre os afrodescendentes brasileiros ao tentar articular-se com a cultura europeia, assujeitarem-se às condições determinadas por elas, porém, para esse episódio ele também acentua como sendo resultado da dissociação divulgada pela elite que se identifica como “branca, assumindo característica europeia como representação de uma superioridade e em contrapartida divulgando a ideia de que o que pertence à cultura do negro é inferior” (FERREIRA, 2002, p.42).

Diante dessas considerações, podemos compreender que nenhum indivíduo poderá pender para o lado que não seja o mais socialmente aceito, ou conceituado como politicamente correto, de tal maneira, a pessoa “que se aproximar mais das “características do tipo branco se torna socialmente mais aceita”(FERREIRA, 2002, p.42), temos assim a explicação para os problemas de identidade pelos quais Damião irá passar, aos quais, Stuart Hall denomina de “crise de identidade” (HALL, 2006, p. 7).

Deste modo, Damião vai aos poucos perdendo a referência que tinha de sua família, sobretudo do seu pai, Julião, que lhe dava “ancoragem estável” (MONTELLO, 1985, p. 315).

Entretanto, existe um traço cultural permanente, sem grandes prejuízos durante toda a trajetória da personagem, que é a religiosidade manifestada por meio do som dos tambores da Casa das Minas, esse o acompanhará todo o tempo. O que nos leva a considerar, mesmo diante dos apelos do branqueamento, Damião, ainda, algumas vezes parecendo perder o sentimento de raiz inculcado nele que o ligava aos aspectos culturais afro-brasileiros, a religiosidade é o fator mais marcante e só não irá aparecer de maneira acentuada durante o tempo em que estará se preparando para se tornar padre, mas ainda há momentos em que pelas ruas de São Luís ele ouve de longe o tantantã dos tambores, trazido pelas rajadas de ventos.

O ruído dos Tambores na Casa Grande das Minas, trazidos por uma rajada mais fresca, lembrou – lhe a Genoveva Pia. Àquela hora toda de Branco, o pescoço envolto em colares, nos braços magros as pulseiras de Búzios, a velha estaria dançando entre as outras noviches, entregue ao capricho do seu Vodum (Montello, 1985, p. 340).

As considerações acima nos levam a analisar que a narração montelliana caminha muito mais, isso considerando os relatos do preconceito vivenciado pelos escravos dentro do romance, antes e após a Abolição, dando ênfase ao preconceito racial do que ao étnico, para explicar essas duas considerações que algumas vezes são tomadas como sinônimas, Ferreira

(2002) esclarece que, “o preconceito contra a população afrodescendente tanto se dá em relação as variáveis raciais”(FERREIRA,2002, p. 53), ou seja, em virtude do fenótipo, “quanto em relação as variáveis étnicas”(FERREIRA,2002, p. 53), o que ele compreende como relacionadas aos aspectos culturais.

Em *Os Tambores de São Luís*, o narrador não enfatizará dentro dos acontecimentos vivenciados pelos personagens, o preconceito cultural, ou seja, étnico, mas dá relevância primordialmente às características físicas, nesse sentido, predominantemente à cor da pele.

Conforme fica evidenciado no trecho a seguir. “Estou com pena de ti Damião. E muita. Saíste de um cativo para outro, e eu não vejo para isso remédio. Se não fosses preto, sou capaz de jurar que já tinhas o teu lugar bem sossegado [...]” (MONTELLO, 1985, p. 429).

A cor da pele vai aparecer em vários capítulos como a marca negativa que não permite a ascensão social da personagem.

Essas afirmativas são explicadas por Ferreira (2002), para ele o preconceito étnico e preconceito racial não são sinônimos, e que “o termo mais apropriado e preciso para se analisar a identidade do afro-brasileiro é étno- racial” (FERREIRA 2002, p.68), que segundo o autor “sugere ser herança configurada em torno tanto das especificidades biológicas quanto das culturais, religiosas, dentre outras” (FERREIRA, 2002, p.68).

Neste sentido, esse Damião que somos levados a conhecer no início da narração não foi sempre assim, teve momentos em sua trajetória onde até tentou afirmar sua identidade étno-racial, mas o apelo do branqueamento dados por meio do preconceito sofrido era muito forte, podendo ser verificado em várias passagens, mas aparece muito mais explícito no seminário e evidentemente quando não suportando as discriminações acaba deixando esse lugar que era predominantemente apenas condicionado aos brancos.

O trecho a seguir dá sustentação às afirmações acima:

Cinco alunos se tinham transferido para outro colégio, por não aceitarem seus pais que os filhos tivessem um preto como professor. Um deles chegara a dizer ao Dr. Sotero dos Reis, exaltado, no gabinete do diretor, em voz alta que se ouvia no corredor.
- Que preto dê aulas, vá lá: o que ensina, repete dos livros que os brancos escreveram. O que eu não posso aceitar é que um negro dê nota a um filho meu. O negro que conheça o seu lugar. Pode ser muito sabido, mas é preto, e preto com marca de chicote no corpo (MONTELLO, 1985, p. 342)

Para a sociedade branca o negro tinha um lugar reservado; não era o mesmo que o seu, são justamente esses acontecimentos que irão levar Damião a necessidade de encontrar outro meio de subsistência, visto que até aí ainda não havia se deparado com a realidade de ter que se integrar economicamente à sociedade.

É precisamente na época em que dá aula no Liceu Maranhense que Damião viverá constantes crises de identidade, essa perda de sentido de si mesmo, Stuart Hall chama de “descentração”, (HALL, 2006, p. 24), é justamente neste ponto que para o sociólogo a identidade se tornará uma questão, Damião passará pela dúvida e incerteza de quem é e a quem representa, e terá de travar outra forma de luta, diferente da que houve no cativeiro, a luta será mais ideológica, pois se depara com o racismo, sendo um sentimento que orientava fortemente a sociedade brasileira no pós-abolição, apesar de neste contexto a abolição ainda não ter sido anunciada ele já é homem “livre”, pelo menos livre do cativeiro físico, o que ele não imaginava que passaria então a lutar pela sua segunda liberdade.

Assim, diante das frustrações, em certa altura reflete a respeito de suas atitudes, sua consciência lhe acusa “de ter falhado à missão que a si traçara, na solidariedade ao infortúnio dos outros negros, torna-se alguém atormentado” (MONTELLO. 1985 p.315), mas por outro lado, afirma ter de andar trajado assim, pois é “professor do Liceu e de sandálias não entraria lá” (MONTELLO. 1985 p.315). A leitura que aqui nos interessa fazer, na verdade, não é a respeito dos trajés de Damião, pois pode parecer supérfluo, mas discutir a simbologia que esse fato reflete, para ser aceito era necessário fazer-se como eles, não só na maneira de vestir-se, mas até mesmo, se possível fosse, mudar o tom da pele, como isso não era possível, muda-se o comportamento.

A princípio, Damião começa a indignar-se com a situação vivenciada no Liceu, não entendia o motivo do ódio do branco, e, por algum tempo, pela necessidade de suprir as condições básicas de sua família, resigna-se, mas o sentimento de raiz passado a ele pelo tempo em que viveu com o pai Julião faz com que não aceite aquela condição. A esse respeito assim encontramos no romance: “Em verdade, nos dois últimos anos, a obstinação da luta como que aprimora a personalidade de Damião, aproximando - o física e moralmente com o pai” (MONTELLO, 1985, p.525).

Em outro trecho ainda fica mais evidente os valores que se firmaram como herança paterna na vida da personagem, desta forma, chega um momento em que Damião não consegue mais suportar as humilhações impetradas a ele no Liceu pelo fato de ser negro. Neste sentido assim delinea Montello: “Damião parecia fora de si, os olhos crescidos, as veias do pescoço puladas, o semblante exaltado. E era tão enérgica a expressão do seu rosto, na veemência das palavras que ia proferindo, que dava a impressão de ter perdido a cabeça [...]” (MONTELLO, 1985, p. 349).

O discurso proferido por Damião dentro do Liceu demonstra que ele possui consciência do quanto o cativeiro era indigno:

Vocês são livres e são moços: não permitam que haja escravo no Brasil! O cativo é um crime, e um crime coletivo, de que toda a Nação é responsável! Crime da Nação contra si mesma! Crime do homem contra a humanidade! À entrada dos nossos portos, poderia ser colocado um aviso: “Aqui se vendem homens, mulheres e crianças, para trabalharem a vida inteira debaixo do chicote” (MONTELLO, 1985, p. 349).

Porém, esse Damião a quem somos levados conhecer nas primeiras páginas do romance, ou seja, o Damião professor, e que se explica à leitura da trajetória da personagem no enredo de *Os Tambores de São Luís*, passou por grandes mudanças, e assim como o romance é narrado em dois planos, e não existe uma linearidade, ao incidirmos para o segundo capítulo, temos acesso ao início de sua trajetória quando ele ainda criança, precisamente aos oito anos, junto com sua família fugiram da Casa Grande para a construção de um Quilombo.

Entretanto, mesmo sendo necessário lançarmos nosso olhar a esse período, pois nele estão contidos momentos importantes de sua formação identitária enquanto negro, o tempo que mais nos interessa é quando Damião deixa a fazenda pela segunda vez e passa a viver em um mundo ainda desconhecido tanto por ele como por nós, tempo em que ele se confronta com um ambiente que não era para negros, ou seja, o importante aqui são os conflitos de identidade pelos quais ele irá passar.

Assim, podemos afirmar que a desconstrução da identidade de Damião tem seu auge quando se confronta com o preconceito racial latente durante o tempo em que há a tentativa fracassada de se tornar padre e que continuará após essa fase.

As respostas que obtinha por não poder ser ordenado tinham o mesmo sentido: “O cabido decidiu que seria uma imprudência, aqui em São Luís, ordenar um preto, e um preto que até certo tempo era escravo.” (MONTELLO, 1985, p. 232).

Mesmo diante da sua inteligência superior até mesmo à de outros seminaristas e padres. São vários os motivos descritos para que ele não seja ordenado sacerdote, e todos recaem no mesmo pretexto, era negro. “Negro não serve pra padre. Só branco é que fala com Deus”. (MONTELLO, 1985, p. 239). E assim continuam as desculpas dadas até mesmos pelos que ele julgava amigos.

Todos nós lamentamos ter tomado esta decisão, mas não podia ser diferente. Acima de tudo, o interesse da Igreja. Nada temos contra você, meu filho. O que não quisemos foi escandalizar. O que não quisemos foi escandalizar, ainda é cedo para ordenar um negro padre (MONTELLO, 1985, p. 236).

E neste sentido, assim prossegue a narração: “Parabéns Damião, sua prova não é de aluno, é de mestre [...] merecia distinção com louvor [...]. Mas não vou dar a nota que você merece” (MONTELLO, 1985, p. 235). “E agora, de repente, a despeito de todos os seus

sacrifícios, tinha ali o resultado brutal: era negro, não poderia ser padre!” (MONTELLO, 1985, p. 235).

O fato de não ser aceito em locais como o Liceu Maranhense e o sacerdócio, evidenciam o quanto o preconceito coibiu a ascensão social de Damião, que mesmo tentando reafirmar se, não tinha sucesso, pois não havia força coletiva para lutar contra esse estigma. Importante esclarecer que o foco principal da pesquisa, não é a identidade física do sujeito, entretanto há certa relevância, mas não maior que compreender a formação da identidade enquanto consciência que uma pessoa tem a respeito dela mesma, o que a torna diferente ou semelhante aos outros.

Referindo - nos, portanto, aos fatores sociais que exercem influência tanto para a construção ou desconstrução da identidade da personagem Damião, considerando que existem identidades que se ocultam quando socialmente necessário, essa afirmação está explícita quando Damião tende a se manifestar com características do branco, e mesmo assim, negando - se a si enquanto representante daqueles a quem ele mesmo chama de “irmão de cor”, “permaneceu condenado a um mundo que não se organizou para trata-lo como humano e como igual” (FERNANDES, 2007, p. 33).

Nas páginas do romance é verificável que mesmo sendo “compelido a identificar- se com o branqueamento, simulando a condição humana-padrão do mundo dos brancos” (FERNANDES, 2007, p. 33) e aceitando por um tempo essa condição, passou pelo que Fernandes denomina de “terrível provação”, que resulta segundo ele “em falta de equilíbrio, pois “ficam expostos rotineiramente a formas de auto-afirmação que são, ao mesmo tempo, formas de auto-negação”(FERNANDES, 2007, p. 33), esse trecho do romance nos dá bem essa visão sobre a qual relata Fernandes (2007).

Bem vestido, sentira – se outro homem. Os óculos de aros de prata, completando – lhe a fisionomia estudiosa, acentuaram – lhe a gravidade pensativa, com a qual impunha silêncio à classe, assim que entrava na sala.

No entanto, sempre que cruzava com outro negro, frequentemente arranjava o olhar para parecer que não tinha o visto. Imediatamente o coração lhe batia mais forte. Sentia subir – lhe ao rosto o sentimento de irreprimível desconforto (MONTELLO, 1975, p. 316).

Por outro lado, nesse mesmo sentido, Munanga (1986) afirma que, se ao contrário, Damião conseguisse afirmar sua identidade ao invés de “refuta-lá”, aceitando-se, estaria assim, isso se agisse com a mesma paixão que o faz admirar e assimilar o branco, “assumindo a cor negada, vendo nela traços de beleza e de feiúra como qualquer ser humano “normal”, afirmando-se cultural, moral, física e psiquicamente” (MUNANGA, 1986, p.32).

Porém, sendo os apelos sociais do branqueamento tão fortes, essa foi a maneira que Damião encontrou para ser aceito pelo mundo dos brancos, a isso Hall chama “de jogar o jogo das identidades”, (HALL, 2006, p.19), ao que Damião justifica pelo fato de não poder ficar desempregado, visto ter uma família dependente de si, e em outros momentos por concluir que sua luta solitária não resolveria o problema dos negros. Ele se defende analisando que era preciso suportar aquele momento, e quando tenta deixar de fazer o jogo das identidades e assumir - se enquanto homem negro enfrentando o preconceito acaba sendo rejeitado.

Deste modo, após Damião tentar afirmar sua identidade enquanto representante dos negros e se rebelar contra as injúrias sofridas no Liceu, perde seu lugar de professor. No romance temos a descrição de como o Dr. Sotero dos Reis lhe dá a notícia: “Além do mais, para lhe ser franco, se voltasse agora para o Liceu, encontraria a porta fechada. É o que estou lhe dizendo. Recebi muitas queixas de pais de alunos contra o senhor” (MONTELLO, 1985, p. 356).

3.2 Damião no Quilombo

Voltando ao tempo em que Damião experimenta pela primeira vez a liberdade, ou seja, à época em que seu pai foge com sua mãe e irmã para dar início à formação de um Quilombo, já em virtude da notícia que Damião seria vendido, analisamos que esse é o período que Julião, seu pai, passa valores e sentimento de raízes africanas para o filho, que em todo o percurso, como já afirmado, deixa marcas de prenúncio que em breve partiria e Damião deveria o suceder. Assim, a primeira mudança de sorte de Damião, pode ser compreendida quando ia ser vendido e é salvo pelo pai que foge da fazenda levando toda a família e outros negros para a fundação do Quilombo.

No tempo em que estiveram no Quilombo, Damião que ainda era criança passará pelo processo da adolescência e conhecerá personagens que farão parte da sua vida com longa duração dentro do enredo, é nesse período que terá a sexualidade despertada e também poderá observar de perto o comportamento de Julião que lhe será como luz quando os percalços chegarem.

O espaço quilombola será para Damião o que a África foi para seu pai, sinônimo de liberdade, esses dois lugares no que significam para a identidade africana terão valores semelhantes para as personagens. Analisa-se que a liberdade experimentada pela primeira vez por Damião no Quilombo é o que lhe dará sustentação para o que virá depois.

Nesse tempo, três personagens, além do seu pai, serão bastante significativos na construção identitária de Damião, a Turíbia figura responsável pela sua primeira experiência

sexual. “Nunca mais Damião esqueceria as mãos que o despiam, e o primeiro roçar dos seios dela em seu corpo” (MONTELLO, 1985, p. 29).

Importante ressaltar que todas as mulheres com quem Damião se relacionou nenhuma era branca, e ponderando que a identidade individual depende das relações interpessoais, esse fato pode ser entendido como afirmação de sua identidade negra, um louvor a negritude no sentido do termo reconhecido por Aimé Césaire⁴³ que a apreende como a representação do “primeiro momento de luta contra a alienação engendrada pelo sistema colonialista, escravocrata, participando da relação dialética branco/negro, e preencheu o primeiro espaço de conscientização do negro.” Césaire (apud FIGUIREDO, 2005, p.323).

Neste sentido, fica clara a vertente negrista dada à obra, podendo ser compreendida também como uma estratégia montelliana de enaltecer a resistência dos negros brasileiros.

Por conseguinte, o que está nítido na escrita do romance será esse conflito que permeará todo o enredo, em alguns pontos temos um narrador que se aproxima da *dessacralização* e por vezes da *sacralização* literária, uma narração que horas se vincula aos estereótipos impetrados historicamente no que se relaciona a identidade do negro e em outros momentos se afasta, como fica compreendido, por exemplo, no fato de Damião apenas ter companheiras negras, e o seu contrário estaria, sobretudo, no desfecho, em que o personagem louva a cor mestiça do trineto.

Será ainda na configuração do Quilombo que Damião aprenderá a ler ensinado pelo Barão, uma personagem que o acompanhará até a vida adulta, não em tempo integral, mas só desaparecerá do enredo quase ao seu final.

O Barão terá bastante influência na construção da identidade de Damião, ao mesmo tempo em que lhe ensina a ler e escrever, qualidades que serão decisivas para sua ascensão ao mundo dos brancos, também lhe inculca, já em outro tempo e cenário do romance, a importância das misturas das raças para por fim aos problemas impetrados pelo cativo.

O trecho a seguir nos permite ter essa visão.

E foi ele que, dias depois, pela manhã, tirou do baú um dos seus livros que o muito manuseio ensebara, e disse a Damião, debaixo da sombra de uma ingazeira:

- Vou te ensinar a ler.

E ali mesmo principiou a mostrar lhe as letras, que Damião olhava um momento e logo retinha na memória. (MONTELLO, 1985. P. 25).

⁴³ Martinica (1913 - 2008). Ideólogo do conceito de negritude, defensor maior das raízes africanas e militante anti-colonialista, Césaire foi ainda um dos maiores poetas surrealistas do mundo. Disponível em:< <http://www.buala.org/pt/autor/aime-cesaire>>. Acesso em:10 abril 2017

Neste sentido, Ferreira (2009), destaca que diante dos espaços, dos conceitos de crenças, ideias, atribuições sobre si, o homem constrói o que ele denomina de:

Teorias pessoais ou mapas que lhe passam a servir de guias de referência para que possa localizar - se em sua existência e relacionar- se dentro de seu grupo social de maneira relativamente segura, vindo a favorecer a realização dos seus projetos de vida, no âmbito individual e coletivo”. (FERREIRA, 2009, p. 47),

No espaço social do Quilombo, Damião ao lado do pai e de outros personagens como o Barão, irá encontrar segurança e liberdade que ainda farão sentido em sua trajetória quando já não estiver aí, mas que em virtude de outros acontecimentos a identidade construída nesse ambiente passará por desconstruções.

Sobre esse aspecto temos, o seu reencontro com o próprio Barão, que voltará após bastante tempo, a configurar as páginas do romance como uma espécie de conselheiro de Damião. Conforme se pode constatar no trecho em destaque:

“Tu não és Damião?

- Barão! “Exclamou Damião, erguendo os braços e as sobrancelhas, ao mesmo tempo em que se levantava com os olhos arregalados de alegria”. (MONTELLO, 1985, p.422).

O reencontro entre os dois se dá em uma fase que Damião está passando por uma crise de identidade, pois sua tentativa de ser aceito no mundo dos brancos não foi acolhida, nem por vias de assimilação dos seus caracteres muito menos quando resolve se rebelar. A essa perspectiva, Stuart Hall (2006) explica que Damião não vê mais sentido em tudo que vivenciou até este momento na busca que traçou pela liberdade individual e coletiva, o que “lhe causa a perda de sentido tanto do seu mundo social e cultural tanto de si mesmo” (HALL, 2006, p. 9).

E é nesse sentido que o Barão irá contribuir para a não realização de uma identidade negra afirmada: “Estou com pena de ti Damião. E muita. Saíste de um cativo para outro, e eu não vejo para isso um remédio. Se não fosses preto, sou capaz de jurar que tinhas o teu lugar bem sossegado” [...] (MONTELLO, 1985, p.429).

O Barão exerce dentro do romance o papel de um dos responsáveis, mesmo que através do seu discurso, pelas crises de identidade de Damião, ao mesmo tempo em que configura uma positividade no que se refere a ensiná-lo a ler e escrever, também tenta persuadi-lo a compreender que não há como mudar esse estigma do fato de ter sido escravo e que melhor seria se assim permanecesse, pelo menos teria a segurança do onde morar.

Entretanto, ainda nesse aspecto de contradição, o Barão sugere a Damião uma maneira pessoal de por fim a escravidão:

Eu sempre que posso papo uma branca, mesmo feia, e deixo um filho na barriga dela [...]

Já tenho netos de pele clara, que dá gosto de olhar. Muitos nem sabem que eu existo [...]

Com o tempo isso vai acontecer no Brasil: Os brancos comem as negras, os negros comem as brancas e os filhos destas benditas trepadas vão desbotando de uma geração para outra (MONTELLO, 1985, p.428).

Embora, não consigamos visualizar na obra uma propensão de Damião seguir esses conceitos, pois como já afirmado, suas relações sempre foram com mulheres negras, observa-se no desfecho do romance que ele atendeu a esses apelos que são explicados por FERREIRA (2009), da seguinte maneira: a cor negra é associada a aspectos inferiores, o que se configura como dificuldade para que a identidade do afro-brasileiro se desenvolva.

Ainda sobre as referências pessoais de Damião, outro personagem encontrado no Quilombo e que também é descrito com bastante contrariedade, é Samuel. Na obra o narrador o introduz do seguinte modo: “Foi quase um mês depois, nos dias de vento frio, que precedem o São João, que o Samuel chegou ao Quilombo” (MONTELLO, 1985, p. 26).

A trajetória de Samuel no Quilombo será bem conturbada, ele, por possuir órgão genital avantajado e na sua chegada estar totalmente nú, será alvo de muitas chacotas, mas também recebe a amizade de Julião e a admiração de Damião por ser um sujeito bastante esperto. No entanto, entre as mulheres havia a queixa que embora fosse dotado de órgão com tamanho acima do normal, não tinha ereção.

A descrição das relações no cotidiano dos quilombolas é narrada com bastante verossimilhança e existe também por parte do narrador a tendência a reafirmar alguns estereótipos socialmente cristalizados relacionados ao comportamento sexual do negro, todavia, por exemplo, como exemplificado no trecho a seguir, há a tentativa da desconstrução.

Por fim, numa noite de lua, pelo fim de setembro, numa roda de catadores, o Prudêncio da Rosária alteou a voz bonita, depois de experimentar as cordas da viola.

A natureza faz coisas

Que ninguém sabe explicar:

Pôs espinho na roseira

Pra mão da gente furar.

E logo se ouviu o coro responder:

A pomba do Samué

não foi feita pr voar.

Depois do refrão, que ia longe com o rebô das vozes masculinas, alongavam-se as risadas, que o próprio refrão abafava (MONTELLO, 1985, p. 32).

Tais acontecimentos tiveram grande influência no comportamento de Samuel, tanto que além do que se podia esperar, denunciou a localização do Quilombo ao Dr. Lustosa que resgatou todos os negros para novamente tê-los como escravos.

Foi neste percurso, visto no Capítulo II, que Julião foi morto, e para sempre Damião guardou esta mágoa até o dia, já na fazenda, que teve a oportunidade de por fim a vida de Samuel.

E foi só daí a uns meses, quase no fim do ano, antes de começarem a cair as primeiras grandes chuvas, que Damião, de repente, na estrada que levava a Turiaçu, se encontrou com o Samuel. Passou a mão nos olhos, para ter a certeza de que estava mesmo vendo. Sim, era o crioulo. Vinha tocando um berimbau, com ar de bêbado, debaixo da soalheira do meio-dia, e ia cruzar-se com ele, adiante do bambual.

Damião preferiu parar, à espera do outro.

E o Samuel, assim que o viu:

- Antão é tu, Damião? E sozinho na estrada? Cadê tua gente, cumpañheiro? Nunca mais ouvi fala de ocês. Tá tudo vivo?

Damião retrocedeu um pouco, sempre a olhá-lo, a apertar os maxilares, as pálpebras contraídas. E quando ele estava bem perto, de modo que já lhe sentia o bafo, deu-lhe o primeiro bofetão. Samuel tonteou, desequilibrando-se, e levantou-se adiante, já preparado para negacear o corpo, de pernas arqueadas, as mãos no ar, aceitando a luta. Damião cresceu para ele, e arremessou-lhe outro bofetão. Samuel outra vez tonteou, caindo de borco, na valeta da estrada. Chegou a querer levantar-se, as mãos em terra, soerguendo a cabeça. Mas já Damião saltava sobre o seu dorso, com a faca fora da bainha, e enterrou-lhe a lâmina até o cabo, à altura do coração (MONTELLO, 1985. pp.45,46).

Todos esses acontecimentos e personagens influenciarão na formação identitária da personagem Damião, pois, com o assassinato do Samuel ele recebe mais um termo indentitário, o de assassino, embora haja o sentimento de dever cumprido por vingar a morte do pai, o que lhe atribui muito mais característica de herói do que de vilão. Samuel merecia morrer e ao matá-lo Damião fez justiça à morte do pai.

3.3 A Identidade do “Entre-Lugar”⁴⁴

Quando analisamos a identidade do negro brasileiro, como já explicamos por meio dos conceitos de Kabengele Munanga (2012), que afirma que a identidade só se torna passível de análise quando passa por transformações, o fazemos pelo diferencial que há na história do negro brasileiro se comparado à história de outros povos. E, como já analisado, está retratada na obra montelliana.

Os problemas enfrentados pelo negro, tanto durante o período que durou o regime escravista, como após seu declínio, foram tão significativos que embora passando mais de séculos ainda não foram extintos dentro da sociedade, temos como exemplo o racismo que ainda aparece de maneira acentuada.

⁴⁴ Esse subtítulo foi inspirado na constituição teórica dos trabalhos do escritor Silviano Santiago. Utilizado também por Zilá Bernd e Home Bhabha.

Mas voltando à análise dos “processos de identificação” de Damião, como prefere chamar Zilá Bernd (2011), observamos muitos episódios importantes para a construção ou desconstrução de sua identidade.

Pela voz do narrador, no trecho abaixo, encontramos momentos bem contraditórios, podemos constatar este fato, por exemplo, na volta de Damião à fazenda, descrita como o seu reencontro com a infância.

Damião havia experimentado no seu retorno à fazenda, uma sensação inefável de reencontro consigo mesmo, e que lhe advinha do cheiro de cana molhada, após as breves chuvas de setembro [...], dir-se - ia que a infância perdida repentinamente lhe voltava (MONTELLO, 1985, 48).

Observamos por meio da narração que o personagem começa na fazenda a perder o sentido de quem era, o que coloca sua identidade em crise. A contradição se explica nos acontecimentos do lugar.

Com dezoito anos feitos, era a primeira vez que apanhava. Antes, o pai não lhe batera; a mãe também fora benigna com ele. De modo que, agora recebendo o castigo imerecido, juntava à dor o sentimento do ódio, e era com esforço que se mantinha chumbado ao chão, recebendo as bordoadas (MONTELLO, 1985,p.52).

Nesses trechos do romance em que o tempo cronológico se passa com bastante proximidade, podemos perceber o quanto os sentimentos de Damião, em virtude dos fatos em que irá ser envolvido, vão se tornando incoerentes.

Os diferentes espaços, pessoas e acontecimentos que abrangem a trajetória de Damião, vão lhe desestruturando, modificando, transformando sua identidade, o qual destaca o que já afirmado anteriormente, que a identidade não é fixa, e pela história de contradições pelas quais passam a personagem, é compreensível que ele acabe por se estabelecer em um “entre lugar”, discutido por Silviano Santiago (1971), ou no plano “intersticial” como analisado por Home Bhabha (1998) citado na obra de Zilá Bernd em *Literatura e Identidade Nacional* (2011).

De acordo com Silviano Santiago, em seu ensaio, *O entre-lugar do discurso latino americano* (1971), é preciso transgredir as imposições, que o escritor define como formas de prisões, imposta de fora para dentro, é neste sentido que surgirá o termo entre-lugar, como um movimento de resistência e ao mesmo tempo de desconstrução. Nessa perspectiva, trazendo o termo entre - lugar ou intersticial, como prefere chamar Home Bhabha, para o campo da nossa análise da (s) (des) construção da (s) identidade (s) do negro brasileiro por meio da personagem Damião, entendemos que a personagem criará mecanismo para ser aceito no

mundo dos brancos, essa pode ser entendida como sua maneira de transgredir com as identidades que lhe são impostas.

Embora Damião não seja o negro que tenha a identidade afirmada tão quanto a do seu pai Julião, ao permanecer neste “interstício”, ou no “caminho do meio” como prefere designar Zilá Bernd, sua atitude pode ser entendida ao que Silviano Santiago analisa como movimento de resistência do colonizado à imposição dos valores do colonizador.

Dessa forma, de acordo com Bernd (2011), esse caminho do meio nasce como uma abertura, o “entre lugar” necessário a partir do momento em que o indivíduo dentro dos espaços coletivos tem sua identidade transformada, deixando de ser o que era e já não sendo totalmente outro.

Esse processo fica mais evidente no momento em que Damião se depara com o mundo dos brancos, ele não é mais escravo, mas também vai descobrir que não é livre, pois, o cativo só muda de configuração, a cor de sua pele será o motivo para que não possa ser livre à medida que os brancos são, não encontra o respeito merecido ao ser professor nem na tentativa de ser padre.

Todos estes episódios ambíguos o levam a questionar a si próprio, ao mundo, e a tomar consciência da sua condição.

Eu sou um entre milhões, minha mãe morreu escrava, minha irmã e meus sobrinhos são escravos. Meu pai se rebelou contra o cativo, foi morto diante dos meus olhos [...].

A escravidão é um abuso: o homem não pode explorar o homem, mantendo outros homens cativos, só porque eles têm a pele negra. A maldição da cor é uma falsidade e uma estupidez (MONTELLO, 1985, p.348).

O racismo que Damião presenciara fora da fazenda, fará com que comece a compreender, a tomar consciência sobre as raízes dos problemas que o segregam e sentirá suas consequências. “Tenho procurado emprego por toda a parte, e nada consigo. Os colégios não me querem como professor. Até ao fórum já fui, para me oferecer como copista, e nem com promessas me acenaram. Tudo fechado, tudo hostil”(MONTELLO, 1985, p.366).

O próprio Damião lamenta não poder mais viver em condição ambígua, “se se intimidasse, transigindo com o cativo, renegaria a si próprio, ao sangue que trazia nas veias. Não! Não podia ser! Seus filhos tinham de orgulhar-se dele, como ele se orgulhava de seu pai” (MONTELLO, 1985. p.411).

Entretanto, embora Damião tenha este sentimento de raiz que lhe fora inculcado pelo pai, o apelo ao branqueamento é tamanho que as contradições internas só acentuarão o

sentimento de ambiguidade, assim ele se manterá no “entre lugar” tentando encontrar a identidade herdada pelo pai durante o período em que viveram livremente no Quilombo, mas que foi se perdendo de acordo com os diferentes lugares em que viveu, podemos verificar essa vertente do personagem do romance que começa com o pai negro, mas sua família vai se “desbotando” pendendo para o lado do branqueamento, como no desfecho do romance, tornando - se mulatos, o que configura nesse contexto a cor do “entre lugar”.

De acordo com Bhabha, (1998), são os acontecimentos contraditórios que permeiam a vida de Damião que o tornam uma personagem descentrada, ocupando dentro do romance o espaço “intersticial”, verificamos, pois, que é justamente esse aspecto da personagem que o humaniza tornando sua identidade que está em crise passível de análise, como nos afirma Hall, (2006) é a perda de sentido de si, que faz com a identidade seja questionada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra literária, como espelho da vida, tem mais problemas do que respostas, e é precisamente nos problemas que está, por vezes, a chave de sua grandeza. Quem conseguiu aclarar o mistério de Hamlet?
 Josué Montello

Nas páginas finais do romance, *Os tambores de São Luís* (1975), o escritor Josué Montello reserva um espaço, a qual ele intitula de *História deste Livro*, em que afirma: “antes do início da escrita de um romance uma linha já é traçada, mas que essa, geralmente, se desenvolve a revelia do caminho que seu autor lhe projetou” (MONTELLO, 1985, p. 613).

Ponderando sobre as palavras do romancista, esse trabalho começou a ser construído durante o período da especialização em Estudos Literários no ano 2011 na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, porém, a leitura que se fez na primeira vez que o romance foi analisado, foi sempre se resignificando durante o processo da pesquisa.

Entretanto, embora o projeto inicial não tenha passado por mudanças rigorosas, nenhum esboço é comparado ao processo final.

Uma das mudanças ocorridas está relacionada ao título do trabalho, pois nossa primeira intenção consistiu em analisar a identidade (no singular) de Damião enquanto representação do negro brasileiro, mas ao ponderarmos sobre as afirmações da escritora Zilá Bernd (2011), encontramos em seus apontamentos que a identidade não se constrói sem o outro, o que nos leva ao sentido de coletividade, desse modo, optamos no título dessa dissertação trocar o termo identidade, como pensamos inicialmente, por identidades, concordando com a análise da pesquisadora, “é sempre melhor usar a palavra no plural”. (BERND, 2011, p.27).

Dessa forma, quando pensamos na análise da construção da identidade do negro brasileiro através da trajetória de uma personagem fictícia, não tínhamos ainda a concepção da grandeza e das complexidades que a envolveria, esse fato se explica pelo próprio conteúdo do romance.

Os Tambores de São Luís retrata um dos períodos mais significativos e horrendos na história da sociedade brasileira, embora o autor escolha como cenário São Luís do Maranhão, desde o início da leitura já se pode associar os fatos relatados na obra com os ocorridos a nível nacional. Josué Montello conseguiu realizar o que se propôs quando o romance ainda permanecia no plano das ideias. Segundo o autor, ao voltar à escrita de um novo romance, o sétimo da sua trajetória, apoiou-se na inspiração de regressar à terra natal em que vivera com

sua família, dessa forma nos apresentou *Os Tambores de São Luís*, inspirado no som da Casa Grande das Minas que ouviu da infância à adolescência.

Ainda que haja dentro do cânone literário muitas obras que toquem na temática da escravidão, o que particulariza o romance montelliano é a completude que ele atribui à saga do negro no contexto do romance. Um elemento que diferencia a obra de Josué Montello é como ele constrói a história do negro enaltecendo sua contribuição para a formação e o desenvolvimento da sociedade brasileira, sem deixar de atingir seus dramas e contradições, sobretudo nos seus aspectos identitários, que vão se construindo e desconstruindo por meio das ações.

O autor denuncia os castigos e a opressão sofrida pelos negros nas fazendas, colocando-os em oposição ao branco escravizador, também direciona o romance para a análise do quanto, mesmo na condição de escravos, não aceitaram calados o regime escravocrata, mas sobreviveram à exploração influenciando toda a sociedade com seus costumes e crenças, ou seja, deixando marcas da sua identidade que sofreu influências tanto negativas quanto positivas em virtude do contexto em que viveram.

Em *Os Tambores de São Luís*, o herói não é o típico branco que traduz os padrões de beleza construídos socialmente, mas é um homem negro que também não é nada comum para o período em que viveu, um indivíduo que representa seu povo influenciado pelos ensinamentos do pai, que mesmo morto, o acompanha por meio da memória, e da sua inteligência que está acima de todas as outras personagens do romance, nesse sentido, Damião passa sua trajetória lutando pela sua liberdade e pela dos seus “irmãos de cor”.

Desse modo, quando nos propomos à realização da análise de uma obra de tanta grandeza, fato que ainda não dimensionávamos, a escolha de um *corpus* para tal concretização não se configurou facilmente, mas foi um processo bastante árduo, entretanto, quando efetivado, o conhecimento que se deu por meio dos estudos e análises atrelados à satisfação proporcionada, também se tornou indescritível, um sentimento de tarefa cumprida, de conhecimento adquirido, de vida renovada.

Para a realização da análise da (des) construção da (s) identidade (s) do negro brasileiro por meio da personagem Damião, depois de Josué Montello e o seu *Os Tambores de São Luís*, o primeiro autor que foi selecionado para nossos estudos foi Stuart Hall, não apenas porque já havia sido leitura obrigatória analisada durante uma das disciplinas de mestrado, sua teoria tem muita relação e já se tornou um clássico quando a temática da identidade se faz presente. Assim, ao nos propormos realizar a análise da identidade

individual partindo da ideia de que esta só se dá por meio do coletivo, outras propostas de leitura foram se fazendo necessárias.

Constatamos em nossos estudos, que o romance, *Os Tambores de São Luís*, traz em seu enredo tantos personagens e fatos, que o levaram a ser analisado por uma variedade de viéses, e isso se deve porque em seu contexto nos deparamos com temas sobre religiosidade, sexualidade, feminilidade, identidade, territorialidade, entre outros. Entretanto, dentre essa vasta gama de assuntos, encontramos uma particularidade em comum, todos voltados para questão da negritude, tanto social como cultural, o que nos levou a descobrir por meio da investigação da fortuna crítica do autor uma diversidade de trabalhos voltados para diferentes temáticas e disparidade de áreas.

Isso se deve não só a multiplicidade de temas que o autor aborda, mas também pela recepção e divulgação que teve o romance desde sua primeira publicação em 1975.

A pesquisa demonstrou que muitos trabalhos foram realizados a partir de *Os Tambores de São Luís*, mas para a construção de um *corpus*, selecionamos alguns, e entre eles está a tese do pesquisador alemão Winfried Kreutzer datada em 1992, que faz uma minuciosa pesquisa e análise sobre a obra trazendo em seu contexto algumas bibliografias importantes que o antecederam nos estudos sobre Josué Montello e *Os Tambores de São Luís*. Acrescentamos a esses muitos outros textos, pois ao trabalharmos com a identidade de uma personagem da ficção, percorremos outras áreas na busca de obras que pudessem esclarecer nossas primeiras hipóteses, perpassamos não só à Crítica literária, mas também a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, e a História.

A pesquisa inicial foi pensada a partir da concepção de como estaria construída dentro do romance a identidade de Damião, assim chegamos à conclusão que não é possível haver uma identidade única, mas são várias identidades sempre em construção e desconstrução. Também encontramos que não se dão ou não se manifestam sem a alteridade, ou seja, sem a presença do outro. A escritora Zilá Bernd (2011) assim como outros teóricos que estudam sobre o assunto são unânimes na conclusão de suas pesquisas, que a identidade não nos é dada, mas é formada e transformada, e só é construída por meio da nossa interação com o outro.

Nessa perspectiva, analisando as identidades de Damião, compreendemos que são construídas e entram em conflitos quando a personagem passa por processos de escolhas. No romance Damião permanece muitas vezes entre sua vida privada e familiar, sua missão de lutar pelos negros, e sua carreira, e acima de tudo entre o ser negro e o ser branco, o que lhe

confere características de uma personagem complexa, ao que se explica de acordo com Stuart Hall (2002), a identidade só se torna um problema quando o sujeito entra em conflito.

Observamos por meio dos estudos realizados por Stuart Hall (2002), a denominação de “identidades culturais”, partindo das características das identidades que nascem por meio de nosso sentimento de “pertencimento” às culturas raciais, étnicas, religiosas e nacionais. Nesse sentido, quando relacionamos a trajetória de Damião com as palavras do autor, vemos que a personagem vive até certo tempo sobre a proteção do pai, mantendo este sentimento de pertencimento, o que ocorre também quando entra em contato com o som dos tambores, mas com as transformações sociais, pelas quais sua história incide, ou seja, o contexto da escravidão e todas as suas vertentes, vão alterar sua identidade pessoal.

Desse modo, temos no início da narrativa, um Damião que nos transmite a imagem de uma personagem muito segura de si, e ainda pelas suas primeiras reminiscências no espaço quilombola, essa ideia de identidade conflituosa ainda não estará em evidência, mas é a partir do momento em que seu pai morre que sua vida passa a ter outras direções, e Damião começa a questionar sua condição e as de outros negros que convivem com ele. È justamente nesse momento que há uma descentração, um deslocamento de sentido, a personagem já não sabe quem realmente é.

Isso vai se acentuar quando sai da fazenda pela segunda vez e se depara com um mundo que para ele seria a completude da sua carta de alforria, mas, porém, não foi acolhido da maneira imaginada. Damião passa assim da dor do cativo à realidade do racismo encontrado por ele na sociedade maranhense.

È precisamente esse o momento mais importante pelo qual perpassou essa análise, as causas e consequências que o racismo imprimiu na identidade da personagem.

Damião teve que reivindicar um espaço na sociedade branca e elitizada, mas quando o fez tentando ser como eles, no seu trajar e na negação de suas raízes, a força do racismo não lhe trouxe a aceitação almejada, a partir desse momento alguns sentimentos contraditórios exercerão forte influência em sua personalidade, pois, passará a lutar pelos seus irmãos de cor, porém, mesmo que esse fato lhe confira aspectos de uma identidade afro-brasileira afirmada, não só o desfecho, mas outras ações da personagem demonstrarão sua assimilação à cultura do branqueamento, enaltecida ao afirmar que só as misturas das raças poriam fim ao racismo, o que denota que durante sua trajetória, embora haja momentos em que se orgulha de suas raízes africanas, sobretudo quando está na Casa Grande das Minas, o olhar do outro sobre ele mesmo terá mais influência para a não afirmação da sua identidade do que o seu próprio olhar.

Assim, entende-se por meio da obra que, embora para a época o racismo não fosse o mesmo que vivenciamos no contexto atual, alguns aspectos não passaram por mudanças significativas, pois se manifestava por meio da não aceitação do negro em alguns lugares da sociedade. Damião não foi aceito pela Igreja e nem como professor de brancos, e mesmo encontrando lugar entre os seus iguais durante a luta abolicionista da qual participou, acabou por assimilar os valores da mestiçagem ao qual o narrador faz o elogio final, demonstrando que a identidade de Damião se afastou da reconhecida no início da obra por seu pai Julião.

O protagonista passou a ver harmonia com as misturas das raças, um desejo de branquear expresso pela sua alegria em ter um trineto bem moreninho, acabou assim por negar suas raízes e não mais se orgulhar de quem realmente era.

É certamente o episódio final da obra montelliana que levou Zilá Bernd (2011) a conceituar *Os Tambores de São Luís* à tendência *sacralizadora* da Literatura, pois até certo ponto o autor consegue nos manter presos a uma ideia de que sua obra penderia à função *desacralizadora*, mas chega um ponto da narrativa que esse ideal é desconstruído pelo próprio rumo que toma o protagonista, o de se orgulhar do trineto, que foi a força propulsora de sua caminhada desde o início da narração, por esse ser um tipo “bem brasileiro”, ou seja, um mulato.

Não houve no desfecho do romance o mesmo que houve durante a trajetória das personagens, os acontecimentos indicam que a construção de uma identidade afirmativa da negritude ocorreria, pois há no contexto da obra a luta e a celebração em virtude da conquista da abolição, há o som dos tambores que se faz presente durante todo o percurso de Damião, como analisado no romance, “aflora suas raízes africanas”, porém ao final, o protagonista presencia a morte do filho no bar em que entrou, e após esse episódio se alegra porque a cor negra em sua família foi clareando a cada geração, a exultação é que o trineto embora se chame Julião, “está mais para branco do que para preto” (MONTELLO, 1985, p.607).

Não se pode contrariar a intenção de Josué Montello de louvar a negritude, no sentido que Aimè Césaire canta em seu poema escolhido para uma das epígrafes dessa pesquisa, isso está posto no romance de várias maneiras, basta o som dos tambores presente em toda a trajetória da personagem como representação positiva da identidade cultural africana, ou ainda, é verificável essa tendência por meio das relações que Damião constitui com outros negros, seja pela luta que empenha durante todo o enredo em busca da liberdade, mas há também o seu oposto, o que fica compreendido, como já analisado, pela filiação do narrador e da própria personagem à ocultação da identidade negra por meio da mestiçagem que pende ao branqueamento.

Não desejamos que esse trabalho louve o etnocentrismo, devolvendo a pedra atirada, pendendo ao racismo *às avessas*, (BERND, 1994, p.15), mas que possamos por meio dessa análise da obra montelliana esclarecer que as identidades do negro brasileiro ao se construir e desconstruir, não poderiam se processar fora da alteridade, ou seja, sem o outro, seja esse outro branco ou negro, o que nos leva a compreender, de acordo com Bernd (2011), o raciocínio elaborado por Franz Fanon e Homi Bhabha, não se pode pensar na identidade de forma binária, neste caso branco *versus* negro, e para solucionar esse possível binarismo os pesquisadores encontraram sentido nos termos “entre lugar”, “intersticial”, ou “caminho do meio” como já analisado no contexto do trabalho.

Concluimos então, que Damião acaba por se manter nesse “entre lugar”, mas acabou pendendo para o lado do branqueamento, ao afirmar que a maneira de por fim aos resquícios do cativeiro seria por meio da clareação da pele negra, apoiando-se sempre no mito da mestiçagem, ele não “acolheu a diferença sem hierarquia” (BERND, 2011, p.29), o que se explica através de todos os conflitos vivenciados por ele justificados na época pelo seu fenótipo e origem.

Entretanto, Damião, apoiando-se na tendência da mestiçagem, como forma de apagar as divergências entre brancos e negros, não teve anulada a identidade construída pelas suas origens, mas também não excluiu a identidade exaltada pela sociedade branca, manteve-se assim no espaço intersticial.

Podemos justificar a identidade de Damião, que se manteve no caminho do meio, como a maneira encontrada por ele para burlar a sociedade racista. Em sua condição e época, não havia outra maneira para que pudesse viver pacificamente, e sendo Damião personagem fictício, foi a tentativa do autor de acabar com os conflitos do protagonista, o que conferiu ao desfecho do romance uma aparência de final feliz.

Embora, não possa ser o desfecho mais aguardado por alguns leitores, analisando as palavras Kabengele Munanga, a partir das considerações do escritor Frantz Fanon, em seu famoso livro, *Os condenados da Terra* (1961), se “a arma essencial dos colonizadores era a imposição aos povos colonizados das imagens negativas contra eles forjados”, como analisado em *Os Tambores de São Luís*, “portanto, para se libertarem, os povos colonizados deveriam, antes de mais nada, se desembaraçarem dessas imagens em si depreciativas” (MUNANGA, 2012, p. 6).

Diante dessas considerações, entendemos que Damião permaneceu mesmo no espaço intersticial ao louvar o mito da mestiçagem, não conseguindo livrar-se da imagem depreciativa que a ele foi conferida.

REFERÊNCIAS

- AMPARO, Flavia. **Melhores Crônicas Josué Montello**. 1º edição. São Paulo: Global, 2009.
- ANSELMO, Artur. **Um Romance de Cisão: “Os Tambores de São Luís”**. Tese (Doutrado). Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1977.
- APOLINÁRIO, J.R. **A escravidão negra no Tocantins colonial: vivências escravistas em Arraias (1739-1800)**. Goiânia: Editora Kelps, 2000.
- AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. São Paulo: Ática, 1974.
- BASTIDE Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e Negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana**. 4º edição, São Paulo: Global, 2008.
- BELFORT, Conceição. **A construção de uma Identidade Nacional na Obra “Os Tambores de São Luís”, de Josué Montello**. Tese (Doutorado). Departamento de Letras, Universidade Federal do Maranhão. 2013
- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 3º edição, Porto Alegre: UFRGS, 2011
- _____. **Racismo e Anti-Racismo**. 3º edição, São Paulo: editora Moderna, 1994
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- Biblioteca Educação e Cultura, **Literatura – Josué Montello**. Rio de Janeiro: Bloch Fename, 1980.
- BOSI, Alfredo, **Dialética da Colonização**, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. 2º edição. São Paulo: editora Perspectiva, 1970
- CANDIDO, Antônio. **A literatura e a Formação do Homem**. In: Ciência e Cultura. São Paulo: USP, 1972.
- _____. **Literatura e Sociedade**. 9º edição. Rio de Janeiro: editora Ouro sobre Azul, 2006.
- _____. **A nova narrativa”**. Revista de Crítica Literária Latinoamericana, ,v. 7, 2000
- _____. **Direitos humanos e literatura** In A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos. Editora Brasiliense, 1989.
- CIAMPA, Antônio. **A estória do Severino e a história da Severina**. 5º edição. São Paulo: Editora Brasiliense. 1996

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008

FERRETTI, Mundicarmo, **Matriarcado em Terreiros de Mina do Maranhão - Realidade ou Ilusão?** São Luís. Artigo, 2007.

_____. **A Mina Maranhense, seu Desenvolvimento e suas Relações com outras Tradições Afro-Brasileiras.** Universidade Estadual do Maranhão. Artigo, 2008.

_____. **Desceu na Guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís - a Casa Fanti-Ashanti.** São Luís, EDUFMA. Artigo. 2000.

_____. **Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão.** 2ªed. São Luís: EDUFMA, 1996.

_____. **Repensando o Sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas.** São Paulo: EDUSP. São Luís. FAPEMA. Artigo, 1995.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Conceitos de Literatura e Cultura.** UFJF, Juiz de Fora, 2005.

FERNANDES, Florestan, **O Negro no Mundo dos Brancos**, apresentação de Lilian Moritz Schwarcz, 2º edição, São Paulo: Global, 2007.

FERREIRA, Ricardo. F. **Afro-descendente: identidade em construção.** São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

_____. **O Brasileiro, O Racismo Silencioso e a Emancipação do Afro-Descendente.** Universidade de São Marcos, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

GAIOSO, Raimundo José de Sousa, **Compêndio histórico-político dos princípios da lavoura do Maranhão.** Editora Lim, 1818

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas.** 7º edição. Editora Ática. 2002

GOLDMANN, Lucien. **A Sociologia do Romance.** 2º edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

_____. **Da Diáspora: Identidades e Imediações Culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

IPEA-Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **As Políticas Públicas e a desigualdade Racial no Brasil: 120 anos após a abolição.** 1º edição; Org. Mario Theodoro, 2008.

JAMESON, Fredric. **O Romance Histórico ainda é possível?** Novos Estudos, 2007

KREUTZER, Winfried. **Estruturação e significação de Os Tambores de São Luís**. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro. 1992.

LARA, Silvia Honold. **Campos da Violência - Escravos e Senhores na Capitania do Rio de Janeiro 1750 -1808**. Editora Paz e Terra, 1988.

LEAL, Claudio Murilo, Josué *Montello*, **Academia Brasileira de Letras**; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2011.

LEITE, Lígia Chiappini M. **O Foco Narrativo**. 8º edição. São Paulo: Ática, 1997.

LUKÁCS, György, **O Romance Histórico**. 1º Edição. São Paulo: Boitempo, 2011.

LUZ, Marco Aurelio. **Agadá: Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira**. 3º edição. EDUEBA, 2013

LOPES, Nei, **Dicionário Literário Afro - brasileiro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

MONTELLO, Josué, **Diário Completo**, vol, I, II, III, Rio de Janeiro: editora Nova Aguilar, 1998.

_____, **Romances e Novelas**, vol II, Rio de Janeiro: editora Nova Aguilar, 1986.

_____, **Os Tambores de São Luís**. 6º edição. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 1985.

MOURA, Clóvis, **Dialética Radical do Brasil Negro**, 2º edição, São Paulo, 2014

MOURA, Clóvis. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Diversidade, Identidade, Etnicidade e Cidadania**. Departamento de Antropologia-USP. Artigo. 2012.

NETO, Miguel Leocádio Araújo. **A Sociologia da Literatura: Origens e Questões**. UFC, 2007. Artigo.

OLIVEIRA, Julvan Moreira. **A Identidade Nacional e as Ralações Raciais**. UFJF. Palestra, 2015.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. **Vetores da mestiçagem em Os tambores de São Luís (1975), de Josué Montello**. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Artigo.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Companhia Nova Fronteira, 1985.

RABECCHI, Ana Lúcia Gomes da Silva. **O fio da travessia: A perspectiva histórica em Os tambores de São Luís, de Josué Montello e A gloriosa família - o tempo dos flamengos, de Pepetela**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

ROSENFELD, Anatol. **Estrutura e Problemas da Obra Literária**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1976.

SANTIAGO, Silvino. **Uma Literatura nos Trópicos**, 2º edição. Rio de Janeiro. 2000.

SANTOS, Maria. Rita. **As personagens de cor na literatura brasileira e em “Os tambores de São Luís” de Josué Montello**. João Pessoa. Dissertação (Mestrado em Literatura) CCHLA – Universidade Federal da Paraíba, 1980.

SANTOS, Vilson Pereira. **Técnicas da Tortura: Punições E Castigos de Escravos no Brasil Escravista**. Artigo, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças - Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SCHWARCZ, Lilia Moritz, **Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, Trópica e Privacidade em Novo Mundo nos Trópicos**. Departamento de Difusão Cultural - PROEXT-UFRGS. Artigo, 2010

SILVA, Régia Agostinho da. **Escravidão e resistência no Maranhão: anúncios e fugas escravas no século XIX**. Universidade Federal do Maranhão. 2014

SOUZA, Eneida Maria. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2007.

SOUZA, Mario Aurélio dos Santos. **O Entre Lugar e os Estudos da Cultura**. Artigo.

TEIXEIRA, Marli Geralda. **Compreensões de Afrodescendência: um Conceito em Construção**. Artigo, 2014

THEODORO, Mario **As Políticas Públicas e a desigualdade Racial no Brasil: 120 anos após a abolição** – 1º edição –IPEA-Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Org, 2008.

ZANELA, Agda Adriana. **A epopéia maranhense de Josué Montello: desvendando a poética montelliana em quatro romances**. Tese (Doutorado). Programas de Pós-graduação da CAPES.2009.

SITES

Academia Brasileira de Letras. **Biografias, Josué Montello**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/josue-montello/biografia>>. Acesso em 08 jan. 2016.

Academia Brasileira de Letras. **Biografias, Josué Montello.** Disponível em <<http://www.academia.org.br/academicos/josue-montello/bibliografia>>. Acesso em 29 julho 2015.

ALBUQUERQUE, Wlamyra e FILHO, Walter Fraga. **Uma História do Negro no Brasil.** Disponível em: <acbantu.org.br/img/Pdfs/livro03.pdf> - Acesso em 22 out. 2016.

FERRETTI, Sérgio. **Contribuição Cultural do Negro na Sociedade Maranhense.** Disponível: <<http://www.gpmina.ufma.br/arquivos/CONTRIBUICAO%20DO%20NEGRO.pdf>>. Acesso em 14 nov. 2016.

FERRETTI, Sérgio. **Preconceitos e Proibições Contra Religiões e Festas Populares no Maranhão.** Disponível em: <<http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/bitstream/1/188/1/Preconceitos.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2016

FERRETTI, Sergio. **O longo declínio da Casa das Minas do Maranhão – um caso de suicídio cultural.** 2012. Trabalho apresentado na Mesa Religiões afro-brasileiras – trânsitos contemporâneos. 24ª Reunião Brasileira de Antropologia PUC/SP 02 a 05 Julho 2012. Disponível em: <www.museuafro.ufma.br/.../5e467aa1f2be08c8c4f0d4cf2190c346.pdf>. Acesso em: 19 set. 2016.

KOBS, Verônica Daniel. **A Metaficção e Seus Paradoxos: da Desconstrução à Reconstrução do Mundo Real/Ficcional e das Convenções Literária.** Disponível em: <http://www.cristovaotezza.com.br/critica/trabalhos_acd/metaficcao_veronica_kolb.pdf>. Acesso em 30 out. 2016

MENEZESI, Jaci Maria Ferraz. **AS DUAS PEDAGOGIAS: Formas de educação dos escravos; mecanismos de formação de hegemonia e contra-hegemonia Universidade do Estado da Bahia – UNEB,** Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/28/art10_28.pdf>. Acesso em 11 nov. 2016

MORIM, Júlia. **Casa Das Minas/Querebentã De Zomadônu.** Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 19 set. 2016.

REZENDE, Simone da Silva. **Quilombos no Brasil: A Memória Como Forma de Reinvenção da Identidade e Territorialidade Negra.** Disponível em: <www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/08-S-Rezende.pdf>. Acesso em 10 set 2016.

ROSA, Alexandre Reis - **Relações Raciais e Estudos Organizacionais no Brasil Race Relations and Organizational Studies in Brazil** - Artigo - RAC, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, art. 1, pp. 240-260, Maio/Jun. 2014 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac20141085>>. Acesso em: 10 nov. 2016

SANTOS, Jocélio, **De Pardos Disfarçados a Brancos Pouco Claros: classificações raciais no Brasil dos séculos XVIII-XIX.** Disponível

em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia32_pp115_137_Jocelio.pdf>. Acesso em: 15 out. 2016.

SEYFERTH, Giralda. **O futuro era branco - Obra de Brocos y Gómez deu margem a uma série de interpretações sobre as 'raças' do mundo. A mais decadente delas seria a negra.** Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/perspectiva/o-futuro-era-branco>>. Acesso em: 15 out. 2016.

SILVA, Vicentônio Regis do Nascimento. **Josué Montello: síntese do romance.** Disponível em: <<http://www.tirodeletra.com.br/folhetim/JosueMontello.htm>>. Acesso em: 29 julho 2015.

TETE. **Josué Montello: Sua Vida e Suas Obras.** Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/biografias/1620614>>. Acesso em 11 jan. 2016

VÍDEOS

VÍDEO ENTREVISTA COM JOSUÉ MONTELLO. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lhSZQh0fyO8>> Acesso em: 12 mar. 2016.

JANELA CULTURAL - RÁDIO UNIVERSIDADE FM - JOSUÉ MONTELLO. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hzCiKT6zXcg>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

JOSUÉ MONTELLO, ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wb8JncNOyec>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

ACERVOS

BIBLIOTECA NACIONAL. Acervo. Pasta: I 33, 25,010 - 012. Rio de Janeiro. Acesso em: 12 jan. 2017.

BIBLIOTECA NACIONAL. Acervo. Pasta: I 80,03, 004. Rio de Janeiro. Acesso em: 12 jan. 2017.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS - ABL. Acervo: 3 05 24. Pasta 7. Acesso em: 13 jan. 2017.

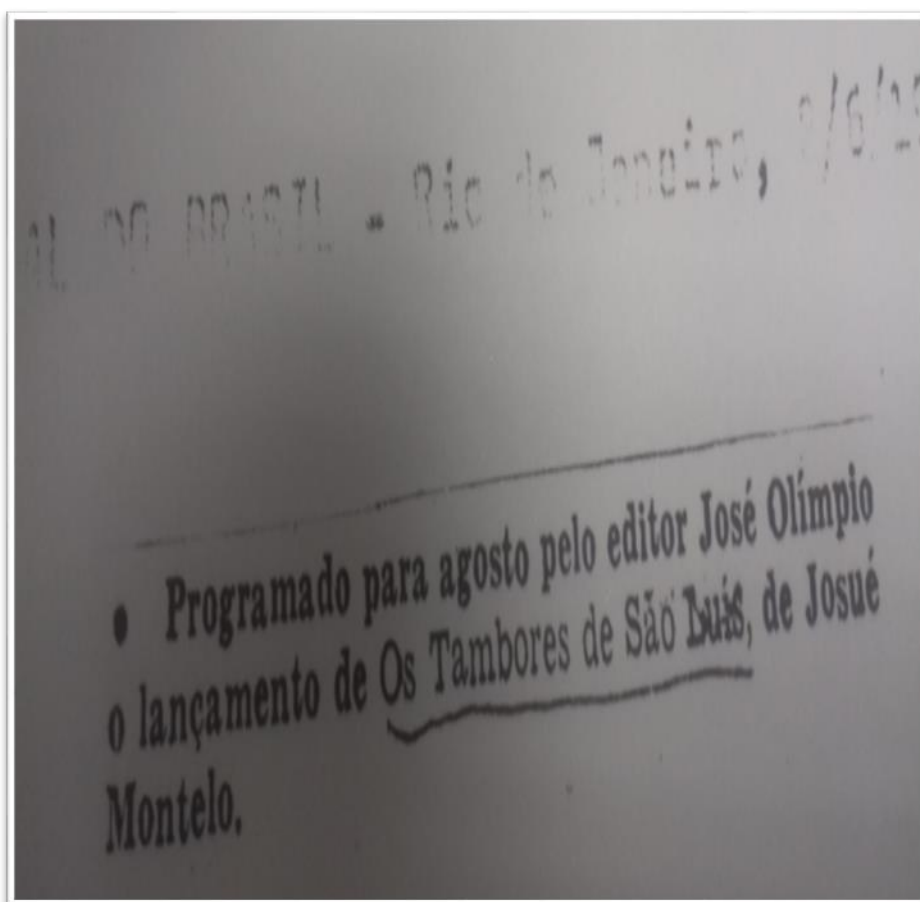
ANEXOS

As imagens a seguir têm como fonte arquivos da ABL (Academia Brasileira de Letras), acervo - 305 24. Pasta sete. Rio de Janeiro 13/01/2016. Com exceção da imagem da Mãe Andressa Maria feita por Roger Bastides, que encontramos em um site.

Houve a tentativa de fotografar também alguns arquivos na Biblioteca Nacional, mas não foi possível em virtude dos direitos autorais.

ANEXO A, B e C - manchetes de jornais a respeito do lançamento da primeira publicação do romance, *Os Tambores de São Luís* (1975), pela Editora José Olympio.

ANEXO A



ANEXO B

JORNAL DO QUARTIL - Rio de Janeiro, 30/11/1975.

lançamento do novo romance de JOSUÉ MONTELLO

Amanhã, 1.º de dezembro, às 19 horas, na sede da **MANCHETE**, na rua do Russell, 804, realiza-se a festa de lançamento do novo romance de **JOSUÉ MONTELLO, OS TAMBORES DE SÃO LUÍS**, uma primorosa edição da **JOSÉ OLYMPIO EDITORA**, com capa e ilustrações de Poty.

FAÇA DESTE ROMANCE SEU PRESENTE DE NATAL.

JORNAL DE LETRAS - Rio de Janeiro, dez./1975.

— Houve grande festa na Manchete, dia 1º, no lançamento do romance de Josué Montello, *Os tambores de São Luís*. —

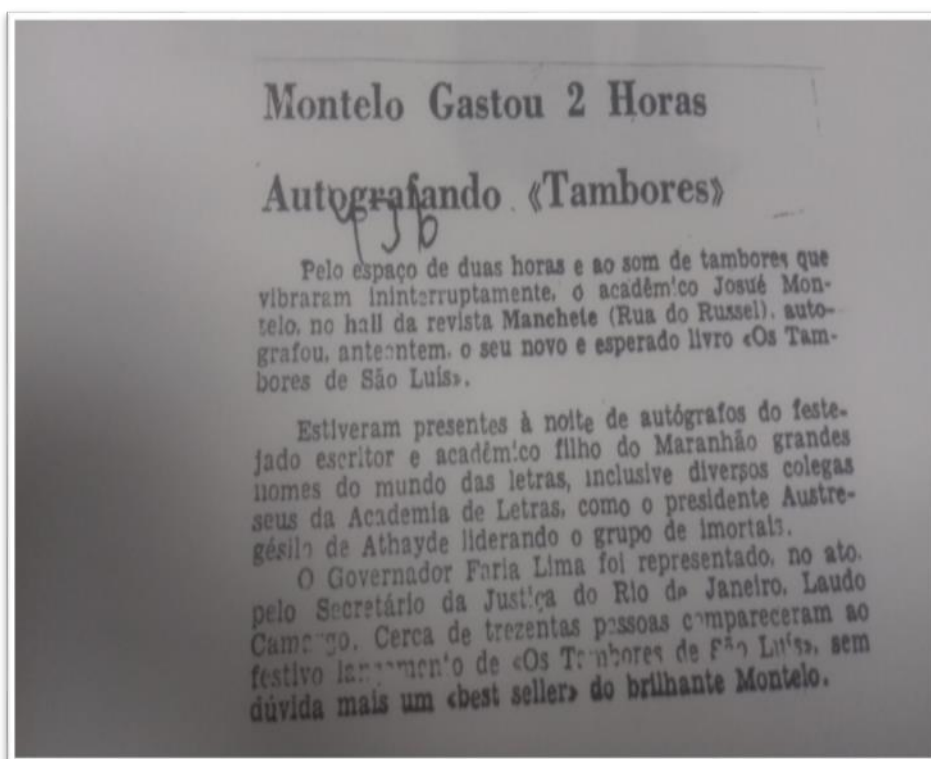
ANEXO C

O IMPARCIAL - São Luís, 2/2/1973.

— O escritor Josué Montello já entregou à Livraria Martins os originais do seu último livro — *Os Tambores de São Luís*, — escrito nesta cidade.

ANEXO D e E – Noite de autógrafos. Em destaque, foto da família Kubitschek

ANEXO D

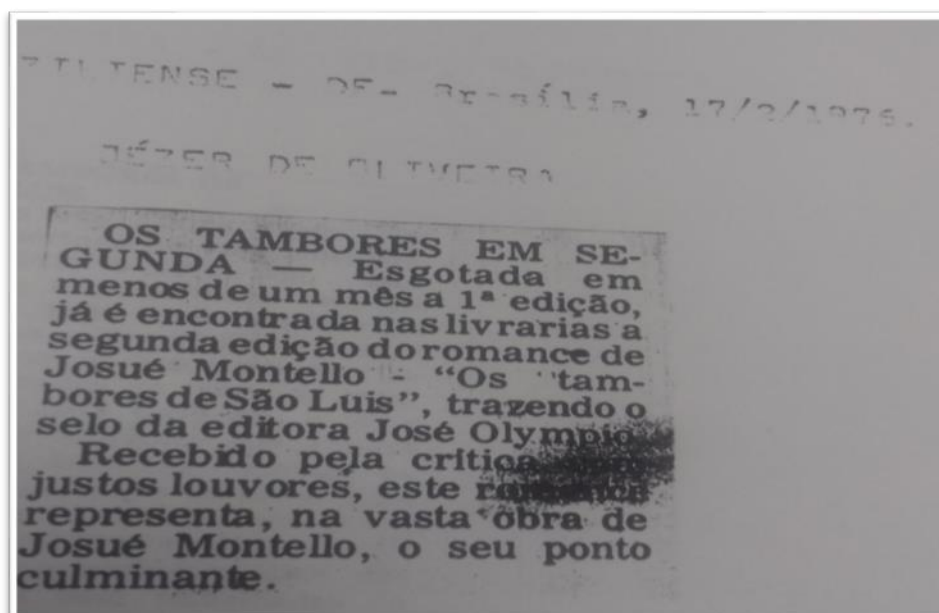


ANEXO E

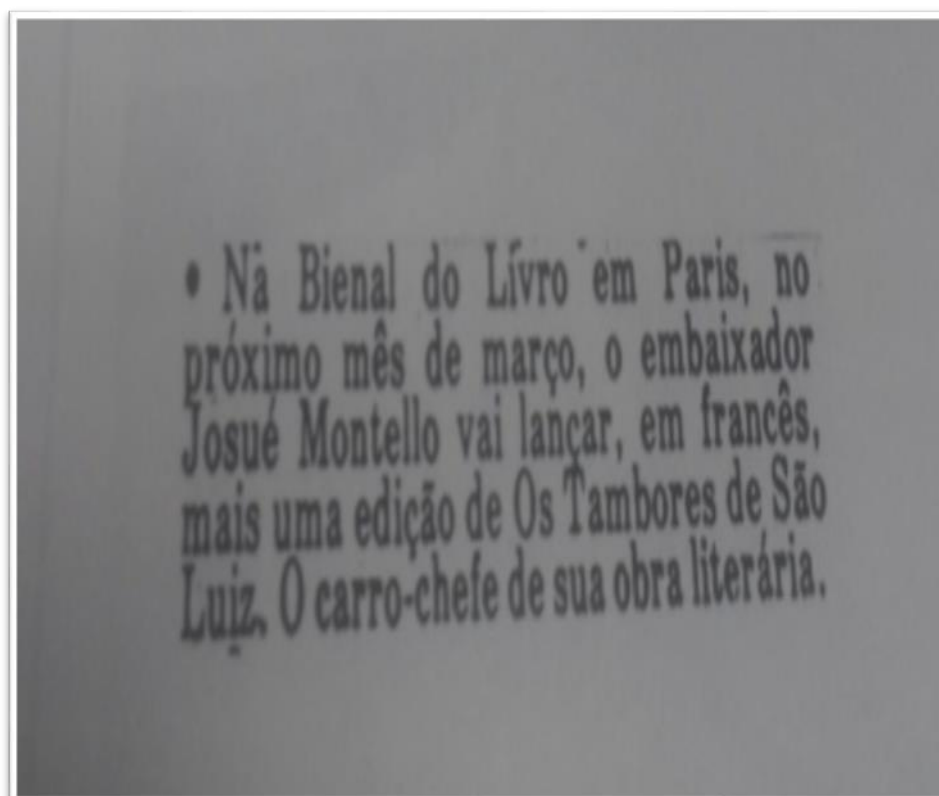


ANEXO F, G e H - Recepção do romance no Brasil e no mundo.

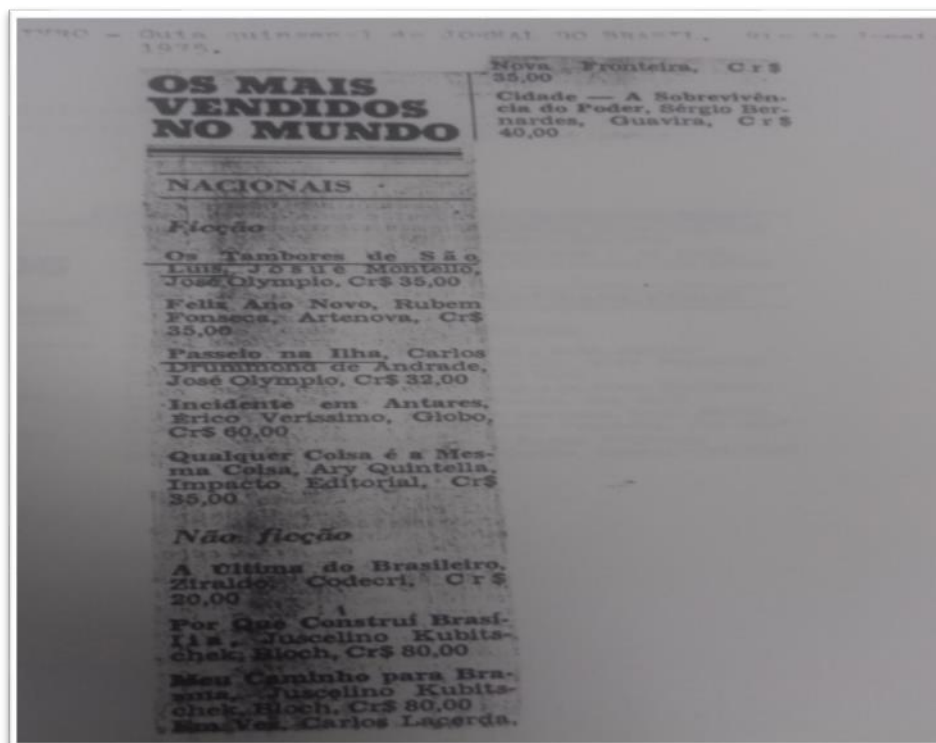
ANEXO F



ANEXO G

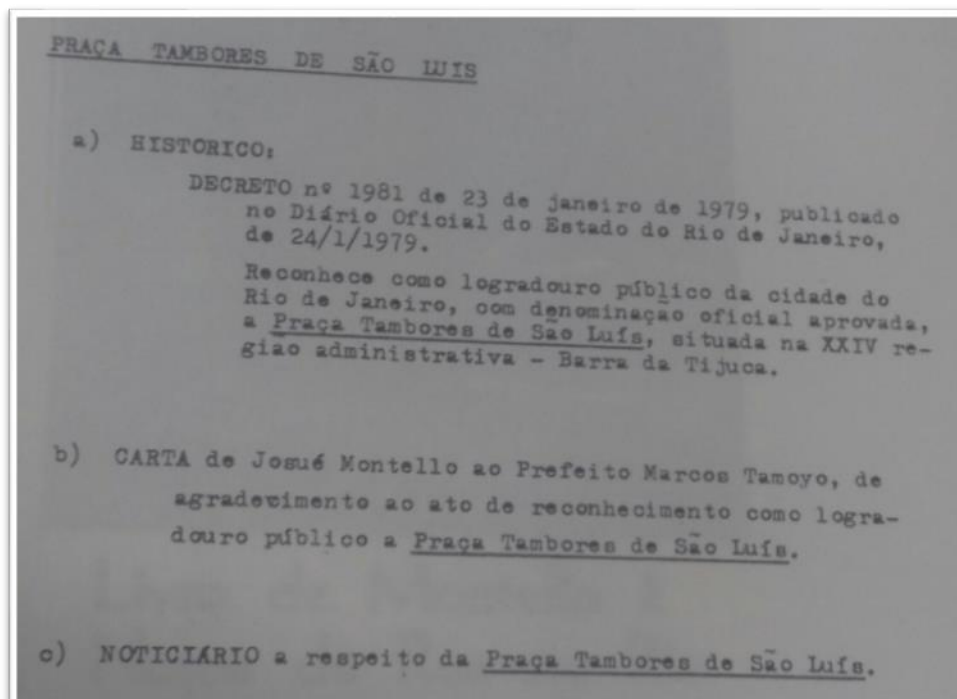


ANEXO H



ANEXO I

ANEXO I - Decreto de lei que homenageia o romance *Os Tambores de São Luís* (1975).



ANEXO J – Mãe Andressa (personagem do romance) com seu cachimbo de cabo longo.
Foto: Pierre Verger - Fonte: <http://www.pierreverger.org/br/>. Acesso em: 18 jan 2017.

ANEXO K

